

ODIRLEI MANARIN

PEÕES DA BARRAGEM

Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica de Itaipu - 1975 a 1991.

*Dissertação apresentada ao curso de mestrado de História e a Banca examinadora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras) como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação do **Professor Doutor Rinaldo José Varussa***

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História
2008**

ODIRLEI MANARIN

PEÕES DA BARRAGEM

Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica de Itaipu - 1975 a 1991.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História
2008**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

M266p	<p>Manarin, Odirlei</p> <p>Peões da barragem. Memórias e relações de trabalho dos operários da construção da Hidrelétrica de Itaipu - 1975 a 1991 / Odirlei Manarin. - Marechal Cândido Rondon, 2008</p> <p>147 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José Varussa</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2008.</p> <p>1. Trabalhadores - Itaipu - Luta de classe. 2. Foz do Iguaçu (PR) - Trabalhadores - Condições sociais. 3. Itaipu - Trabalhadores - Memória. 4. Oeste do Paraná - História. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.</p> <p>CDD 21.ed. 303.484098162 981.62 CIP-NBR 12899</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini Leitzke CRB-9/539

Banca Examinadora

Professora Doutora Heloisa Faria Cruz

Professor Doutor Antonio de Pádua Bosi

Professor Doutor Rinaldo José Varussa
(orientador)

Agradecimentos

Por se tratar de um trabalho coletivo, agradeço aos professores e alunos da linha de pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, na qual foi possível debater questões que em alguma medida estão presentes na pesquisa realizada. Assim como a professora Déa Ribeiro Fenelon no trabalho realizado na oficina de fontes, e a professora Heloisa Faria Cruz pelos apontamentos durante a banca de qualificação.

Aos trabalhadores que me receberam em suas casas e contribuíram para realização desse trabalho.

À Lurdes, Guilherme e Carmelito que me ajudaram ao acesso no arquivo e na biblioteca da hidrelétrica de Itaipu para o levantamento das fontes.

Aos amigos Cida e Antônio que me ajudaram antes e durante a pesquisa, me incentivando, apoiando e aceitando como hóspede sempre que estive em Rondon. Além das contribuições durante as várias conversas sobre o trabalho e as possíveis abordagens que poderiam ser analisadas. Também, ao professor e amigo Rinaldo José Varussa pelas contribuições, sugestões e debates sobre o trabalho.

À minha família, pelo apoio e compreensão dos momentos de ausência para confeccionar este trabalho. Em especial aos meus pais, que me deram todo o apoio material e emocional. E à Ana Beatriz por compreender e me ajudar nos meus diferentes problemas enfrentados durante a produção do trabalho.

Resumo

Esta pesquisa analisa as trajetórias dos operários que vieram em meados da década 1970 para a cidade de Foz do Iguaçu – PR, com o intuito de trabalharem na construção da barragem de Itaipu. Dialogando com os operários discuti-se as relações de trabalho vividas por eles durante as atividades no canteiro de obras, buscando entender os significados, percepções e sentidos durante aquela rotina de trabalho. Além da participação nas greves realizadas na usina, percebendo as maneiras como se organizaram na realização do movimento. Assim, problematizando a história projetada pelos administradores da barragem que apresentam a realização da obra num ambiente de compromisso entre ela e seus trabalhadores, entendendo essas questões a partir das experiências dos operários que emerge a dinâmica do processo de construção e composição passando a entrelaçar e constituir a história da usina e também da cidade compreendidas num mesmo campo de possibilidades, compartilhadas de experiências plurais, diferentes da memória que aparece cristalizada e perpetuada pela empresa.

Palavras-chave: memória, Itaipu, trabalhadores, trajetória, greve

El resumen

Esta investigación analiza la trayectoria de los trabajadores que habían venido en el centro de la década 1970 para la ciudad del estuario de Iguazu - banda, con la intención de trabajar en la construcción de la presa de Itaipu. Dialogando con los trabajadores que las relaciones del trabajo fueron discutidas vivió por ellos durante las actividades en los campos de trabajo, buscando entender los significados del fieltro, opiniones y durante esa rutina del trabajo. Más allá de la participación en las huelgas llevó a través en la planta, percibiendo las maneras como si estuvo tenido organizado en la realización del movimiento. Así, el problematización proyectó la historia para los administradores de la presa que presentan la realización de la ejecución en un ambiente de la comisión entre ella y sus trabajadores, entendiendo estas preguntas de las experiencias de los trabajadores que emergen la dinámica del proceso y de la composición de la construcción que comienzan también a entrelazar y a constituir la historia de la planta entendida y de la ciudad en un mismo campo de posibilidades, compartido de experiencias plurales, diversas de la memoria que ella aparece cristalizada y perpetuada para la compañía.

Palabra-llave: memoria, Itaipu, trabajadores, trayectoria, huelga

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
Capítulo I	
As trajetórias dos trabalhadores da barragem de Itaipu.....	21
Capítulo II	
Organização e práticas: nas relações de trabalho no canteiro de obras da Hidrelétrica de Itaipu.....	51
Capítulo III	
A última etapa da construção: greves, demissões e as trajetórias dos trabalhadores depois da barragem.....	93
Considerações Finais.....	139
Relação de fontes.....	142
Bibliografia.....	146



Apresentação

O objetivo desta dissertação é analisar as trajetórias dos operários que vieram em meados da década 1970 para trabalhar na construção da hidrelétrica de Itaipu, localizada na região oeste do Paraná, e as relações de trabalho vividas por eles durante as atividades no canteiro de obras, problematizando a história projetada pelos administradores da barragem que apresentam a realização da obra num ambiente de compromisso entre ela e seus trabalhadores.

A origem da escolha deste tema, em primeiro lugar, diz respeito à experiência compartilhada na condição de filho de um dos operários que veio do Estado de São Paulo no início das obras da barragem de Itaipu para trabalhar no ramo de construção civil, seguindo o caminho de tantos outros trabalhadores, motivados pela oferta do salário, com a intenção de melhorar a qualidade de vida da família. O segundo motivo deu-se pela percepção enquanto trabalhador e militante estudantil, propondo problematizar a memória divulgada pela direção da Itaipu sobre a construção, que, para atender seus interesses ofusca e omite as trajetórias, as experiências e as práticas dos operários no canteiro de obras.

Este tema vem sendo pesquisado desde a minha graduação no curso de História, quando abordei os estudos sobre o processo da demissão dos trabalhadores entre os anos de 1990 a 1993, período de finalização da construção da hidrelétrica. Naquele momento, estava interessado em saber o motivo que proporcionou a tais trabalhadores permanecerem na cidade de Foz do Iguaçu e como estavam vivendo após o término da obra.

Quando elaborei o projeto de investigação, para ingressar no programa de mestrado, optei pela ampliação do recorte da pesquisa e mudar sua problemática. Agora buscava refletir sobre as experiências dos operários que construíram a barragem de Itaipu, os quais trabalharam na execução dos serviços braçais no período de 1986, início da última etapa da construção da barragem, e, 1993 quando termina o processo de desmobilização dos trabalhadores. Assim, procurava entender como esses homens e suas respectivas famílias viveram os momentos das demissões, além disso, como

interpretavam as mudanças que sofreram depois da dispensa e onde estavam trabalhando.

Em meio às discussões nas disciplinas da pós-graduação, a participação em atividades realizadas no laboratório da linha de “Trabalho e Movimentos Sociais”, as oficinas de análise de fontes para estruturação da pesquisa com a participação de professores convidados de outras instituições e a mudança do professor orientador, possibilitaram amadurecer algumas questões e refinar o foco da análise. Direcionei este trabalho para a perspectiva de produção e investigação dos processos históricos que se referem às diversas práticas dos sujeitos coletivos e individuais, em suas diversas articulações com o social, na produção e transformação das relações de trabalho. Assim, passei a investigar os operários que trabalharam na construção civil da hidrelétrica de Itaipu entre os anos 1975 a 1991, analisando a trajetória ocupacional, os caminhos que possibilitaram chegarem na cidade de Foz do Iguaçu, as relações de trabalho no canteiro de obras, suas organizações na disputa pelo tempo de trabalho e, os momentos finais da construção da barragem. A investigação partiu das experiências dos trabalhadores, entendendo como avaliam sua participação durante o tempo em que trabalharam na Itaipu.

Assim sendo, esses operários que vieram para trabalhar no Projeto Itaipu vivenciaram um momento marcado pelo governo militar brasileiro no período caracterizado por ele do “milagre econômico”, que buscava implementar o crescimento industrial do país. O governo brasileiro passou a investir em grandes obras, que eram justificadas à sociedade como meios necessários para o desenvolvimento industrial da nação. Porém, para fomentar este crescimento era necessário melhorar a capacidade do país em fornecer energia elétrica a novos investidores.

A partir de 1973, com a assinatura do “Tratado de Itaipu”, selou-se a participação entre Brasil e Paraguai para realizar o aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná.¹

A construção nos marcos dos administradores da obra foi organizada em quatro etapas compostas dos trabalhos de construção civil e montagem eletromecânica. De setembro de 1974 até o começo do ano seguinte, o lugar escolhido para construção da

¹ Atos oficiais e legislação complementar. Rio de Janeiro, Itaipu Binacional - Biblioteca, Diretório Geral, 1977, p.29.

barragem passou a ser habitado por trabalhadores no desmatamento da área e no início das escavações para construir o “Canteiro Pioneiro” que era composto de instalações necessárias para a mobilização inicial da primeira firma empreiteira a ser contratada. De acordo com a Revista Construção Pesada de novembro de 1977, foram previstas as instalações de escritório, almoxarifado, oficina mecânica, carpintaria, laboratório de solos, laboratório de concreto, alojamento para funcionários e operários.²

Em outubro de 1975, foi assinado o contrato para realização da primeira etapa da construção. A obra civil do lado brasileiro ficou sob a responsabilidade do Consórcio UNICON - União de Construtoras Ltda³, quando se reuniram cinco empresas brasileiras de engenharia, devido ao porte e complexidade da obra, atendendo os requisitos da licitação realizada pela Itaipu. Do lado paraguaio fizeram o mesmo processo de contratação, em que as empresas se organizaram através do Consórcio CONEMPA S.R.L. ambas utilizaram as instalações do “Canteiro Pioneiro”, para mobilização dos trabalhos.

Seguindo o cronograma estipulado pelos administradores da Itaipu Binacional, os principais trabalhos realizados na primeira etapa da construção foram os serviços de escavação do Canal de Desvio e as Ensecadeiras Principais, Barragem de Enrocamento, Praças de Instalações Industriais, Concretagem. Além da compra de equipamentos como escavadeiras, caçambas, tratores de esteira, caminhões, etc; as instalações de produção e dos equipamentos principais de transportes e lançamento de concreto, necessários para obter os volumes previstos na programação da obra e a construção de rodovias com acesso a barragem.

O Canal de Desvio, primeira grande meta da construção, despreendeu muito esforço das partes envolvidas, pois só dele sairia 55 milhões de metros cúbicos de terra e rocha para escavar um desvio com a extensão de dois quilômetros e 150 metros de largura.⁴ A rotina desse trabalho iniciou com a limpeza da área, em seguida envolveu a

² Revista Construção Pesada: Energia Elétrica. Novo Grupo. Ed. Técnica. Ano 7 nº 82 novembro/1977. p. 142.

³ As empresas que fazem parte do consórcio são: Cetenco Engenharia S.A; Cia Brasileira de Projetos e Obras CBPO; Construções e Comércio Camargo Corrêa S.A; Construtora Andrade Gutierrez S.A e Construtora Mendes Junior S.A.

⁴ Apenas os caminhões fora de estrada mobilizados para construção deste canal chegaram aos seguintes números: 45 Terex, modelo 33-09, com capacidade de carga para 62,5 t cada; e 40 Wabco modelo W-75, com capacidade de carga para 75 t cada. In: Revista Construção Pesada – novembro/1977. p.156.

equipe do “fogo” para detonação das bancadas de rochas ou a lavagem delas com jatos de água. Após a liberação da equipe de segurança entravam em cena as máquinas do transporte pesado, para retirar os detritos que eram selecionados de acordo com sua qualidade e levados aos estoques, pois seriam utilizados no britador na composição do concreto ou no aterro da barragem. Esta rotina foi realizada até a profundidade ideal para construir o alicerce da barragem do Canal de Desvio.



Escavações no Canal de Desvio. Fonte Arquivo de Itaipu.

Ao término das atividades do setor de transporte pesado, passava os serviços para o setor de carpintaria, iniciando a preparação das caixas de madeira que serviam de estrutura para a armação das ferragens, finalizando a preparação da peça a ser concretada. Em síntese, seria este o procedimento organizacional dos trabalhos durante a construção desta atividade.

A conclusão do Canal de Desvio ocorreu no ano de 1978, finalizando a primeira etapa da obra com a detonação das duas Ensecadeiras, construídas para proteger a construção da estrutura de controle daquele canal. Isso permitiu dar início à segunda etapa, com a construção de Ensecadeiras, com noventa metros de altura, compostas de terra, argila, areia, pedra, rochas no leito natural do rio Paraná, realizada pelo setor de transporte pesado. Após o término dos braços isolando a área que seria construída a

barragem principal de Itaipu, iniciou-se o bombeamento de água e a retirada de toneladas de peixes que ficaram presos naquele espaço, seguindo o mesmo procedimento das obras da primeira etapa, entrando a equipe do transporte pesado com o maquinário para limpar o leito do rio. Em seguida, o setor do “fogo” na detonação das rochas a serem retiradas pelas máquinas na escavação, até chegar na base sólida, onde seria edificada a fundação da barragem. Tudo em ritmo acelerado para que o setor de carpintaria e armação preparasse a estrutura que receberia o concreto para atingirem o cronograma da obra que previa o fechamento da comporta para o ano de 1982.



Enscadeiras na margem natural do rio Paraná. Fonte: Arquivo de Itaipu.

Os Consórcios responsáveis pela prestação de serviços no canteiro de obras para construção da usina, também estavam encarregados da execução das atividades de organização da infra-estrutura adequada a receber os milhares de trabalhadores que viriam para participar da construção de Itaipu.⁵ A infra-estrutura incluiria a construção dos Conjuntos Habitacionais, equipamentos sociais, comunitários e recreativos, áreas de saúde, abastecimento, assistência social e na promoção de programas recreativos, de higiene e segurança no trabalho. Em conjunto com a diretoria Administrativa da Itaipu

⁵ Revista Construção Pesada, 1977. p. 176.

Binacional, passaram a executar as atividades referentes à complementação e edificação da infra-estrutura que pudesse atender a população ligada diretamente à construção.

No lado brasileiro, realizou-se a constituição de três conjuntos habitacionais. O Conjunto “A”, planejado com 2.200 unidades residenciais no período entre 1979/1980. Este, destinava-se ao trabalhador de nível médio e de estado civil casado. O Conjunto “B” destinava-se ao pessoal de nível superior e possui 185 casas. Após a conclusão da obra, este conjunto estava projetado para permanecer ocupado pelos funcionários de Itaipu. O Conjunto “C”, o mais próximo do canteiro de obras, destinava-se também aos casados, geralmente serventes. Inicialmente, foram construídas 1.300 residências. No decorrer das obras, esse número aumentou para 2.900. A construção neste conjunto é mais simples, em blocos de concreto, caracterizada como barracões cobertos com zincos, forro de isopor e geminadas, abrigando grupos de quatro famílias. E também o alojamento no canteiro de obras seguindo os mesmos critérios dos conjuntos. Estas duas últimas obras de infra-estrutura seriam desmontadas ao término da construção.⁶

Ao atingir a meta proposta pelo calendário da obra em 1982, com o fechamento do curso do rio Paraná, passou a ser formado o reservatório da barragem, celebrando também, o encerramento das duas primeiras etapas da construção de Itaipu e o início da terceira etapa composta principalmente pela formação do reservatório, instalação dos equipamentos hidromecânicos necessários à operação regular do Vertedouro e início da operação das primeiras unidades na casa de força do leito do rio. Segundo o Relatório Anual da Itaipu Binacional, após formar o reservatório da barragem, esta fase também marcou a retomada do fluxo normal do rio Paraná e os trabalhos conjuntos da construção civil e eletromecânica.

A última etapa tem início em 1986 e é caracteriza pela retomada e o prosseguimento das obras civis da Central de Itaipu no trecho da Casa de Força no antigo Canal de Desvio. Também foi composta pelos trabalhos de fabricação e entrega do restante dos componentes dos equipamentos elétrico-mecânico permanente, e na área de montagem dos mesmos na central hidrelétrica. A partir de 1988, os relatórios da usina passavam a divulgar a data final do término da construção projetada para o ano de 1991, como também apresentavam como pauta a preocupação em produzir energia elétrica

⁶ Construção Pesada. op. cit.

para os dois países, de forma a manter o equilíbrio do meio ambiente. Os últimos anos de encerramento dos trabalhos divulgam a realização de restauração na área da usina e as medidas administrativas de racionalização e redução de custos, tanto no nível de pessoal próprio como de serviços de terceiros, tendo em vista a implantação de uma estrutura organizacional, racional e lógica, visando reduzir gastos e aumentar a eficiência da usina.⁷

Os materiais produzidos pela Itaipu, os quais me propus investigar, foram selecionados durante o levantamento de fontes nos arquivos da hidrelétrica e corroboraram na percepção das ações e seleções dos assuntos que constituem sua trajetória no período das obras. Acredito que seria difícil proceder a uma análise sem entender as estratégias na organização dos operários e dos trabalhos no canteiro de obras. Dialogando com os materiais da Itaipu, procurei analisar como estes expressam e significam o período da construção. Deste modo, analisei a trajetória de edificação inseridas no campo da produção que disputa os sentidos, os valores, os significados, as memórias e as histórias da sua construção e constituição da barragem.

As narrativas contidas nos relatórios da barragem apresentam as condições favoráveis de produção no canteiro de obras destacando em especial “a assistência proporcionada nos aspectos de habitação, saúde, educação, alimentação, lazer e convivência social harmônica”. Ou seja, são determinantes para o excelente padrão de produtividade, por parte do contingente humano que atuava na área de Itaipu, contribuindo para construir uma imagem das relações de trabalho ali estabelecidas num ambiente saudável e em harmonia social dos diversos grupos presentes.

Outra questão evidenciada é a construção de uma história que apresenta suas fases, os desafios, as dificuldades, as conquistas dos engenheiros, o desempenho da equipe administrativa, os números e a grandiosidade da obra. Porém, os trabalhos elaborados pelos operários denominados “peões da barragem”, quase não se fazem presente, e, quando é citada aparece de forma a engrandecer a beleza da obra, homogeneizando e naturalizando os conflitos e as disputas no canteiro de obras.

A tônica na produção dos materiais por parte da administração da Itaipu Binacional sobre a construção, configura a divulgação dos seus recordes, sua

⁷ Relatório Anual. Itaipu Binacional. 1990. p.11.

importância para o desenvolvimento nacional, os serviços prestados para as comunidades regionais e o apoio dado ao turismo, que conseqüentemente estimula a economia da cidade. Em contrapartida, a participação dos trabalhadores no processo da construção é silenciada e pouco aprofundada, minimizando os sujeitos de “carne e osso” e destacando o gigantismo dos números e a produtividade do canteiro de obras.

A forma como a construção é lembrada e divulgada pela Itaipu Binacional demonstra o interesse de construir uma imagem que atenda aos seus interesses. Passa a ser evidenciado em seus materiais o argumento de dependência do país pelo fornecimento de energia elétrica que chega a 20% do total consumido no território brasileiro.⁸ No entanto, o tom de comemoração da construção, noticiando os resultados e recordes de produção, silenciam as experiências dos trabalhadores, suas dificuldades, o cansaço físico da rotina de trabalho e os conflitos no canteiro de obras. Enfim, o viver e o trabalhar desses operários que desempenhavam suas funções em turnos diurno e noturno com jornadas de trabalho de 10 a 12 horas, estabelecidas pela empresa, com intuito de cumprir os prazos determinados para realização das obras.

Outro passo para realizar esta investigação foi o diálogo com a produção bibliográfica sobre a cidade de Foz do Iguaçu, para entender como estava sendo abordada a temática da construção de Itaipu. Identifiquei, em partes, a assimilação de alguns elementos que compõem a “história oficial” da construção, referente à edificação dos bairros que acabou determinando a reorganização de alguns espaços urbanos da cidade com a formação das vilas residenciais de Itaipu.

De modo geral, as primeiras pesquisas⁹ ficaram caracterizadas pelo posicionamento crítico sobre a construção da barragem com ênfase nas discussões relacionadas às conseqüências dos acordos políticos entre Brasil e Paraguai, para a venda da produção de energia, tratados políticos, impactos sociais e ambientais, as disputas dos governos militares: Brasil e Argentina. Como também, as questões que envolveram o lugar da construção, a falta de planejamento, possíveis desvios de dinheiro

⁸ Em 2006, a produção de Itaipu atendeu 20% de todo o consumo de eletricidade brasileiro e 95% da demanda paraguaia. www.itaipu.gov.br.

⁹ PEREIRA, Osny Duarte. Itaipu – prós e contras. Editora Paz e Terra. 1974. SCHILLING, Paulo R. CANESES, Ricardo. Itaipu geopolítica e corrupção. São Paulo: CEDI, 1991. MAZZAROLLO, Juvêncio. A Taipa da Injustiça. 2ª Ed. São Paulo:Ed.Loyola, 2003.

público, a dívida externa contraída pelo Brasil, as indenizações dos agricultores expropriados para formar o lago da barragem.

Podemos constatar no manuseio dessas pesquisas que, antes do início das obras e nos primeiros anos dos trabalhos no canteiro, a hidrelétrica já era alvo de estudos e análises, devido aos impactos provocados dentro e fora da suas dependências. Também, possibilitou a compreensão que em meio às várias etapas da construção foram sendo constituídas de disputas, enfrentamentos e conflitos, muitos desses peculiares à Itaipu. Contudo, não se percebe uma investigação das trajetórias dos operários, nem mesmo os motivos que determinaram sua chegada a Foz do Iguaçu na perspectiva de empregar-se na barragem.

Outra abordagem da hidrelétrica de Itaipu diz respeito aos materiais produzidos pelos memorialistas¹⁰, que organizaram suas produções seguindo a trajetória dos ciclos econômicos, dos quais Itaipu, quase sempre, é caracterizada como o agente que proporcionou o crescimento demográfico e o desenvolvimento econômico do município juntamente com o ciclo comercial e turístico.

A forma como a edificação da barragem é abordada nas obras dos memorialistas é desconstituída de sujeitos, conflitos e embates entre Itaipu e os trabalhadores. Assim, é possível identificar facilmente esta construção linear dos períodos históricos no discurso oficial da cidade e na história oficial da hidrelétrica. No primeiro, o padrão de organização segue o caminho de escrever a história do município, a partir dos ciclos políticos e econômicos exaltando a vocação turística e o papel das classes dirigentes locais. No segundo, adota a ênfase nos números, recordes de produção e na edificação da infra-estrutura para atender os operários da construção como um ambiente que proporcionou o bom desempenho no canteiro de obras para cumprir as metas de produção, conseqüentemente promovendo o progresso local e regional.

Neste sentido, busquei investigar a edificação da barragem para além de um ciclo econômico, mas concebendo-a como um agente que influenciou na chegada de milhares de trabalhadores, e que determinou durante as obras as condições de vida e trabalho dos operários, em função dos prazos para realização da hidrelétrica.

¹⁰ SCHIMMELFENG, Otília. Retrospectos Iguaçuenses. Foz do Iguaçu, Editora Tezza, 1991. LIMA, Perci. Foz do Iguaçu e sua História. Foz do Iguaçu, Imprensa Serzegraf, 2001.

No que se refere, aos trabalhos acadêmicos¹¹ realizados a partir da década de 1990, os quais produziram, em alguma medida, uma reflexão crítica da construção da barragem de Itaipu, tendo como foco de análise o cotidiano dos trabalhadores no canteiro de obras e algumas das conseqüências vividas por eles, com o término da construção, pela falta de emprego. Além disso, o enfoque dado pelos trabalhos, percorreu as implicações de Itaipu para o município de Foz do Iguaçu, o déficit habitacional e o desenvolvimento comercial e turístico das décadas de 1980-90.

Durante a produção desta dissertação estabelecemos diálogos com os trabalhos de Maria de Fátima Ribeiro e Luiz Eduardo Catta, porém a partir de outros interesses de investigação. Esta escolha justifica-se pela intenção dos dois autores em analisar a vida dos trabalhadores no canteiro de obras no período da construção da barragem de Itaipu.

No trabalho de Maria de F. Ribeiro, “Memória do Concreto”, a autora centrou-se na discussão de três elementos que estavam envolvidos diretamente na construção da usina, buscando associar diferentes vozes “*que perderam alguma coisa com a construção*” - os agricultores expropriados de suas terras para formação do lago, as prostitutas e os “barrageiros”. No capítulo que se atém à discussão dos “barrageiros”, quando se refere à infra-estrutura realizada pela hidrelétrica e suas empreiteiras, a autora acaba avaliando como um espaço que promoveria integração entre os trabalhadores brasileiros de diferentes regiões do país e os trabalhadores paraguaios. Este caminho percorreu a análise de apresentar a experiência dos operários como única, porém, este ambiente não evidencia problemas, conflitos ou disputas, uma vez que “*sentiam-se orgulhosos, poder-se-ia dizer até felizes, de poderem cumprir com os prazos estabelecidos pelas construtoras da obra*”. Este trabalho identifica os operários que trabalharam na barragem como “os privilegiados” em relação a outros segmentos da cidade, pois estavam empregados, morando em residências concedidas pela empresa com atendimento hospitalar, educacional, transportes, entre outros. Com base nas problematizações realizadas sobre a memória edificada pela direção da Itaipu, identificamos que esta diferenciação é utilizada por ela para integrar os trabalhadores

¹¹ RIBEIRO, Maria de Fátima B. Memória do Concreto. Cascavel, Edunioeste, 2003. CATTÁ, Luis Eduardo. O cotidiano de uma fronteira. Cascavel, Edunioeste, 2003. CATTÁ, Luis Eduardo. A face da desordem: pobreza e estratégia de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu/1964-1992). Tese de doutoramento pela UFF, 2005. SOUZA, E. Belo Clemente. Estado: Produção da Região do Lago de Itaipu – Turismo e Crise Energética. Presidente Prudente, 2002.

numa suposta “memória hegemônica”, na qual os conflitos, os embates e as disputas dos trabalhadores não são evidenciados.

O que se buscou analisar neste trabalho é como os trabalhadores avaliam esta infra-estrutura e como ela foi se constituindo ao longo da construção, já que não estava pronto antes de muitos operários chegarem na cidade e iniciar os trabalhos no canteiro de obras. Portanto, achei necessário entender qual a necessidade de construí-la e com qual objetivo ocorreu esta organização.

Em relação ao trabalho elaborado por Luiz Eduardo Catta, “O Cotidiano de uma Fronteira”, buscou-se investigar a história da cidade de Foz do Iguaçu, no período “*da passagem de cidade pacata, tranqüila, esquecida do interior do Brasil, para uma nervosa, neurótica, moderna cidade do interior do país.*” Este trabalho estava interessado nas transformações vividas em Foz do Iguaçu com a construção da barragem, e os fatores que propiciaram transformações num tempo tão curto. No capítulo “A Vida em Itaipu”, buscava apresentar como, durante os dezoito anos em que transcorreram as obras de instalação da usina, nas “cotidianidades” das populações, principalmente aquela vinculada à obra. Apresentou em sua análise alguns dos mecanismos criados para a manutenção da ordem dentro desse espaço, evitando um conforto, possível ou imaginável, entre a empresa e os trabalhadores. Além disso, demonstrou ao longo da sua produção uma crítica sobre a construção da barragem e sua organização. Porém, o dia-a-dia dos trabalhadores mostrou-se numa análise de fora, sem problematização das fontes e refém das reportagens do “Jornal Nosso Tempo”, o qual se constituía por outras disputas não avaliadas pelo autor, mas que serviu em alguma medida para denúncia de trabalhadores contra as condições de trabalho no canteiro de obras. Este trabalho se caracterizou por uma descrição de algumas disputas entre os trabalhadores e a empresa, mas ficou configurado pela experiência e vivência que construiu ao longo da sua chegada na cidade como professor, do que uma investigação das relações vividas pelos trabalhadores.

Portanto, o que se evidencia nos trabalhos acadêmicos citados, é uma definição de posturas distintas que são generalizadas para o conjunto daqueles trabalhadores que procuravam emprego na hidrelétrica. A população mais carente, geralmente desqualificada em termos profissional aceitava qualquer salário e quaisquer condições

de trabalho para sobreviver. Ao passo que os barrageiros com qualificação aceitavam o emprego não apenas pelo salário oferecido, mas pelas garantias de contrato firmado com as empreiteiras, em que necessariamente estava inserido habitação, alimentação, transporte, escola para os filhos, tudo gratuitamente. Definindo que sem esses benefícios não se arriscavam.¹²

Sem dúvida a infra-estrutura da hidrelétrica é apresentada pelos trabalhadores como uma das condições para permanência na cidade. Contudo, me interessei em saber como sua edificação foi sendo constituída a partir dos embates entre os trabalhadores e a barragem. Pude perceber essas questões quando os trabalhadores argumentam as dificuldades iniciais para arrumar uma casa, pois somente após o tempo de experiência no trabalho e efetivação na empreiteira – cerca de seis meses – poderiam entrar na fila de espera para conseguir o direito de morar no bairro operário. Além disso, as entrevistas indicaram que os trabalhadores para negociar com o encarregado a permanência na cidade alegavam que a família estava longe, e que desta forma não teriam condições de trabalhar, somando-se a necessidade de viajarem e pegarem dias de folga, indo contra os interesses de produção do canteiro de obras.

Ao abordar tais questões, percebi que os operários da barragem de Itaipu foram se condicionando ao ritmo de trabalho proposto e controlado pela empresa, como também a organização da moradia, composta de segurança privada para controlar a entrada e saída de pessoas que residiam ou não no bairro, em horários pré-estabelecidos para fazerem festas, freqüentarem os bares ou permanecerem nas ruas, de modo que tais medidas extraíssem dos operários a produção necessária para construir a barragem dentro dos limites assinalados pelo calendário de obras. Portanto, Itaipu e suas empreiteiras tentavam estruturar a vida no bairro a partir desses elementos levando em consideração costumes, valores, práticas dos trabalhadores dentro e fora do trabalho. Neste sentido, busquei problematizar tais controles, pois em alguma medida os operários agiam como também reagiam, mesmo que restritos às condições colocadas pela empresa. Procurei apontar ao longo do trabalho algumas dinâmicas que determinaram a organização da empresa na edificação da infra-estrutura de forma a atender os interesses dos trabalhadores.

¹² CATTA, op. cit. p. 83.

Inicialmente, quando formulei o projeto de mestrado aceitava o enquadramento desses trabalhadores, a partir desta historiografia da construção, como “barrageiros”, que seria uma categoria bem diferenciada, que se deslocava de obra em obra permanentemente, independente da localização da barragem. No entanto, as discussões na linha de pesquisa da pós-graduação possibilitaram-me repensar alguns conceitos usados na investigação histórica. Raymond Willians coloca:

“Quando percebemos de súbito que os conceitos mais básicos – os conceitos, como se diz, dos quais partimos – não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos, não há sentido em se dar ouvidos aos seus apelos ou seus entrechoques ressonantes. Resta-nos apenas, se o pudermos, recuperar a substância de que sua formas foram separadas.”¹³

Assim, busquei a partir desta reflexão entender a categoria “barrageiros”, não como estática e definida como diferenciada e que se deslocam de obra em obra permanentemente, não importando a distância. Ao direcionar minha análise, à luz desse autor, às narrativas produzidas com os trabalhadores percebi que a categoria por si apenas, não dá conta de explicar os motivos da chegada para trabalhar na cidade, muito menos, definir que eram trabalhadores aventureiros, que gostavam de migrar para outras cidades e construções.

Compreender o universo desse grupo de pessoas e o que significava ser funcionário de Itaipu durante o período em que a obra foi construída, não era apenas descrever o ambiente de trabalho ou de moradia e apresentar a fala do trabalhador para comprovar ou legitimar a pesquisa. Para entender essas questões levei em consideração o presente, como momento de produção das avaliações desses trabalhadores, do qual ele vai se nutrir para interpretar o passado, assim como, o período que trabalharam na construção corresponde também às expectativas que determinaram a chegada na cidade.

Na produção desta historiografia, com a qual busquei dialogar, o que evidenciei é a intenção de estabelecer uma crítica, sobretudo, da construção da barragem e seus impactos sociais, ambientais e culturais no âmbito local e regional. Pode ser mensurado que contribuíram, em alguma medida, quando buscavam apresentar outras interpretações e aspectos da usina, trazendo para a discussão outros elementos que não são utilizados

¹³ WILLIANS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

para compor a perspectiva construída pelos administradores da Itaipu Binacional, como um ambiente harmônico e sem conflitos numa relação de causa e efeito.

É claro que não podemos apenas assimilar aquilo que já foi proposto e aceitar definições que entendemos como generalizantes, esvaídas da análise processual que assume a conformidade em afirmações que caracterizam um período histórico como estático. Isto posto, coloca-se ao historiador seu olhar político para com a sociedade, seu compromisso com o passado-presente na projeção de um futuro diferente.¹⁴

Neste sentido, o livro “Muitas Memórias, Outras Histórias”¹⁵ foi importante e me ajudou a entender o caráter ativo da memória na construção histórica, no estabelecimento de forças hegemônicas. Nesta relação, percebemos que as memórias são produzidas na vida cotidiana e reavivar lembranças e narrativas dos sujeitos silenciados e dissentes, possibilitou apresentar outras histórias sobre o processo da construção. Isso demonstrou que a memória se materializa a partir de diferentes meios, colocando-se ao historiador o compromisso social e político que define o ofício e que o constitui a dimensão objetiva do seu estudo.

Entre os vários artigos que compõe o livro “Muitas Memórias, Outras Histórias” que ajudaram sistematizar a investigação desta dissertação, foi significativa a leitura do texto de Laura Antunes Maciel “Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa (1880/1920)”¹⁶ que analisa os estudos entre imprensa, memória e vida urbana na expansão do telégrafo e da comunicação telegráfica no Brasil. Este artigo me permitiu pensar o poder que o jornal tem na elaboração de construções históricas e na formação da opinião pública, e, em construir uma memória social hegemônica. Este texto nos ajuda a compreender um dos mecanismos utilizados pela direção da Itaipu Binacional para relatar as rotinas da sua construção. Assim, ao trabalhar com as fontes jornalísticas vinculadas a hidrelétrica busquei entender qual as dinâmicas e projetos que o jornal tentava estabelecer com os trabalhadores e outros agentes.

¹⁴ SARLO, Beatriz. “Um olhar político em defesa do partidarismo na arte”. In: Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 1997.

¹⁵ FENELON, Dea Ribeiro; MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. (orgs). Muitas Memórias, Outras Histórias. Ed. Olho d’água, SP. 2004.

¹⁶ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação Telégrafo e Imprensa – 1880/1920. In Muitas Memórias, Outras Histórias. Ed. Olho d’água, 2004.

Os operários, ao narrarem sobre os trabalhos durante a construção, interpretam como se situavam durante as jornadas de trabalho e quais os artifícios para permanecerem empregados, e administrar as cobranças dos encarregados para cumprirem as metas de produção. Para sistematizar a análise do conhecimento dos operários sobre as regras do jogo que estavam submetidos no canteiro e obras e fora dele, foi importante a leitura do texto de Eric Hobsbawm “Costumes, salários e carga de trabalho na indústria do século dezenove”¹⁷ no qual o autor problematiza os modelos explicativos para definir o funcionamento nas relações entre patrão e empregado sobre a produtividade do trabalho. Este texto me ajudou a pensar como os trabalhadores agiam a partir das relações estabelecidas na construção e como interpretavam as regras organizadas pela empresa, atendendo o perfil de funcionário valorizado com intuito de permanecer empregado na barragem, desenvolvido principalmente no segundo capítulo.

A confecção dos depoimentos com os operários tiveram como apoio às reflexões propostas por Alistair Thomson, no texto “Recompondo a Memória”¹⁸ que apresentou como proposta aos interessados em investigar as experiências vividas por indivíduos e grupos que foram deixadas de lado, das narrativas históricas anteriores, ou que foram marginalizadas, para não correr o risco de reduzir esta análise somente às experiências dos trabalhadores e perder de vista que elas são construídas e constituídas em relação a outras determinações, uma vez que os procedimentos do historiador ao construir um conhecimento também instituem memórias. Assim, avaliando as evidências apresentadas pelos trabalhadores busquei analisar em sintonia com a organização da empresa, entendendo este processo dinâmico e que expressam significados e sentidos sobre a construção.

O entendimento do uso de fontes orais, neste trabalho, vai na direção de possibilitar um conhecimento dos fatos atribuídos aos sentidos que valorize a experiência e a interpretação do grupo que vivenciou, não implicando apenas em ligar o gravador e aguardar o entrevistado falar sobre sua vida e depois descrever sua fala romantizando sua experiência, longe de conflitos, disputas e interesses, mesmo quando isso aparentemente não ocorre. Por isso, esta fonte requer como qualquer outra, uma aproximação crítica, como aponta Thomson: “ao narrar uma história, identificamos o

¹⁷ HOBBSAWM, Eric. Os trabalhadores: estudos sobre a história do operário. 2ª ed. Paz e Terra. SP.2000.

¹⁸ THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória. Revista Projeto História. São Paulo, nº 15, 1997.

que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser”.¹⁹ Ou seja, as memórias não serão produzidas exatamente como as situações aconteceram no passado, mas estarão constituídas num processo de construção e reconstrução para atender as aspirações movidas pelo presente vivido pelo entrevistado/narrador.

De um modo geral, vejo a necessidade de problematizar a memória idílica e edificada ao longo da construção desta barragem, tanto pelos materiais vinculados à empresa, quanto às produções historiográficas que narram uma história em que os trabalhadores assistiram passivamente toda a mudança geográfica e social da cidade, apontando para a idéia de que os trabalhos realizados neste lugar ocorrem com base no compromisso entre os trabalhadores e a hidrelétrica.

O texto de Yara A. Khoury, “Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na História”²⁰ apresenta uma análise de que a memória constitui-se uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e legitimação do poder. Neste sentido, ao produzir um estudo sobre a memória dos trabalhadores e da hidrelétrica, a concebemos como objeto de estudo da história e não um simples pacote de recordações, previsto e acabado. De acordo com a reflexão de Yara Khoury, considerando a história como um processo de disputa entre forças sociais, influenciou o meu olhar para compreender a construção da barragem a partir das relações entre trabalhadores e a empresa durante as obras. Ao mesmo tempo, identificando as formas cristalizadas de dominação de uma memória sobre as demais, que possibilite desconstruir a naturalização das relações de dominação que permeiam a vida dos trabalhadores. Uma vez que, o controle da memória produzida pela direção da hidrelétrica procura edificar a imagem de uma construção harmônica com a união de dois povos – brasileiros e paraguaios – que juntos somaram para construir a maior usina do mundo, juntamente com a infra-estrutura montada pela barragem que proporcionou a construção ter um ambiente ideal para o cumprimento do calendário das obras.

Tendo em conta os elementos acima apontados, ao longo desta investigação foram realizadas nove entrevistas entre os trabalhadores empregados no Consórcio

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 57.

²⁰ KHOURY, Yara A. Muitas memórias, outras história: cultura e o sujeito na história. In *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Org. FENELON, Dea Ribeiro. Olho d’água, maio/2004.

UNICON, das quais utilizei diretamente seis. Assim, o perfil destes trabalhadores seguiu pelo tempo trabalhado na barragem, acima de seis anos, moradores durante o período da construção no bairro operário Conjunto “C” e que ainda residissem neste lugar.

Para auxílio e sistematização das entrevistas, foi elaborado um roteiro para nortear o diálogo, procurando sempre deixar claro o objetivo da conversa e o posicionamento político que me levava a pesquisar os trabalhadores da construção da barragem. Para confecção deste roteiro e a realização das entrevistas, as reflexões de Alessandro Portelli, contribuiu para compreendermos este processo como uma troca entre dois sujeitos, ou seja, um experimento em igualdade, como sugere o autor.²¹ Isto quer dizer que tanto o pesquisador quanto o entrevistado, estarão se observando, e cabe ao primeiro a percepção de análise da subjetividade das narrativas que estão engendradas por experiências compartilhadas com outros sujeitos. Procurei sempre levantar questões que, muitas vezes, buscassem problematizar as contradições produzidas ao longo da conversa.

O roteiro utilizado nas entrevistas, não teve como objetivo enquadrar um número de perguntas, cuja finalidade fosse confirmar as hipóteses ou interpretações pré-constituídas pelo pesquisador sobre as ocupações de trabalho anteriores, as rotinas de trabalho e o momento da demissão dos trabalhadores. Até porque, na conversa o entrevistado pode acabar respondendo às questões antes mesmo de enunciá-las, ou as perguntas levantadas podem não fazer sentido para a realidade daqueles trabalhadores. Afinal, em cada entrevista os trabalhadores podem construir suas memórias de modo específico, permeadas de acordo com suas situações do cotidiano, com suas emoções e com a relação constituída no momento da entrevista.

No processo de igualdade sugerido por Portelli, cabe ressaltar que esta relação não depende da boa vontade do pesquisador, mas de um conjunto de relações, pois o contexto da elaboração influencia o comportamento do entrevistado e também as questões propostas pelo pesquisador. Por isso, me dispus a trabalhar com a memória dos trabalhadores de Itaipu procurando compreendê-las em suas singularidades, e também as explorando de maneira relacionada na dinâmica social mais ampla. Portanto, as

²¹ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. In Revista Projeto História – Cultura e Representação, nº 14, 1997. Também o texto: A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo. Universidade Federal Fluminense. Vol. 1. nº 2. 1996.

entrevistas produzidas partiram de questões que orientava o depoimento dos trabalhadores a falarem de suas trajetórias de trabalho antes, durante e depois de Itaipu, das relações de trabalho presenciadas no canteiro de obras da barragem e de suas avaliações neste processo.

Assim, a dissertação está organizada em três capítulos:

No primeiro capítulo analiso as trajetórias dos trabalhadores que chegaram a Foz do Iguaçu, durante a década de 1970, para trabalhar na construção da hidrelétrica de Itaipu. Para este objetivo, utilizei as entrevistas com os trabalhadores que me permitiram entender suas expectativas na busca pelo emprego na obra, as dificuldades enfrentadas quando chegaram na cidade até conseguir emprego, moradia e adaptação ao serviço.

Além disso, analiso a maneira como os administradores da Itaipu Binacional produzem uma memória oficial da construção, problematizando as mudanças durante os trabalhos, os marcos escolhidos e a trajetória da edificação guiada pelas fases, desafios e conquistas. Utilizo o Jornal “Canal de Aproximação”, Relatório Anual e o livro “Itaipu, a luz”, todos de responsabilidade da hidrelétrica.

No segundo capítulo, analiso as relações de trabalho no canteiro de obras, especificamente do setor de transporte pesado através das narrativas dos trabalhadores. Busco analisar como a empresa se organizou para dirigir os trabalhos no canteiro de obras, as estratégias utilizadas para extrair o máximo de trabalho dos operários. Para isso, utilizo o Contrato de Prestação de Serviços do Consórcio UNICON e alguns artigos de seu jornal, possibilitando identificar parte da estruturação das práticas que compuseram as dinâmicas de trabalho dos operários na obra. Tais organizações podem indicar as maneiras como os operários entendiam as regras do jogo, como pautavam seu comportamento durante os trabalhos.

No terceiro capítulo, analiso a partir das experiências dos trabalhadores os momentos finais da construção da barragem, como avaliam sua participação durante o tempo que trabalharam na Itaipu, os motivos que influenciaram na permanência em Foz do Iguaçu e o que estão fazendo hoje. Além disso, busco analisar a participação deles durante as greves realizadas na usina, percebendo as maneiras como se organizaram na realização do movimento e qual seu objetivo. Percebi quais os marcos construídos pela direção da Itaipu Binacional para solidificar sua história de um projeto “desnecessário”,

para uma prioridade nacional na última etapa da construção. Pretendi, neste capítulo problematizar as escolhas que compõem tal memória através das lutas, disputas e angústias dos trabalhadores durante os últimos anos dos trabalhos em Itaipu.



Vista geral do complexo hidrelétrica de Itaipu

- 1 Barragem de terra da margem direita
- 2 Vertedouro
- 3 Calhas do vertedouro
- 4 Barragem lateral direita
- 5 Barragem principal
- 6 Estrutura de desvio
- 7 Blocos de ligação da margem esquerda
- 8 Barragem de enrocamento
- 9 Casa de força – 1ª etapa – 15 unidades
- 10 Casa de força – 2ª etapa – 3 unidades

Produzido a partir do livro “Itaipu a luz”. MONTEIRO, Nilson. Itaipu, a luz. op. cit. p. 22-23.

CAPÍTULO I:

As trajetórias dos trabalhadores da barragem de Itaipu.

O objetivo deste capítulo é analisar as trajetórias e experiências dos trabalhadores que vieram em meados da década de 1970 para trabalhar na construção da hidrelétrica de Itaipu. É também, a partir das experiências dos operários que emerge a dinâmica do processo de construção e composição da barragem. Assim, analisando as expectativas desses trabalhadores na busca pelo emprego na obra, as dificuldades enfrentadas quando chegaram na cidade até conseguir emprego, moradia e adaptação ao serviço, passando a entrelaçar e constituir a história da usina e também da cidade são compreendidas num mesmo campo de possibilidades, compartilhadas de experiências plurais, diferentes da memória que aparece cristalizada e perpetuada pela empresa.

Este capítulo também analisa alguns materiais produzidos pela direção da Itaipu Binacional que estabelece seus marcos da construção, guiados pelas fases, os desafios, as conquistas o desempenho da equipe administrativa, compondo uma suposta memória hegemônica sobre a edificação da barragem. Esta “memória” dominante que se pretende ser hegemônica, necessita integrar a participação dos trabalhadores que estiveram presentes neste processo. Neste sentido, justifica-se a maneira como a empresa confecciona esta memória de acordo com seu interesse, em que os trabalhos elaborados pelos operários denominados “peões da barragem”, quando citados, aparecem de forma a engrandecer a importância e a beleza da obra.

A partir dessas questões, propõe-se estabelecer o diálogo com os materiais produzidos pela direção da Itaipu e os depoimentos dos trabalhadores para problematizar a constituição da “memória oficial” da construção. O interesse desta pesquisa é compreender como os trabalhadores viveram tais situações, uma vez que entendemos estas relações como disputas, onde valores são projetados, elaborados e perpetuados num processo de construção e reconstrução do passado. Portanto, as memórias e experiências dos trabalhadores da barragem de Itaipu produzidas no presente, constitui-se como expressão de sentidos, valores e significados.

O artigo de Yara A. Khoury, sobre a cultura e o sujeito na história, referindo-se a historiadores comprometidos com a realidade social, relacionando a reflexão histórica na

dinâmica social mais ampla, contribui para pensar os modos como os processos sociais criam significações e como estas interferem na própria história.

Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista. Nesse sentido, temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social.²²

Portanto, inserido nesta perspectiva de trabalho, busco entender como os trabalhadores interpretam a chegada na cidade de Foz do Iguaçu, em quais condições, interesses e objetivos. Ao construir sua avaliação a partir de seu próprio ponto de vista, os momentos que marcaram suas trajetórias, vão possibilitar explorar modos como as narrativas abrem e delineiam horizontes na realidade social. Assim, estas pretensões estão impulsionadas pela perspectiva de transformação do presente, que possibilita avançar na valorização das experiências dos trabalhadores, diferente da imagem propagada pela administração da usina.

O projeto de construção da hidrelétrica de Itaipu vem sendo associado ao longo das obras como um empreendimento de binacionalidade que tinha como desafio dominar e aproveitar a energia do rio Paraná, no qual possibilitaria o abastecimento energético e o crescimento econômico do país. No decorrer da sua edificação e com o aumento de consumo na década de oitenta, no qual o país passou a enfrentar dificuldades no campo energético provocadas pela escassez de chuvas e pelo considerável crescimento da demanda, os administradores da Itaipu passaram a expressar em seus materiais sentidos e significados que a barragem deixava de ser uma promessa de projeto e passava a ser abordada como realidade e necessidade do Brasil.

Dos materiais produzidos de responsabilidade da Itaipu Binacional com esta finalidade, tem-se o jornal Canal de Aproximação, publicado bimestralmente a partir de janeiro de 1987 e distribuído nas dependências da barragem. O público alvo, a princípio, seria seus funcionários e os trabalhadores das empreiteiras, com a tiragem de 3.000 exemplares, quatro vezes inferior ao número de trabalhadores da barragem. O ano de sua fundação foi marcado por artigos informando a inauguração das geradoras 14 e 15 de

²² KHOURY, Yara A. Ibidem, p.125.

energia elétrica, realizada pelos presidentes do Brasil e Paraguai. O título de uma das reportagens era “*A hora do Reconhecimento*”:

Desta vez, mesmo os mais céticos de Itaipu silenciaram durante as solenidades de inauguração das unidades geradoras 14 e 15 pelos presidentes José Sarney, do Brasil e Alfredo Stroessner, do Paraguai. Mais do que nunca, as vozes foram unânimes em reconhecer que sem Itaipu o Brasil sofreria uma grande crise energética e econômica. Enfim, depois de quase 12 anos, desde que a obra foi iniciada, a realidade revelou que a maior hidrelétrica do mundo não é apenas a concretização de um sonho tomado pelo gigantismo. Como disse o presidente José Sarney em seu discurso durante a inauguração, as críticas contra Itaipu “justificavam-se contra o pano de fundo da recessão, numa época em que a demanda de energia elétrica sofreu quedas acentuadas, alterando sensivelmente o quadro de previsões que orientou o projeto. Hoje, contudo bastou que a retomada do crescimento econômico se firmasse para que tais críticas fossem desautorizadas”.²³

Desde então, a imagem da hidrelétrica de Itaipu era associada ao reconhecimento do seu trabalho saindo da incômoda posição de mito à realidade. O início da publicação, deste jornal, evidencia a preocupação em estabelecer alguns marcos selecionados pelos administradores da hidrelétrica, no qual o projeto de construção deixava de ser visto pela desconfiança e o sonho de gigantismo pela importância em evitar uma possível crise econômica e energética em meados da década de oitenta.

Entretanto, não somente divulgar a inauguração das geradoras, naquele momento, que estava em jogo para enaltecer a imagem da hidrelétrica. Era necessário também, silenciar debates e negociações que Itaipu enfrentava, antes deste marco. Pode ser citado o conflito gerado pela desapropriação das terras que seriam atingidas com a formação do reservatório da usina e que teve grande destaque na imprensa local. Este fato que ocorreu no início da década de 1980 quando um grupo de colonos em processo de serem desapropriados por Itaipu construiu com apoio de algumas instituições religiosas, sindicais, etc, o “Movimento Justiça e Terra”, tendo em uma das questões a reivindicação de melhorar a indenização ofertada pela usina. Esta situação rendeu já no início das obras a direção da Itaipu uma exposição negativa para sua imagem, pois foi alvo de críticas nas publicações de livros, reportagens e panfletos denunciando as formas como estavam ocorrendo às indenizações das terras desses agricultores.²⁴

²³ Jornal Canal de Aproximação, janeiro/87. p.2.

²⁴ Um dos primeiros livros publicado foi “A Taipa da Injustiça”, escrito pelo jornalista Juvêncio Mazzarollo, financiado pela Pastoral da Terra, que estava envolvida no movimento. Além disso, o jornal

Essas questões indicam que as pressões sofridas pela hidrelétrica no início da edificação não ocorreram apenas por parte dos trabalhadores no canteiro de obras. Neste sentido, o jornal Canal de Aproximação, desde o ano de sua fundação, teve como uma de suas atribuições integrar os trabalhadores nos marcos que eles selecionavam para constituir a memória oficial da construção, sendo perpetuada até os dias atuais pela direção da usina. Assim como, estabelecer diálogos com seus críticos, procurando apresentar notícias da importância que o empreendimento traria para o desenvolvimento regional e nacional. Portanto, este veículo passa a ter como atribuição a defesa dos interesses da parte administrativa da Itaipu em relação à cidade e aos críticos em todos os lugares do país, divulgando reportagens sobre a edificação da barragem, apresentando um espaço sem conflitos e disputas entre os diferentes sujeitos direta ou indiretamente envolvidos na construção.

Outra questão presente na reportagem citada no jornal da Itaipu, e que se fez presente durante aquele ano relacionado às críticas sofridas pela construção da barragem, passaram a ser atribuídas aos eventuais problemas e desconfianças vividas pelo país num período anterior. O posicionamento neste jornal buscava minimizar as críticas do projeto da obra argumentando que naquele momento o cenário passava a ser favorável economicamente ao Brasil e, por isso, as desconfianças não se justificavam mais. Isto é, o jornal procura desvincular a imagem da hidrelétrica projetada e iniciada durante o regime político militar, que ao seu final estava associado a um período de recessão e crise, dando lugar às conquistas e benefícios proporcionados pela hidrelétrica estabelecida num governo democrático. Da mesma forma, o que se percebe no conteúdo dessas reportagens a tentativa de conciliar a barragem com as necessidades nacionais mais recentes, operando a dissociação da Itaipu com a Ditadura, conseqüentemente atribuindo a ela todos os problemas enfrentados antes de 1987.

Contudo, não podemos deixar de ver este veículo de comunicação como um instrumento ideológico que passou a divulgar notícias, a partir dos interesses da empresa, atribuindo ao conjunto da obra a junção de diversos fatores: a dedicação e a capacidade técnica, gerencial, empresarial, financeira, administrativa e a competência, a

“Nosso Tempo”, da cidade de Foz do Iguaçu, tendo com corpo editorial principal Aloísio Palmar e Juvêncio Mazzarollo, ambos se apresentavam como críticos ao regime militar e a construção da hidrelétrica de Itaipu, nos artigos publicados neste jornal.

coragem e a determinação de homens e mulheres, dirigentes e dirigidos, mais o firme apoio dos governos do Brasil e do Paraguai. Estes fatores, amplamente divulgados, no Canal de Aproximação, indicam a importância que o jornal teve ao ser um dos elaboradores, divulgadores e definidores, desde então, na constituição da memória divulgada pela direção da hidrelétrica.

Seguindo este raciocínio, a busca pela construção de uma imagem positiva da Itaipu, significou estabelecer diálogos com a imprensa nacional para fortalecer a idéia de importante para o país. Quando a imprensa nacional divulgava reportagens que exaltavam a importância que a Itaipu proporcionava ao desenvolvimento local e regional, referindo-se aos Municípios que foram atingidos com a formação do lago da barragem, era integrado em um espaço de destaque no Canal de Aproximação,

O reconhecimento de nosso Trabalho

Em 1987, a maior hidrelétrica do mundo não foi apenas enfocada pela sua importância como produtora de energia, mas também pelos efeitos positivos que gerou em outras áreas, como, por exemplo, o turismo e a conservação ambiental. Praticamente todos os principais jornais, revistas, rádios e televisões do Brasil marcaram sua presença em Itaipu para registrar a vida na região oeste do Paraná, depois da construção da Usina. Segundo a Revista “Veja”, Itaipu está gerando mais do que energia: “A Usina vem gerando um torvelinho humano à sua volta, dando vida nova às cidades que a rodeiam”. Em matérias abordando este enfoque, revelações importantes começaram a chegar ao resto do Brasil. Numa delas demonstrou que Itaipu, sozinha, ajudou a aumentar em 60 por cento a rede hoteleira da cidade.²⁵

Embora, as reportagens não afirmem que os embates enfrentados pela barragem tenham sido encerrados neste momento, evidenciam quais foram os elementos escolhidos para compor a memória construída pelos seus administradores e a maneira como estava sendo realizada a obra.

A organização das reportagens do jornal Canal de Aproximação evidenciou a escolha de duas das principais ações realizadas pela Itaipu e significativas na confecção da memória divulgada por seus representantes. A primeira, a produção e distribuição de energia que beneficiava o desenvolvimento industrial, isso no âmbito nacional. A segunda, a edificação da infra-estrutura composta de canchas esportivas, escolas, pavimentações, ginásios de esportes, obras de iluminação, centros comunitários, poços artesianos, entre outros equipamentos urbanos para atender a população das cidades

²⁵ Jornal Canal de Aproximação, janeiro/fevereiro, 1988. p. 11.

envolvidas com a formação do reservatório, permitindo um possível desenvolvimento local.

A cidade que Itaipu está construindo

(...) Esta cidade é, na verdade, o resultado da soma de todas as obras que Itaipu Binacional vem fazendo nos oito municípios abrangidos pela hidrelétrica e seu reservatório – Foz do Iguaçu, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Missal, Santa Helena, São Miguel do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu. Concretizadas ao longo dos últimos quatro anos, tais obras estão permitindo o desenvolvimento desses municípios, além, é claro de proporcionar a exploração racional do Lago de Itaipu, principalmente na área turista.²⁶

Esta conciliação dá a entender que a história narrada a partir dos interesses da barragem, projeta-se de uma trajetória vencedora, na qual superou a desconfiança relacionada ao momento de recessão econômica vivida pelo país no final do regime militar. Portanto, o caminho escolhido para divulgar uma imagem positiva da empresa, se remete ao projeto faraônico e desnecessário atribuído a ela, até a confirmação de que a sua inexistência estaria provavelmente, acarretando racionamento de energia elétrica na região sul, sudeste e centro oeste do Brasil.

Tal postura é ampliada e complementada em comemoração aos vinte e cinco anos da construção da hidrelétrica, quando a Assessoria de Comunicação Social da Itaipu Binacional, produz o livro “Itaipu, a luz”,²⁷ voltada na produção da síntese de sua história.

Este livro procura retratar e homenagear a epopéia vivida por milhares de brasileiros e paraguaios que, nas décadas de 70 e 80, ergueram a maior hidrelétrica do mundo, e os homens que hoje mantém e operam Itaipu.

(...) Itaipu, no início, foi vista e criticada como uma obra megalômana pelos seus números e dimensões. O tempo, porém, cuidou de mostrar que os 12 milhões de 600 mil quilwatts (KW) seriam fundamentais para acompanhar o desenvolvimento econômico dos anos 90.

Hoje, suas 18 unidades geradoras, às quais se somarão outras duas na virada de século, geram 25% do consumo de energia elétrica do Brasil, ou 33% do eixo Sul/Sudeste/Centro-Oeste do país.

(...) O texto e as fotos das páginas deste livro são os melhores testemunhos dos desafios superados por anônimos trabalhadores, técnicos, engenheiros e profissionais de todas as áreas, que dedicaram e dedicam parte de suas vidas à maior usina hidrelétrica do mundo.

²⁶ Jornal Canal de Aproximação, junho/1989. p. 3.

²⁷ MONTEIRO, op. cit.

A divulgação deste livro se apresenta como objetivo maior, homenagear uma suposta epopéia vivida por milhares de brasileiros e paraguaios que, nas décadas de 1970 e 80, ergueram a maior hidrelétrica do mundo e aos homens que hoje operam Itaipu, ou seja, uma história de superação e conquista. Esta produção ratifica o caminho escolhido pela empresa na composição da memória divulgada da construção da barragem pelos números, recordes de produção, acordos políticos, etc. Admite também, que a postura inicial de dúvida foi superada pelos resultados obtidos ao seu término como a maior fornecedora de energia hidroelétrica do país.

Considero, desta forma, que a assessoria da Itaipu ao longo desse tempo definiu uma memória que deveria ser lembrada e divulgada. Este processo ocorreu a partir da construção e reconstrução de sentidos, expressos na produção de seus materiais, integrando numa suposta memória hegemônica em que contempla diferentes versões, interpretações e práticas dos sujeitos. As lembranças escolhidas pela empresa são constituídas de significados que apontam uma história de superações, conquistas e desenvolvimentos proporcionados pela sua edificação. A essas produções que estou me referindo, se estabelecem num campo de disputas de forças e da memória sobre sua construção em relação a outros segmentos da sociedade, inclusive os trabalhadores que chegavam em meados da década de 1970. Isto é, este fato passa ser apresentado, como sendo um acontecimento que proporcionou a mudança da cidade pelo crescimento demográfico determinado pela chegada dos contratados para trabalhar na barragem, segundo indica o livro “Itaipu, a luz”,

Uma verdadeira cidade

Em 1974, Foz do Iguaçu, no Oeste do Paraná, era uma cidade quente e poeirenta, com apenas duas ruas asfaltadas e cerca de 20 mil pessoas assustadas com o movimento humano que começava a perturbar seu ritmo pacato de viver. O impacto pode ser mensurado pelo crescimento vertiginoso da população urbana no município: em 1970, Foz do Iguaçu tinha 20.147 habitantes; dez anos depois, a população havia quintuplicado: 101.447 pessoas. As notícias da construção da hidrelétrica e o desembarque em massa dos primeiros contratados para trabalhar na linha de frente do projeto, ao mesmo tempo que encantavam, deixavam a cidade em polvorosa.²⁸

Não se pode negar que o crescimento populacional enfrentado pela cidade de Foz do Iguaçu nesse período tenha sido significativo devido à construção da hidrelétrica de

²⁸ MONTEIRO, op. cit. p. 58.

Itaipu. O que se propõe refletir é a maneira como foi sendo utilizada pela empresa na edificação da memória da obra em relação aos trabalhadores. As estatísticas apontam para um acentuado crescimento populacional enfrentado pela cidade entre as décadas de 1970 e 1980,

Tabela I

Evolução da População	Foz do Iguaçu
1960	28.080
1970	33.966
1980	136.321
1990	190.194

Fonte: IBGE Estimativa entre os meses de 01 a 07 de cada ano

Com base nos dados do IBGE, entre 1960 e 80 o município teve um crescimento da sua população de 383% em apenas vinte anos.²⁹ Somente nos últimos cinco anos da década de 1970 esse número foi de 102.355 pessoas (339%), isso equivale a um índice de 68% ao ano aproximadamente. Se compararmos com o crescimento do Paraná e de outras cidades do Estado, esses números indicam que Foz do Iguaçu teve o maior crescimento populacional registrado no período,

Tabela II

Evolução da População	Cascavel	Curitiba	Paraná
1960	39.598	573.580*	4.268.239
1970	89.921	609.026	6.929.868
1980	163.459	1.024.975	7.629.392
1990	192.990	1.315.035	8.415.659

Fonte: IBGE/2004 *Estimativa IBGE

A população de Cascavel apresenta no mesmo período de Foz do Iguaçu um crescimento menor, aproximadamente de 175%. O crescimento verificado no período de 1960 a 1970 na cidade é de 127,08% e 81,78% no período de 1970 e 1980, de acordo com os dados da tabela. A porcentagem de crescimento equivale a 208,86% ao ano. A capital do Estado teve taxas de crescimento menores em torno de 5,82% entre 1960/70 e de 5,34% 1970/80. Segundo o senso de 1970 registrava que o Paraná tinha 36,1% da sua população vivendo em meio urbano. No censo de 1980, essa proporção já havia subido para 58,6% indicando que em algum momento ao longo dos anos setenta, a população urbana ultrapassara a população rural.

²⁹ WEBBER, Darcilo. FOZ em números. S.W Pesquisa S/C Ltda. FI, 2003.

A título de comparação dos dados demográficos peculiares desse período, sem ater numa discussão pormenorizada do tema do crescimento populacional, as entrevistas realizadas com os trabalhadores vão apresentar sua chegada em Foz do Iguaçu determinada pela construção da hidrelétrica de Itaipu. Diferente dos motivos de crescimento populacional em outros centros do Paraná, mesmo que se considere no conjunto dessas pessoas que vieram para a cidade também pelos determinantes apontados pelas estatísticas de Cascavel e Curitiba, que receberam em grande medida pessoas oriundas da substituição da mão-de-obra agrícola pelas máquinas.

Ao comparar o crescimento que Foz do Iguaçu alcançou do início da década de 1970 com os trabalhadores que conseguiram ser absorvidos pela construção, até 1981, pelo Consórcio UNICON, chega aos valores de 55% dos habitantes do município.

Tabela III

ANO	UNICON	CONEMPA	ITAMON	OUTROS	TOTAL
1974	-	-	-	-	-
1975	-	-	-	-	-
1976	5.949	1.402	-	4.654	12.005
1977	12.975	4.499	-	3.386	20.860
1978	19.000	7.266	-	3.161	29.427
1979	17.147	5.792	-	1.651	24.590
1980	17.112	4.551	-	1.063	22.726
1981	20.496	3.399	1.324	689	25.908

Fonte: Relatório Anual Itaipu Binacional, 1981.

Neste sentido, os valores projetados nos materiais da Itaipu Binacional, vão procurar representar esses sujeitos através dos feitos e dos números da obra – residências, alimentação, produção, trabalhadores, etc. – da mesma forma caracterizando a cidade como atrasada e poeirenta, mas submetida ao ciclo de desenvolvimento que seria possível conquistar com a construção da barragem. Outra questão evidenciada é a intenção de apresentar esta edificação de forma harmoniosa e sem conflitos, relativizando as experiências, as dificuldades, os motivos, as origens, as expectativas que os trabalhadores que estavam chegando à cidade almejavam através do trabalho a esperança de um futuro melhor.

A postura de construir uma memória fundamentada pela presença hegemônica de registros oficiais, quando pensada a partir dos depoimentos orais dos trabalhadores sobre

sua trajetória até serem empregados na construção, não se configura uma poesia conforme a história apresentada pela empresa. As histórias e trajetórias dos trabalhadores são diferentes dos testemunhos apresentados pelos materiais da Itaipu, principalmente quando se serve de números, tratados, acordos entre nações, fotos e textos para ilustrar os recordes em produção e os equipamentos utilizados nas obras.

A divulgação das obras de Itaipu realizadas pela imprensa, assim como pelos operários possibilitou que vários trabalhadores viessem para Foz do Iguaçu pela primeira vez. Mesmo não tendo nenhuma garantia que seriam empregados na barragem quando chegassem, esses trabalhadores traziam junto com sua bagagem o sonho, a esperança, a expectativa de uma vida melhor. O trabalhador Ademar Casado Calicchio³⁰ foi um dos operários que soube da construção através de conversas com amigos e em novembro de 1977, veio para Foz do Iguaçu sem ter nenhum conhecimento sobre a obra, deixando a família na casa do sogro e o emprego de caminhoneiro, na perspectiva de arrumar trabalho na barragem, pois ouvia dizer que se ganhava muito bem.

Odirlei: Como que o senhor soube da construção?

Ademar: Conversa de pião lá... conversa de pião lá que aqui era bão... aqui ajuntava dinheiro fácil e eu vim embora pra cá, saí de lá e vim... vim embora pra cá. Sofri aqui, dormi em cima de caminhão toldo. Cheguei aqui eu não tinha conhecimento. Tinha um cara que eu conhecia ele aqui, mas até que eu fui encontrar com ele tudo eu posei várias noite em cima de caminhão toldo aí, não tinha dinheiro pra pagar hotel, né? Então dormia lá no Posto Presidente, lá do café, lá do Café Presidente, lá o posto da Transporte. Os caminhão pousava lá e eu dormia em cima.

De acordo com sua narrativa, veio para cidade atraído pela propaganda feita por outros trabalhadores sobre os trabalhos da construção da barragem. A possibilidade apontada de juntar dinheiro foi o que motivou este trabalhador chegar em Foz do Iguaçu. Seria seu primeiro emprego em construção de barragem, já que sua trajetória ocupacional se deu na maior parte em trabalhos realizados na roça desde a infância. Quando indagado sobre os lugares que trabalhou, Ademar narra:

Primeiro trabalho eu trabalhei na lavoura de café, eu tocava meus irmão, o meu pai faleceu eu era muito pequeno, muito jovem, né? Eu tinha nove ano de idade. Então a gente trabalhava em lavoura de café ... depois da lavoura de café aí a

³⁰ Ademar Casado Calicchio, 57 anos, está aposentado e trabalha como motorista de ônibus urbano na cidade de Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 31/01/2007, em sua residência.

gente conseguiu comprá um pedaçinho de terra, também fumo mexer com café só que aí já era nosso, era dos meus irmão e meu aí isso aí isso aí foi em sessenta e quatro ... até sessenta e sete. Aí sessenta e sete compramos um sítio de mata na região de Goioerê, derrubamos o mato e plantamos algodão, algodão. Aí em sessenta e oito eu fui se cobrador de ônibus pra arrumar dinheiro pra sustentar a família, né? Porque a situação apertou então saí trabalhar fora. Eu trabalhava como cobrador de ônibus na Auto Viação Mariluz e o dinheiro que eu ganhava eu mandava pros meus irmão no sítio e minha mãe. E assim foi até setenta... foi setenta e um mais ou menos aí a gente saímo dali compramo outro sítio e continuamo prantando algodão também no outro sítio já diferente, não esse mato que derrubamo até setenta e quatro. Aí setenta e quatro comecei ... trabalhar de motorista, aí fui trabalhar com caminhão, aí fui caminhoneiro até setenta e sete. Em novembro de setenta e sete, aí eu vim pra Itaipu, dia vinte de novembro de setenta e sete eu cheguei aqui na Usina de Itaipu, no canteiro de obra, era na época, né? Num era usina, não gerava energia ainda.

O trabalho realizado como pequeno agricultor, em que sua rotina de trabalho braçal se estabelecia em derrubar o mato e preparar a terra para o plantio é lembrado pelas dificuldades financeiras. O período que aguardavam a primeira safra, Ademar com dezoito anos, teve que buscar emprego na cidade para sustentar a mãe e os irmãos até a colheita. Nesta ocupação de agricultor permaneceu até os vinte e cinco anos de idade, quando já estava casado, saindo do campo para trabalhar como caminhoneiro, na busca de maior remuneração para sustentar a esposa e filhos. A expressão “*num era usina*” significa que entrou no período da construção, exatamente na primeira etapa, durante a realização dos trabalhos na escavação do Canal de Desvio do rio Paraná.

É interessante notar que este trabalhador como outros ao construírem suas trajetórias apresentam-se diversos elementos da vida que passa pelo trabalho, as dificuldades e a esperança de um futuro melhor, migrando para outras cidades que possam satisfazer suas necessidades e expectativas. A constituição de uma família evidencia nos depoimentos, meios de entender a procura de emprego e a mudança para viver e trabalhar em outras cidades.

A demanda de emprego proporcionada pela construção de Itaipu influenciou a chegada de vários trabalhadores, assim, Ademar motivado pela possibilidade de aumentar a renda familiar se arriscou durante quatro dias dormindo em cima de caminhões até ser contratado. A primeira função desempenhada na construção foi de motorista de caminhão, como autônomo, transportando explosivos utilizados para escavação do Canal de Desvio do rio Paraná. Por ser autônomo, não lhe dava o direito de se alojar no canteiro de obras, muito menos nos conjuntos habitacionais.

Odirlei: E quando que a família veio pra Foz?

Ademar: Em 1978 no começo, em janeiro.

Odirlei: Foram morar aonde?

Ademar: Fomo morá ali na vila, na Trans-Paraguaia. Ali, uma via que tem ali na cidade pra cá do batalhão, ali um pouquinho descendo pra baixo, ali um favelão desgramado lá. Morei numa casa quatro pés, só que eu morei só em duas parede e meia e não era forrada a casa. E a água pra tomar eu tinha que levá da usina porque a água lá onde que eu morava não prestava pra tomá. Era um poço lá que a mulecada tomava banho dentro dele. Um poço de dois metro de fundura.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas junto à família em Foz do Iguaçu, o que pesou na decisão para não ir embora foi a projeção inicial das obras estimadas em mais de dez anos projetando-se a viver e trabalhar durante vários anos nesta cidade. Como também o pagamento de cem cruzeiros por dia, que superava o valor recebido enquanto caminhoneiro, em turnos de doze horas, todos os dias da semana, sendo que em alguns dias trabalhava vinte e quatro horas, esperando receber a autorização para iniciar as montagens dos explosivos.³¹ Nestes casos a diária era dobrada.

A intensa e constante movimentação no início das obras apresentou diversos caminhos e dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores até conseguirem ser registrados. Valdizar Luiz da Silva, trabalhava na roça desde os oito anos, plantando amendoim e algodão em terras arrendadas na região de Presidente Prudente/SP, até entrar na construção da Usina de Capivara por dois anos (1973 a 1975), chegando em Foz do Iguaçu em abril de 1976, pois os maquinários da empresa que trabalhava, a CBPO (Cia Brasileira de Projetos e Obras), vieram para Itaipu, assim como muitos trabalhadores que os acompanharam.

Ah, o primeiro serviço foi na roça, né? Tinha uns oito anos naquela época ... foi na roça e em setenta e três que eu fui pra lá usina de Capivara setenta e três, setenta e cinco. Foram dois anos e meio lá. Aí em seguida eu vim, pra setenta e seis, eu vim aqui pra Itaipu e fiquei de setenta e seis até hoje trabalhando aqui na usina.³²

³¹ Este trabalho de transporte e montagem dos explosivos situa-se no “Setor de Fogo”, para detonar bancadas de rochas nos trechos que passariam o canal de desvio do rio Paraná. As explosões eram realizadas em sua maioria uma vez por dia, pois se fossem feitas várias explosões numa jornada, isto causaria sérios transtornos e atrasos nos trabalhos que se desenvolvem no canteiro de obras. Informativo Unicon, 03/03/1978. p. 3.

³² Valdizar Luiz da Silva. Entrevista realizada em 26/01/2007.

O trabalhador Valdizar, 59 anos, reside na mesma casa de quando era funcionário da UNICON, ou seja, desde 1979, comprando-a em meados da década de noventa após o término da construção de Itaipu. Está aposentado, mas continua trabalhando em uma das empresas que presta serviços para o transporte de funcionários da hidrelétrica de Itaipu, na função de motorista. Sua trajetória de trabalhador iniciou com as atividades na roça até os vinte e oito anos quando ingressou na construção da usina de Capivara na função de serviços gerais, onde realizou o curso técnico de operador de máquinas pesadas, possibilitando ascender dentro da empresa. Ficou sabendo da contratação de mão-de-obra para Itaipu ainda quando estava nesta usina, pois no término das atividades de construção e a dispensa dos trabalhadores o maquinário foi transferido para Itaipu, assim como muitos companheiros.

Odirlei: O que motivou o senhor vir pra Foz do Iguaçu?

Valdizar: Pela grandeza dessa obra de Itaipu que era naquele tempo foi muito comentada e o salário também era bem atrativo, que dizê que o salário bem atrativo, bem maior que o pessoal ganhava lá, e aqui era uma obra grande, aqui tinha uma expectativa de grande futuro, esse que troxe maior ainda o pessoal pra cá, era o salário que era fronteira, era longe, ninguém queria vim, então o salário foi bem compensado.

Ao lembrar deste fato Valdizar expressa suas esperanças e razões de sua vinda, apresentando a divulgação da construção e o salário que seria pago, devido a sua localização, o maior que já havia recebido, permitindo a este trabalhador desempregado há cinco meses, visualizar a possibilidade de ter a carteira de trabalho assinada. Para isso, ficou um mês em Foz do Iguaçu, até ser contratado, pois a empresa não havia terminado a construção dos alojamentos para abrigá-los.

A experiência que trouxe dos anos trabalhados como ajudante na construção da barragem de Capivara e o curso técnico de operador de máquinas, davam-lhe a noção e o conhecimento de como era o funcionamento deste tipo de serviço, cuidados, riscos, adaptação ao ritmo de produção, todos os desafios de uma ocupação diferente da habitual realizada em seu passado, na roça.

Odirlei: Então, o senhor antes de vir para trabalhar na usina já tinha uma experiência na Capivara?

Valdizar: Já tinha, tinha trabalhado três ano.

Odirlei: Facilitou isso?

Valdizar: Facilitou. Uma puxa a outra, né? Porque você já... tem mais corage, já tem um pouco de experiência, já era operadô de máquina, bem diferente de quando eu saí da roça pra, né? Dá roça pra i pro primeiro emprego.

Odirlei: E tem que ter coragem pra trabalhar na usina?

Valdizar: Tem que te muita corage.

Odirlei: Por que?

Valdizar: Porque ali é sempre perigoso, né? Sempre acidente, sempre acontece, então cê tem que tê o máximo de cuidado, né? E procurá trabalhá direito, porque ali na usina você não pode errá duas vezes, aqui na Unicon era assim, você erra só uma vez já era dispensado então cê tinha que tê muita atenção. Muito cuidado.

Sua narrativa aponta para as dificuldades que teve que superar quando iniciou os trabalhos na barragem, classificando como mais perigoso, necessitando de cuidados para não provocar acidentes. A escolha de trabalhar na barragem de Itaipu, mesmo sendo atividades perigosas na sua função, que dispunha de cuidados para evitar erros que pudessem ocasionar sua dispensa, foi alimentada pelo desejo e a expectativa desse “grande futuro”.

Além do reconhecimento da divulgação projetada pelos trabalhadores sobre a construção influenciando na decisão de outros tentar empregar-se na obra, também teve como prática as indicações e referências para os superiores de amigos e parentes que já estavam trabalhando na barragem, dando apoio financeiro e facilitando o processo de contratação.

João Honório Neto³³ veio para Foz do Iguaçu a convite de seus cunhados, em 1980 quando ficou desempregado em São Paulo.

Odirlei: Como o senhor soube da construção?

João: Eu fiquei sabendo que eu tinha meu cunhado aqui, né? Eu vim passeá na casa dele, e ele fez a proposta pra mim: “se você quisé trabalhá aqui, eu vou arrumá emprego pra você”. Aí foi o que deu né? Aí foi o que deu, fiquei quase um mês parado aí na casa dele, aí quando eu consegui trabalhá na obra já entrei direto, não precisei fazê teste nada.

Ao mencionar que não precisou fazer teste para entrar na barragem, João estava se referindo a experiência que adquiriu desde os seus quatorze anos, quando entrou em uma marcenaria para aprender este ofício, permanecendo até os dezoito anos sem ter salário fixo. Esta profissão segundo João, possibilitou deixar de trabalhar com os pais e

³³ João Honório Neto, 62 anos, está aposentado desde 2001 e trabalha como carpinteiro, na construção de móveis planejados numa empresa na cidade de Foz do Iguaçu. Entrevista realizada em 26/03/2007, em sua residência.

irmãos como bóia-fria, catando e limpando algodão, colhendo e carpindo as plantações de café. Desde então, trabalhou como marceneiro em diversas empresas até iniciar os trabalhos na barragem de Itaipu, quando chegou de São Paulo e recebeu a ajuda do cunhado para se estabelecer no emprego e na cidade, narrando este período cheio de obstáculos que teve que superar com a família.

Odirlei: E quando o senhor veio? Quando veio de São Paulo pra cá?

João: Foi bom. Passei dificuldade, claro, nos primeiro mês, meu dinheiro acabou senti dificuldade, tive a ajuda dos meus cunhado que me ajudaram, né? Chegava no fim do mês um me dava um pouco, outro me dava outro. Porque fiquei uns mês parado, fui comendo, comendo aí cabou o dinheiro, cabou tudo. Aí comecei trabalhá aqui aí com mais trinta dias, ia recebê só daqui a trinta dias, aí eles me deram uma mão, me ajudaram, inclusive eu morei junto com um, uns tempo até aplumá minha situação. Aí quando aplumei fui me virá, fui pagá aluguel.

Odirlei: O senhor ... foi entrar em fevereiro de oitenta e um, aí depois trouxe a família?

João: Aí como minha muié falou, foi em abril, né? De oitenta e um memo eu trouxe a família, aí fiquei morando na casa do meu cunhado, ali ... fiquei morando um tempo na casa dele, até ganhá casa, ganhá não, eu aluguei um casa ali no Jd. Carla, casa não, um barracão não era casa, era igual essa casa aqui, um barracão, só tinha as quatro paredes só, era um salãozão, aí fazia as divisória com os guarda roupa que eu tinha... pras crianças dormi di um lado, nós do outro. A cozinha, tinha a cozinha, aí fiquei um tempão ali, a muié sabe quanto tempo a gente fico ali. Aí ganhei casa lá no Paraguai, quando eu ganhei casa no Paraguai aí eu mudei lá pro Paraguai. Aí fiquei lá nove meis lá no Paraguai, aí vim pra cá, morei ali na deiz, fiquei um tempo ali na deiz, aí vim pra qui e tô até hoje. E daqui só Deus me tira.

Odirlei: Na casa do seu cunhado que o senhor ficou morando ficou vocês cinco, mais quantos da parte dele?

João: Da parte dele tinha mais três, sem ele e a muié.

Odirlei: Cinco também. Dez pessoas morando numa casa?

João: Dez pessoa, então morava no quarto, no quarto eu dormia tudo com meus filhos que dormia tudo. A casa era grande, três quartos. Um quarto era dele, um quarto das crianças dele, as minhas crianças dormia com as crianças dele, né? E eu dormia num quarto e as crianças no outro.

Odirlei: Ficou muito tempo assim?

João: Quanto tempo à gente ficou ali na casa do Quinha? Esposa: seis meses.

Odirlei: Seis meses nessa rotina, até conseguir ganhar a casa?

João: Ganhá a casa não, até arrumáma casa pra alugá

Odirlei: Aí depois demorou mais um tempo pra ganhá casa?

João: No Paraguai as coisas começou a melhorá né? Ficamo três meis no Jd. Carla

A trajetória desse trabalhador possibilita visualizarmos algumas das dificuldades que muitos tiveram ao chegar na cidade de Foz do Iguaçu, sem mencionar aqueles que não conseguiram ser contratados pelas empresas que estavam construindo a barragem. O companheirismo e a solidariedade de familiares possibilitou superar transtornos iniciais

como no caso do trabalhador João, a mudança com a esposa e filhos para conseguir emprego em outro estado. Não havendo casas disponíveis no bairro Conjunto “C” na margem esquerda da barragem – no seu caso não tinha condições de pagar aluguel – os trabalhadores eram alojados momentaneamente nas vilas construídas pela barragem do lado paraguaio – margem direita – até ter disponível uma residência do outro lado da margem do rio Paraná. Mas isso poderia levar alguns meses ou anos.

Passando por estes transtornos assim que chegou em Foz do Iguaçu, este trabalhador quando indagado se pensava retornar a São Paulo, apresenta que tinha como intenção permanecer até conseguir sua aposentadoria,

João: Não. Minha vontade era de vencê, trabalhá e ... porque não adianta cê ficá correndo o mundo, cê tem família, cê tem que chegá num lugá e aposentá chega e fica naquele lugá não adianta cê corre o mundo. Fica correndo o mundo, a família sofre, os filhos ... meus filhos tão aqui, tá tudo bem empregado, graças a Deus, né? Meus filhos aí tá tudo bem, e eu tô aqui também empregado, tô aposentado. Trabalho e aposentado, empregado, tô bem. Então quée dizê chegô, parei aqui memo.

Ao lembrar da decisão de trabalhar na barragem e suas dificuldades iniciais, João deixa claro as opções, os interesses e os objetivos que o trouxeram para Foz do Iguaçu. Assim, não podemos dizer que os trabalhadores ao enfrentarem as dificuldades iniciais de se habituar na cidade e superar os problemas financeiros não tinham o interesse de permanecer na cidade, já que aquilo que os motivou a migrar para este lugar foi possível realizar-se com o passar dos anos, como sustentar a família, educar os filhos, comprar a casa própria e aposentar.

A expectativa de emprego numa grande obra preteria as aspirações dos trabalhadores que se mudavam para Foz do Iguaçu. O trabalhador Júlio César de Queiroz, o Cafubira,³⁴ a convite do sogro veio de São Paulo em 1979, onde trabalhava como vendedor. Aconselhado pelo sogro e motivado pelo salário que aumentaria a renda familiar, dirigiu-se para Foz do Iguaçu para trabalhar na construção da barragem na função de apontador, mesmo sabendo que neste lugar as rotinas de trabalho seriam maiores e mais cansativas.

³⁴ Júlio César de Queiroz, 58 anos, não conseguiu se aposentar por falta de contribuição, até o presente momento trabalha como autônomo num ponto comercial no bairro Vila “C” vendendo jogos: “TeleSena”, “Raspadinhas” e “Jogo do Bicho”. Entrevista realizada no dia 26/01/2007 em sua residência.

Odirlei: Aí o senhor pediu a conta logo?

Júlio: Eu pedi porque meu sogro já tinha vindo pra cá e falo: “Ah, vamo embora”. Porque não era serviço assim dí... dava pra comê, mas não era como barragem, porque barragem é sempre mais correria mais sempre dava mais uns troco.

Odirlei: Ganhava mais do que na venda de cigarros?

Júlio: Ganhava, na barragem sim. Na barragem sim, bem mais.

Migrar para Foz do Iguaçu implicou a Júlio pedir a dispensa da empresa que trabalhava na cidade de Assis, na função de vendedor de máquinas para escritório. A trajetória desse trabalhador constitui-se de trabalhos a partir dos seis anos de idade, quando iniciou na roça. O primeiro emprego registrado veio como empacotador no Supermercado Pão de Açúcar, no qual teve várias promoções, até chegar a encarregado de caixa. Na entrevista, destaca que nesse emprego conheceu sua esposa, com a qual teve dois filhos.

Depois que saiu do supermercado, motivado em melhorar o salário para sustentar a família, empregou-se na empresa Souza Cruz & Cia, na função de motorista até ser promovido a vendedor. A dispensa deste trabalho ocorreu pelo enfraquecimento das vendas na região que atendia, permanecendo durante alguns meses desempregado, até ser contratado na última empresa antes de ingressar na construção da barragem.

E comecei no Supermercado Pão de Açúcar ainda de menor. Hoje o Supermercado Pão de Açúcar... eu comecei de pacoteiro, passei a pacotador, fiscal de caixa, encarregado de caixa. De lá eu saí fui trabalhá no cigarro na Souza Cruz, aí trabalhei bastante tempo uns quatro ano e pouco aí no cigarro. Saí do cigarro ali, lá já no interior de São Paulo, em Assis, aí em Assis trabalhei na Braga Máquinas Equipamentos para Escritório, aí saí da Braga Máquina aí vim pra Foz do Iguaçu, que meu sogro já tava aqui, e me convidou: “vão pra lá, vão pra lá”. Ele tava trabalhando na barragem vim pra cá e fichei aí.

A Itaipu se estabeleceu num terreno comum de experiências e expectativas a outros trabalhadores para solucionar seus problemas emprego, salário, moradia, etc. Tem-se, então, marcada na trajetória deste trabalhador a constante migração em empregos e cidades na busca de salários melhores. A estabilidade no emprego, pela previsão de trabalho para mais de dez anos, também indica a escolha em deslocar-se para esta construção, caracterizando, portanto, as dificuldades presentes na vida deles com a falta de emprego.

Outro trabalhador entrevistado que veio influenciado por familiares foi Osvaldo Cardoso Ribeiro³⁵ em 1979. Antes de vir para Foz do Iguaçu, trabalhou como vendedor ambulante, comerciante, motorista e na roça. Ao chegar na cidade foi trabalhar como motorista na empresa do cunhado que prestava serviços para Itaipu.

Osvaldo: ... é que daí meu cunhado veio pra cá né? Eu tava em Campinas... aí terminou o serviço lá em Campinas aí nós veio pra cá. Mais aí já tinha um irmão dele pra cá. É dois cunhado aí. Esses caminhãozinho. Aí eu vim pra cá, vai te vaga aqui, vão fichá aqui. Chegamo lá disse que não tinha vaga. Chegamo em janeiro não tinha.

Odirlei: Janeiro de setenta e nove?

Osvaldo: É. Aí não tinha vaga. Aí fiquei com eles, arrumou um crachá pra mim entrá ali dentro, aí fiquei trabalhando com os caminhãozinho deles. Aí quando surgiu vaga pro transporte pesado ... pesadão memo, concreto aí eu já tava na fita. Nem teste prático eu fiz, porque eu já tava com caminhão entregando os bandeco lá pro setor de transporte o encarregado via que eu tava andando pra tudo aí quando deu, foi lá no trecho avisá eu pra mim trazê a carteira. Entreguei lá e continuei com o caminhãozinho, aí uns dois dia, vem amanhã cedo pra trabalhá. Não teve aquele teste prático de dirigi ali dentro, porque já tinha... por exemplo seu carro você tá andando pra tudo que é lado aí, vai fazê teste pra andá nesse, entendeu. Dali eu já emendei, só que eu continuei morando lá alojado. Aí surgiu é um absurdo falá pra você. Morá na Área 6 [Paraguai]. Ixi! Morá na Área 6. Vixi! Ninguém quiria... não na época eu falei não eu não vou. Aí tu vê a família lá ou aqui né? Era sofrido ficá aí alojado né? Aí eu peguei uma casa pra mim, olhei acho que dá ... pra enfrentá os cunhado, enfrentá a muié, né? Mais foi embora, chegamo aí tudo diferente, isquisito né? Pra nós saí dessa Área 6 pra vim pra cá deu trabalho. Quando ganhamo uma casa aqui daí.

Por ficar desempregado em Campinas, onde trabalhava anteriormente, chegou em Foz do Iguaçu para obter emprego na construção influenciado pelos parentes. Durante cinco meses, Osvaldo ficou aguardando abrir vagas na barragem. Enquanto isso trabalhou com o caminhão da empresa dos cunhados transportando marmita para o canteiro de obras.

Observa-se em sua fala que era utilizado pela empresa antes de fazer a contratação o teste prático, que no seu caso não foi necessário, já que trabalhava nas mesmas atividades que os demais trabalhadores, só que para outra empresa.

Osvaldo teve como primeira experiência morar em outro país, apresentando a mesma trajetória, a partir da contratação pelo Consórcio UNICON, que o trabalhador João, quando ambos receberam o direito de morar na casa cedida pela barragem no

³⁵ Osvaldo Cardoso Ribeiro, 60 anos, sua esperança é conseguir se aposentar por idade. Trabalha como autônomo, principalmente na atividade de cortador de grama. Entrevista realizada em 25/03/2007, em sua residência.

Paraguai, livre das despesas de água, luz, aluguel. Mas, no caso deste trabalhador, a família estava em Apucarana – Paraná – e gostaria de sair do alojamento do canteiro de obras. Contudo, na narrativa de Osvaldo, evidencio que a infra-estrutura da hidrelétrica para os operários foi se constituindo na medida em que estavam sendo contratados e que eram alertados por outros companheiros sobre as condições e o descontentamento com aquele lugar. Em um outro trecho da sua entrevista, a qual vai ser analisado mais adiante, a empresa passou a minimizar os problemas a partir das reclamações e resistências dos operários em residir naquele país.

O trabalhador Odélio Batista,³⁶ mais conhecido na construção e no bairro que mora como Tizio, aponta que o motivo da vinda para Itaipu foi o término da barragem de Cachoeira do Marimbondo, onde foi dispensado e influenciado pelos companheiros que já estavam trabalhando na barragem, como também as dificuldades enfrentadas com a adaptação na cidade e a recusa em morar nas casas cedidas pela empresa no lado paraguaio.

Odirlei: O senhor veio pra cá por que terminou a...

Tizio: Terminou a R. Nascimento na usina de Cachoeira do Marimbondo ter terminado.

Odirlei: O senhor estava desempregado, aí veio pra cá tentar...

Tizio: Aí viemo pra cá. Aí chegemo aqui pra ficá pouco tempo também, negócio não era ficá muito tempo. Chegemo aqui, fichemo logo nos dia frio, pelo amor, aqui fazia um frio qui... nós trabalhava aí lá pras dua hora, três hora da manhã vinha um café pra nós. Você descia da máquina ficava quinze minuto, dava dez minuto pra tomá o café, tomava um cafezinho um pãozinho pra comê quando subia na máquina o capu tava igual esse papel branquinho de gelo. E o motô por baixo naquele tempo era nova, assim bem forrada por dentro, a gente não agüentava o frio, né? Puxa vida, mais que frio nessa Foz do Iguaçu, a eu não vou ficá muito tempo aqui não. Aí foi indo, foi indo os engenheiro ali sempre falando ... traz a família pra cá, eles quiriam que eu fosse pro Paraguai. Ah não, Paraguai eu não vou não. Tem uma turma aí que tinha mudado pra lá e já tá arripindido, né? Água tinha dia que tinha, outro dia não tinha e quando chegava aquela água gelada era água com barro, né? Tinha pião quando trazia almoço de casa, precisa ta tirando por cima assim por cima aquela terra da comida. Aí eu um dia falei pro seu Luiz Coutinho que era engenheiro, acho que é mió vocês me mandá embora do que ... eu tô aqui minha família lá contando dois gasto, quando vou pra lá tô gastando, venho pra cá to gastando, né? Aqui ainda tenho que lavá roupa uma coisa outra ... aí ele disse: “não rapaz esquenta cabeça não, arruma uma casa aí, traz a família”. Aí um dia saí eu e um colega meu aí, nós fomo em Santa Terezinha arrumemo uma casa.

³⁶ Odélio Batista. Entrevista realizada no dia 10/11/2006. Em sua residência.

A chegada à Foz do Iguaçu, os trabalhadores que vinham para trabalhar na Itaipu traziam consigo, além da expectativa de conseguir emprego na construção, a experiência adquirida em outras barragens. Embora Tizio tenha trabalhado na roça desde os quatro anos de idade, veio para Itaipu com a experiência de ter percorrido várias construções de barragens ao longo de sua vida, Promissão/SP (1968-1969), Cachoeira do Marimbondo/SP e MG (1970-1974 / 1975-1976), Canal São Simão/GO (1974), Itaipu Binacional/PR (1977 – 1991). Este trabalhador, se somarmos com os anos que esteve empregado na barragem de Itaipu, trabalhou mais de vinte anos da sua vida nesta ocupação e em várias regiões do país.

Na fala de Tizio, a primeira intenção não é se estabelecer na cidade, passar apenas uma temporada, por mais que a construção fosse projetada até o final da década de oitenta. As condições iniciais oferecidas pela infra-estrutura da cidade, no começo das obras na usina e das áreas reservadas para os trabalhadores estavam sendo um dos empecilhos da sua permanência. O outro motivo era o clima: vindo de uma região mais quente, teve dificuldades para habituar com o inverno rigoroso da cidade. Além disso, a família permaneceu na cidade de São José do Rio Preto-SP, onde residiam, dificultando sua adaptação por mais que dependesse deste emprego para mantê-la. Assim, este trabalhador avalia que só permaneceu na construção, pois foi possível trazer sua família para morar em Foz do Iguaçu.

Aí fui pra São José do Rio Preto e truxe o pessoal pra cá, pra vim. Aí já começou a melhorá um pouco lá, né? Trabalhá tem que trabalhá em todo lugá memo, né? A gente já tá fichado aqui, a família tá aqui, já não tem mais aquela dor de cabeça de ficá aqui e a família lá, naquele tempo era difícil de você i pra São José do Rio Preto, difícil memo, né? Você pegava o carro aqui ia até Londrina. Londrina você chegava lá meia noite, uma hora da manhã aí cê tem que esperá de novo até sete hora da manhã do outro dia pro cê pegá um carro pra i pra São José do Rio Preto, né? E esse carro ia passando para um lado, passando pra outro ... cê chegava lá cinco, seis hora da tarde dava quase dois dias de viagem e hoje cê sai cedo daqui, sai de noite daqui no outro dia você amanhece lá, i a estrada muito ruim. Aí a família veio pra cá já que tem que trabalhá então vamo trabalhá Aí melhorou cem por cento, aí a molecada já entro na escola, os colégio muito bom, você chego a estudá no Anglo, né? Colégio muito bom. E muita gente conhecida foi chegando também, muita gente conhecida foi chegando, e aí...

Para Tizio, o trabalho se apresenta como a única possibilidade para criar a família. Este significado desenvolvido pela classe trabalhadora se dá pela educação, tradição, costume, etc., o que estabelece um entendimento das exigências do modo de

produção capitalista como se naturalizasse a venda de sua força de trabalho:³⁷ *“trabalhá tem que trabalhá em todo lugá memo”*. Por sua vez, as dificuldades enfrentadas na separação da família expressam valores e uma importância que ela tem nesse processo, o que, em determinado momento vai dar outros sentidos ao trabalho. Assim, o motivo de sua chegada é compreendido como uma ocupação da qual poderia ter um salário que garantisse sua sobrevivência cotidiana, e também a realização de expectativas e a possibilidade de um futuro melhor para ele e sua família.

A narrativa deste trabalhador indica que o salário era determinante na escolha de trabalhar na barragem. No entanto, outros elementos são evidenciados como a família ao seu lado e a residência. Isso aponta para algumas das condições específicas que se referem à infra-estrutura que a barragem deveria construir para atrair os trabalhadores, além de ofertar um salário melhor. Assim sendo, os depoimentos desses trabalhadores demonstram que a infra-estrutura da barragem de Itaipu para atender os operários foi sendo realizada e melhorada a partir das insatisfações destes sujeitos no processo da chegada e durante a construção. Portanto, os trabalhadores agiam como sujeitos nesse processo, uma vez que expressavam interesses e condições como critérios para permanecerem no trabalho da barragem e na cidade.

Neste aspecto, a projeção da infra-estrutura para atender os trabalhadores é resignificada pela administração da obra. Isto é, utilizada como marco de qualidade em se tratando de condições de trabalho, a imagem de responsável e preocupada com o bem estar de seus trabalhadores, além de ser um mecanismo de propaganda para atrair a mão-de-obra especializada. Estas questões são utilizadas na confecção da memória produzida pela direção da Itaipu, em que a infra-estrutura se estabelece como marco divisório a BR-277, em que do lado direito estavam os trabalhadores ligados à construção da barragem e do lado esquerdo os moradores da cidade.

A construção das vilas residências em uma área próxima à usina e, portanto, longe do centro da cidade, serviu como arma para os setores mais resistentes à nova realidade, que traçavam a rodovia BR-277 como fronteira entre a “cidade de cá”, dos habitantes nativos, e a “cidade de lá”, dos forasteiros, que chegavam com bons salários, garantia de moradia e assistência médica para a família, além de outras vantagens, como escola para os filhos, clube social, quadras esportivas e centros comerciais,

³⁷ MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

transporte para o trabalho e para os colégios. O programa de apoio aos trabalhadores foi feito nos mesmos moldes de outras hidrelétricas para atrair os barrageiros e os melhores técnicos e engenheiros para Itaipu. A conquista da “nata” dos profissionais do setor no Brasil foi possível não apenas graças a esses atrativos e à grandeza do desafio, mas também a uma circunstância favorável: as grandes obras do setor elétrico, como Marimondo, Ilha Solteira e Itumbiara, além de Itaúba, Tucuruí e Salto Santiago, entre outras estavam em fase de conclusão e a tendência natural para os barrageiros ... era seguir para a fronteira com o Paraguai, no Oeste do Paraná.³⁸

A construção dos bairros foi concebida enquanto um projeto, segundo noticiado pela empresa como marco divisório da BR-277, como “*a cidade de cá, dos habitantes nativos, e a cidade de lá, dos forasteiros*”. Esta divisão faz sentido para esta análise, quando considerada a partir dos interesses que levava a empresa a realizar esta construção. Entretanto, a edificação foi se articulando e se fazendo a partir das relações com a cidade, mas constituindo-se por dinâmicas distintas, que diz respeito ao controle da vida e trabalho de seus funcionários, estabelecendo horários controlados e vigiados pela segurança privada da hidrelétrica, em se tratando da entrada e saída dos moradores e visitantes. Portanto, a projeção da infra-estrutura da barragem não foi cedida aos trabalhadores como benefício ou privilégio, muito menos, para caracterizar as diferenças entre os dois pólos na cidade. Mas, deve ser entendida como necessária para estabelecer níveis aceitáveis de produção e na realização das metas e prazos das obras. Essas questões e as relações entre trabalhadores e a empresa ficarão mais evidentes no capítulo dois que se atém na discussão das relações de trabalho.

Não concebo que tal infra-estrutura organizada para atender os trabalhadores foi algo peculiar na construção de Itaipu, já que a própria empresa reconhece que o modelo é o mesmo utilizado em outras barragens, mas que inicialmente adotou-se para os fins de atrair mão-de-obra qualificada ou experiente em construções de barragens. Porém, estas eram ao mesmo tempo, necessárias para o controle e a extração do máximo de produção dos trabalhadores.

De 1975 a 77, foram construídas 5,1 mil casas – 2.708 na margem esquerda do rio, junto à cidade de Foz do Iguaçu, e 2.392 na margem direita, entre as cidades de Porto Presidente Franco e a colônia Porto Stroessner. Em 1978, foram

³⁸ MONTEIRO, Ibidem. p. 58.

construídas mais de 3.960 habitações, 2.227 na margem esquerda e 1.733 na direita.³⁹

Estas casas abrigavam trabalhadores que exerciam diferentes cargos na construção: engenheiros, diretores, técnicos e ajudantes de serviços gerais, de trabalhadores com ensino superior completo entre outros que mal sabiam escrever seu nome. Assim, a administração da obra estabeleceu critérios para selecionar, organizar e distribuir os moradores nas vilas, por exemplo, os funcionários da Itaipu Binacional residiam nas Vilas “A” e “B” e das empreiteiras que tinham pouca escolaridade e exerciam as funções braçais na obra e outros, eram encaminhados para o Conjunto “C”, quando houvesse casas disponíveis.

A edificação dessas casas corresponde à necessidade da realização do Projeto Itaipu que estava organizado a partir das metas de produção. Esta infra-estrutura se constitui perante a empresa, essencial para o predomínio do excelente padrão de produtividade, por parte do contingente humano que nela atua. No Relatório Anual referente ao ano de 1982, divulga-se sobre este processo:

Há uma notória relação de causa e efeito entre, de um lado o desempenho em atividades na área do projeto de Itaipu, e do outro lado, a categoria do apoio físico e social que a Entidade Binacional proporciona ao contingente humano e a seus familiares na área do projeto (...) Em 1981 (...) continuava a predominar expressivo padrão de produtividade por parte do contingente humano na área do projeto de Itaipu, estimulando, entre outras circunstâncias, pela existência, desde o início da obra, de um ambiente sadio nas relações de serviço, de trabalho e no relacionamento social entre diversos grupos existentes (...) a (...) infra-estrutura física e social implantada pela Itaipu em exercício anteriores e que vem sendo mantida administrativamente, em excelente nível de funcionamento (...) entre outras facilidades: ótima alimentação no canteiro de obras, residências confortáveis, bem como instalações de saúde, de educação e de lazer, todas excelentemente equipadas⁴⁰

Neste relatório, que se propõe a fazer uma síntese anual das principais realizações da construção da usina, aspectos econômicos e financeiros desde 1974, evidencio de maneira única a concepção de planejamento das atividades no canteiro de obras que supostamente facilitaria estabelecer maior controle dos trabalhadores na sua área de influência, com a finalidade de constituir um “*ambiente saudável nas relações*

³⁹ Idem. Ibidem. p. 50.

⁴⁰ Relatório Anual, Itaipu Binacional, 1981. p. 15.

de trabalho e à harmonia social dos diversos grupos existentes.” Poder-se-ia, ainda, acrescentar a esta infra-estrutura mencionada, a alimentação dos trabalhadores para que pudessem repor suas energias e retornassem ao trabalho, de forma que não interferissem na racionalização da produção.

Esta questão é destacada também no livro “Itaipu, a luz”, a qual possibilitou o triunfo da construção.

A imensa cozinha do refeitório central (...) servia como referência da grandiosidade de Itaipu, com 180 pessoas revezando-se no trabalho de manutenção durante 24 horas por dia. Os números gastronômicos eram outra referência. Anualmente, eram consumidas 3 mil toneladas de farinha de mandioca, 1,9 mil de arroz, 1,9 mil de fubá de milho, 1,8 mil de feijão, 2,5 mil de soja, 2,8 mil de trigo, 2,1 mil de açúcar, 6 mil de banana, 3,2 mil de carne, 1,3 mil de queijo, 8 mil de leite, 1,8 mil de aves, 790 toneladas de pescado, além de 34 milhões de ovos e 32 milhões de laranjas e limões. No pico da construção, de 12 a 15 mil peões conviviam nos alojamentos na margem brasileira.⁴¹

O modo como era organizado a distribuição das marmitas para os trabalhadores que não poderiam sair do canteiro de obras para fazer sua refeição, não aparece neste livro. Apenas o que se destaca são os números, caminho utilizado para a produção e divulgação de uma memória da obra, ocultando as experiências e as práticas dos trabalhadores.

O trabalhador Osvaldo quando iniciou os trabalhos na barragem, distribuindo marmitas para os trabalhadores que não poderiam se retirar do canteiro de obras, narra como era organizada a entrega das refeições nesses lugares e que constantemente havia desperdício de alimentos, justificado pela empresa a partir da postura de “melhor sobrar do que faltar”.

Osvaldo: ... eu puxava marmita pra turma lá dentro. Arrumaram crachá pra mim provisório, pra entrá lá pra podê pegá os caminhão deles... pegava marmita. Ah, mais da metade era jogada fora [risos] sobrava muito, naquele tempo era um desperdício, né?

Odirlei: Sobrava bastante?

Osvaldo: Como jogava comida fora, quando sobrava uma caixa com oitenta marmita dentro, sobrava pouco, aí ia na berada do lago assim, e jogava dentro do rio.

Odirlei: Por que? Faziam a mais ou o pessoal ...

Osvaldo: Não podia faltá. Era melhor sobrá do que faltá, se faltasse dava um rolando danado então sempre pegava mais. Então, aí ... essas marmita aí era ...

⁴¹ MONTEIRO, op. cit. p. 64.

quem controlava aí era os feitor da área, se você é encarregadão assim, cêi são dá área quantos funcionários você tem... então chegava lá, pede lá, vinte marmita pro meu setor aqui. Setor do outro lá, quarenta marmita... aí fazia a conta e ia lá no refeitório lá buscá. Todos pediam a mais.

Odirlei: Sempre pedia a mais?

Oswaldo: Todos eles pedia a mais. Todo setor pédi um pouco mais. Aí quando chegava no último, porque o pessoal ia buscá lá no caminhão... e nós do caminhão tinha o direito de pegá um pouco mais também.

O que pretendo apontar com isso são alguns aspectos que se fazem presentes nos números apresentados pela empresa, e em que outros são representativos para explicar o processo da construção e a sua importância. Ou seja, a ausência de relatos da experiência dos trabalhadores em seus textos, apresentando os números e as proporções da construção, no que se referem às moradias, trabalhadores, alimentação, entre outros, aponta seu olhar e posicionamento político em relação aos trabalhadores, implicando na distorção e minimizando os sujeitos que a constituíram. Assim, a partir dos elementos selecionados para construir a memória da usina, a empresa busca sustentar a idéia de que a realização do projeto se deu sem conflitos, disputas, dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores ao chegar naquela cidade para trabalharem na construção da barragem.

Neste sentido, o diálogo com as narrativas que nasceram da interlocução entre entrevistador e entrevistado, buscando captar as experiências dos trabalhadores nas maneiras como a barragem é vista, sentida e vivida pelos diversos atores sociais.

Percebemos que, a infra-estrutura apresentada e direcionada para os trabalhadores é reconhecida e aprovada por eles, mas isso passa a ser entendido a partir de outras circunstâncias. Na medida, em que a construção necessitava de mais trabalhadores, o número de casas foi sendo aumentado nos bairros administrados pela hidrelétrica. O bairro Conjunto “C” arquitetado no lado brasileiro, sendo o mais próximo do canteiro de obras, destinava-se aos trabalhadores casados e que executaram os serviços braçais no canteiro de obras. Inicialmente, foram construídas 1.300 residências, mas no decorrer das obras esse número aumentou para 2.900.⁴²

Embora, as construções das residências foram sendo ampliadas no andamento da barragem, os trabalhadores quando chegaram tiveram problema em conseguir de imediato a casa, Oswaldo apresentou as dificuldades iniciais quando contratado pela

⁴² Revista Construção Pesada, op. cit. p. 176.

UNICON, ganhando casa na Área 6, bairro localizado no Paraguai, para trazer sua família e sair do alojamento da empresa.

No começo a gente achava estranho era as paraguaias, porque ia conviver com um, num país que a gente, entende? Não tinha nada a ver... só que a Itaipu nessa área aí ela ajudou muito. Tipo ela pegava as crianças e trazia pra cá, tinha ônibus pra pegar a mãe pra, os homens não só quando tava de folga, ou quando trabalhava uma semana de noite e outra de dia, aí vinha pra cá fazer compra. Toda a semana, duas vezes por semana tinha os ônibus que pegava o pessoal que vinha por lá pra fazer compra. Então nessa parte favoreceu muito, mesmo lá na Itaipu, Unicon oferecia gênero de primeira necessidade, assim, feijão, arroz. Então nessa área ela ajudou muito e tudo baratinho, o que você comprasse deles ali, tudo preço, eles não visava lucro, né? Tinha pão, leite, de manhã passava a caminhante entregando pão, entregando leite.

O fato de estar longe da família há mais de um ano, viajando a cada dois meses, pesou na decisão para aceitar morar na casa cedida pela empresa no bairro construído do lado do Paraguai. Embora todos os moradores deste lugar também trabalhassem no canteiro de obras, se sentiu desconfortável em conviver em um país que não fosse o seu. Porém, a empresa interessada na produtividade dos trabalhadores, colaborou para amenizar este desconforto inicial até conseguir mudar-se para o bairro construído no Brasil.

Residir em outro país implicava em distanciar de antigas práticas e de estratégias criadas que emergem, com o forjamento de outros modos de vida, entendidos como disputas. Durante três anos este trabalhador residiu neste bairro, evidenciando em sua fala uma possível adaptação no convívio com os paraguaios, devido à prestação da empresa para suprir as necessidades básicas, mudando seu posicionamento inicial, quando ganhou a casa, conforme foi apresentado. A construção dos bairros para os trabalhadores e o apoio social mencionado teve como dinâmica contribuir para o viver e trabalhar desses sujeitos, como narrou Osvaldo, evitando assim, as viagens de funcionários para visitar a família em outras cidades.

Osvaldo: A firma dava dois, aí você domingo não trabalhava aí você ia. Porque lá era o seguinte, você trabalhava lá uma semana de dia e outra de noite, domingo você pega de manhã, se trabalhasse domingo de manhã aí você ia sair segunda de manhã, aí você ia pra casa dormir de noite você voltava. Então domingo que você não pegava, que ia pegar à noite você saía naquele domingo, como ela dava segunda e terça, aí eu ia e voltava que era dois dias. Aí saía no sábado à noite.

Odirlei: Mas era por mês que ela dava esses dois dias?

Oswaldo: Ela dava, não lembro se era de um mês ou em dois e dois meses.

A formação de novos bairros em Foz do Iguaçu deve ser compreendida a partir do interesse da empresa em atender as necessidades das rotinas de trabalhos para construção da barragem com jornadas de 10 a 12 horas. Com isso, ocorreu à reorganização de alguns espaços urbanos da cidade com a constituição das vilas residenciais de Itaipu registrado pela empresa como algo positivo e que despertava em outros segmentos da cidade o estabelecimento do marco divisório da BR-277.

Os trabalhadores das empreiteiras que tinham pouca escolaridade e exerciam as funções de ajudante, motorista, feitor, apontador, sinaleiro, carpinteiro, pedreiro, encanador, entre outros, eram encaminhados para o bairro Conjunto “C”. Este bairro era constituído por uma diversidade de trabalhadores que já tinham experiências com as rotinas e os trabalhos na construção de barragens, do mesmo modo trabalhadores que estavam saindo de outras ocupações para ingressar nesta atividade, quando muitos ainda não tinham a experiência de morar em uma casa com tais características.

A maneira como os trabalhadores avaliaram a casa cedida pela empresa está impregnada de sentidos, significados e historicidade, Valdizar coloca:

Odirlei: E antes o senhor não tinha casa própria?

Valdizar: Não tinha, antes eu pagava aluguel ali na cidade, seis meses de aluguel eu paguei.

Odirlei: Aí o senhor entrou aqui quando?

Valdizar: Entrei aqui em, no dia cinco de novembro de mil novecentos e setenta e sete.

Odirlei: Então era confortável a casa?

Valdizar: Eu achei, porque da onde eu vim, quando eu cheguei aqui falei: to numa mansão. Que eu pagava aluguel era duas pecinha ali no fundo, na cidade, não tinha água, não tinha nada. Era um problema, cheguei aqui, casa com água, luz e tudo e não pagava nada pra mim foi uma melhora boa do dia pra noite, viu?

O bairro operário Conjunto “C” construído entre os anos de 1977 a 1979, na margem brasileira, para abrigar provisoriamente os trabalhadores da usina, sendo duas de 2 quartos e duas de 3 quartos, cuja área total é de 280 m². A casa de dois quartos tem 60 m², e a de três tem 80 m². Mesmo sendo de construção mais simples, barracões de blocos de concreto, divididos com parede meia em quatro residências, cobertos com zinco e forro de isopor, Valdizar narra que as condições de moradia que tinha antes de residir neste lugar edificado pela empresa, faz esse trabalhador avaliar como uma

“mansão”, a casa oferecida a ele, pois deixou de pagar aluguel, água, luz diminuindo desta forma as despesas pessoais.

As dificuldades que os trabalhadores tiveram para ingressar na empresa e depois conseguir a casa no bairro dos operários da construção da barragem evidenciam sua participação de sujeitos ativos neste processo, já que buscavam modificar suas condições de vida. Este terreno comum de experiências e compartilhado de possibilidades foi para esses trabalhadores, quando migraram para Foz do Iguaçu, convidados por amigos, parentes ou agenciados de outras empresas determinados pela intenção de melhorar o salário. Após aguardarem em casas de parentes, ou pagando aluguel – algumas fora de Foz – ficarem no alojamento, buscou-se conseqüentemente, trazerem a família, vislumbrando melhorar as condições para criar os filhos com a “seguridade” no emprego proporcionada pela barragem.

Portanto, no início das obras o aumento de casas construídas a partir de 1977 até 1979, ocorreu para responder a demanda dos trabalhadores que queriam trazer suas famílias ou assegurar sua presença com a oferta da casa. De modo a responder às necessidades dos trabalhadores que determinou ao final dos trabalhos de responsabilidade do Consórcio UNICON à permanência do bairro quando inicia a venda das casas a partir de 1991/1992 e não demolidas, conforme o planejamento inicial da Itaipu.

Neste mesmo período, de finalização do contrato de prestação de serviço do Consórcio UNICON, ocorria a demissão dos trabalhadores e a desmobilização de uma parte da infra-estrutura que atendia esses operários.

As residências do Conjunto “C” colocadas à venda nesse período passaram à manutenção dos serviços de saúde, educação, segurança e outros, para a Prefeitura da cidade. Após o repasse ao governo municipal, o bairro vivenciou várias mudanças, principalmente no que se refere ao número de desempregados, aumento da violência, aparecimento de ocupações em terrenos baldios, etc. Esta mudança é reconhecida pela maneira de avaliar dos trabalhadores presentes nas duas formas de administração que o bairro presenciou durante a construção – isentos de algumas despesas – e depois do término das obras, quando inclui o pagamento das taxas de água, luz, iluminação pública, conseqüentemente, aumentando o custo de vida desse grupo de pessoas.

Definitivamente, a “projeção racional” da Itaipu Binacional e suas empreiteiras na edificação de casas e no planejamento de demolição delas após o término da construção foram ao longo das obras constituídas a partir das dinâmicas dos trabalhadores. Neste sentido, que estou propondo refletir sobre o trabalho na vida desses operários, o que permite também compreender seu significado mais do que uma ocupação ou um salário para garantir sobrevivência cotidiana, conforme aponta Paulo R. Almeida, discutindo as narrativas dos trabalhadores sobre os encantos e desencantos com a cidade,

Digo isso porque tenho notado, na tônica das narrativas, que vida e trabalho não se separam. Tenho aprendido que trabalho significa muito mais que uma ocupação ou um salário para garantir sobrevivência cotidiana; significa realização de expectativas e a possibilidade de um futuro renovado. Sua ausência marca de maneira profunda a vida das pessoas, e parte do desencanto com a cidade está intimamente ligada a essa carência que gera insegurança e incertezas.⁴³

A realização de expectativas e a possibilidade de um futuro melhor para ele e sua família, determinando a chegada em Foz do Iguaçu pelo salário ofertado, vão se constituir no canteiro de obras as relações antagônicas entre os interesses da empresa que buscava com o ritmo de produção, o controle, a vigilância sobre os trabalhadores extrair da sua força de trabalho a produção suficiente, neste caso, construir a hidrelétrica de Itaipu.

⁴³ ALMEIDA, Paulo Roberto. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. In *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Editora Olha d'água. 2004.

CAPÍTULO II:

“Organização e práticas”: nas relações de trabalho no canteiro de obras da hidrelétrica de Itaipu.

No capítulo anterior, busquei discutir alguns dos elementos escolhidos pela Itaipu Binacional, na composição da sua história e, algumas, formas para integrar os trabalhadores a imagem de necessária ao desenvolvimento da nação. Neste sentido, aponte as trajetórias dos trabalhadores, os motivos, os interesses e as dificuldades enfrentadas ao chegarem à cidade Foz do Iguaçu para empregarem-se na barragem.

Neste capítulo, pretendo analisar as relações de trabalho vividas pelos operários da barragem de Itaipu que exerceram diferentes funções no canteiro de obras, problematizando a “história oficial” que a construção foi realizada num ambiente de compromisso entre ela e seus trabalhadores. Analisando, mas especificamente, os trabalhadores do setor de transporte pesado, os quais têm um papel importante na constituição da memória produzida pela administração da hidrelétrica composta de recordes de escavação e concretagem da barragem, além de serem estratégicos nos trabalhos no canteiro de obras. Também, a organização da UNICON, a partir do Contrato de Prestação de Serviços e alguns artigos de seu jornal Informativo Unicon, que apresentam a estruturação das práticas que compuseram as dinâmicas de trabalho dos operários na obra.

O diálogo com os operários buscou entendimento dos significados, percepções e sentidos dos trabalhadores sobre a rotina de trabalho. Neste sentido, considerar as intenções, justificativas e ambições desses trabalhadores possibilita compreender as relações sociais desenvolvidas no canteiro de obras, permitindo identificar suas práticas: solidariedade, companheirismo, acordos com feitores e encarregados que controlavam a produção, estratégias organizadas para resistir ao trabalho paralisando ou diminuindo parcialmente a produção e a disposição para fazer hora-extra.

Desde o início da década de 1970, os governos de Brasil e Paraguai, definiram que a administração da construção da barragem de Itaipu estaria estruturada em três partes⁴⁴, as quais teriam como responsabilidade organizar o espaço físico, fiscalizar os trabalhos e recrutar a mão-de-obra, devido à complexidade das obras e o período que desdobraria sua conclusão. Neste caso, ficou a cargo de Itaipu, Entidade Binacional, constituída conforme os termos do “Tratado de Itaipu”, pela administração e execução do aproveitamento Hidroelétrico do rio Paraná. A segunda parte esteve sob a responsabilidade do Consórcio IECO-ELC, prestando seus serviços na assistência à Itaipu para a coordenação dos serviços das empresas Projetistas, e na prestação de tarefas específicas julgadas de interesse da administradora, e com a função de integrar a ação de todas as atividades pelas partes que compõem a obra, de modo que o desenvolvimento desses trabalhos ocorresse ao atendimento do calendário das atividades, evitando possíveis atrasos nos prazos na conclusão das etapas do projeto. E a terceira parte, responsável pela contratação da mão-de-obra esteve sob a responsabilidade das Empresas Projetistas,⁴⁵ firmas contratadas pela hidrelétrica para executar os serviços necessários à construção do aproveitamento hidroelétrico de Itaipu.

A responsabilidade pela execução das obras da construção civil, do lado brasileiro, ficou a cargo do Consórcio UNICON, constituído em 1975 somente para construir a barragem de Itaipu. Segundo o contrato que organizava a construção da hidrelétrica,⁴⁶ este Consórcio estava responsável pela contratação da grande maioria dos trabalhadores para as etapas de trabalho. A cargo dos funcionários da Itaipu Binacional

⁴⁴ Contrato nº 039/74 IECO – ELC & ELC – Eletroconsult. Prestação de serviços profissionais de coordenação do projeto executivo de engenharia para aproveitamento hidrelétrico da Itaipu. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1974.

⁴⁵ Ao longo da construção os principais Consórcios foram : UNICON, CONEMPA e ITAMON.

⁴⁶ Contrato de Prestação de Serviços nº 290/77.

ficaram a organização e administração dos trabalhos em todas as esferas, desde a construção da infra-estrutura para os trabalhadores como casas, escolas, hospitais, posto de saúde, até a busca de empréstimos e financiamento da obra. Após esta fase, entraria a montagem eletro-mecânica, sendo de responsabilidade dos trabalhadores do Consórcio Itamon.⁴⁷ No entanto, as obras civis estiveram presentes durante toda construção, e a partir de 1981, ambos trabalharam juntos.

O contrato firmado entre o Consórcio UNICON e a Itaipu Binacional determinava a projetista empreitar a construção de obras civis constando nas cláusulas primeira e segunda que:

Cláusula 1^a - objeto do contrato: construção das Obras Civis, relativas a Barragem de Concreto, Casa de Força e Vertedouro do Aproveitamento Hidrelétrico de Itaipu.

Cláusula 2^a - as Obras, objeto do presente Contrato, compreendem principalmente a construção de: a) vertedouro b) barragem lateral direita c) passagem d'água para futuras ampliações d) barragem principal e) estrutura de controle de desvio f) casa de força no leito do rio para 14 unidades g) áreas de montagem direita e central h) casa de comando i) enceradeira no canal de desvio j) tampões das aberturas de desvio.

Estas atividades são reconhecidas pelos marcos da construção como referentes à primeira e à segunda etapas da obra que percorreram os anos de 1975 a 1982.

Também, consta no contrato de prestação de serviço das obras de construção os prazos estipulados que deveriam ser cumpridos pelo Consórcio para que não houvesse atrasos nos serviços. Assim, para evitar o aumento do custo da obra e o cumprimento dos prazos, qualquer eventualidade sobre o cronograma que fosse de responsabilidade deste Consórcio, ocasionava penalidades (multa), conforme acordado entre Itaipu e a empresa.

Cláusulas 51^a - caso o Contratado, por sua culpa, não compete as etapas das Obras nos prazos mencionados na Cláusula 14^a, incorrerá em multa por etapa atrasada, em relação aos marcos contratuais, de 0,02% (dois centésimos por cento) do valor da média mensal dos faturamentos correspondentes às etapas das Obras em atraso, dos seis meses corridos que antecederem à data fixada para conclusão da etapa atrasada, por dia corrido de atraso, até o término da mesma.

⁴⁷ Consórcio ITAMON: A. Araújo S.A. Engenharia e Montagens, EBE – Empresa Brasileira de Engenharia S.A., Montreal Internacional, Sade – Sul-Americana de Engenharia S.A., Tenenge – Técnica Nacional de Engenharia S.A., Ultratec Engenharia S.A., Consórcio de Ingeniería Electromecânica S.A. – CIE. In: MONTEIRO, Nilson. Itaipu, a luz. Itaipu Binacional. 1999.

Parágrafo 1º - a multa será aplicada sempre por etapa de serviço em atraso, independentemente dos reflexos que possa ter sobre quaisquer outras etapas sendo cumulativas as multas referentes a diferentes etapas. A aplicação de qualquer multa deverá ser formalmente comunicada, previamente à sua.

As cláusulas contratuais determinaram, em grande medida, a organização dos trabalhos realizados pelos operários no canteiro de obras, principalmente com a elaboração do calendário oficial da construção, produzido pela direção da Itaipu Binacional. Para evitar ultrapassar a data prevista pelo cronograma oficial, e ser penalizada financeiramente, os engenheiros do Consórcio UNICON elaboraram seu próprio calendário buscando antecipar o término das etapas, as quais poderiam lhes render alguma bonificação estimulada pela contratante. Esses acordos contratuais entre as partes, eram determinantes na organização das condições de vida e de trabalho colocados para os operários, já que, o Consórcio buscava de várias maneiras extrair deles o máximo de sua força de trabalho, para que fosse possível atingir as metas na área de produção.

No ano seguinte da assinatura do contrato de prestação de serviços, o canteiro de obras passou a contar com outro mecanismo de organização do trabalho, o Informativo Unicon, produzido pelos responsáveis do Consórcio que dá o nome ao jornal.⁴⁸ Esta ferramenta tinha como característica divulgar o padrão de produtividade que a empreiteira e a Itaipu almejavam, assim como apresentava o perfil do trabalhador valorizado na barragem, no qual seus funcionários deveriam se sujeitar. Os artigos em sua grande maioria constituíam-se de testemunhos de pessoas que se destacavam no exercício das mais diferentes funções profissionais existentes na empresa. Na coluna “Nossos Profissionais”, traz o seguinte testemunho:

Atenção, muita atenção! O operador de estrada sabe muito bem disso

Aqueles caminhões enormes, o Terex, o Wabco e outros mais, que metem medo e admiração ao mesmo tempo, têm merecido repetidas referências de todos aqueles que os conhecem à distância. Porém, nunca tínhamos conversado com aquele que está mais perto deles: os operadores de fora-de-estradas.

(...) Abelardo Meza, com muito esforço, aos 52 anos, em 22 dias de treinamento e muito esforço conseguiu dominar o gigantesco Terex.

Homem de poucas palavras, disse apenas o necessário. Ressaltou dois aspectos de sua pessoa: admiração, respeito e gratidão para com seu jovem instrutor e grande

⁴⁸ Jornal Informativo Unicon, produzido no período 02/1978 a 12/1988. Editado pelo Consórcio UNICON, com uma tiragem de 15.000 exemplares no período quinzenal, localizado na biblioteca da Itaipu Binacional, em encadernação organizadas por mês e ano.

carinho, zelo e quase ternura pelo seu enorme caminhão. Declara-se um homem rico, agradecido e feliz...

Sua dedicação pode ser observada ao recordar palavras do responsável pelo treinamento: “Vocês ganham por hora, não por viagens completadas. Portanto, devem cuidar o máximo da máquina”. Estas palavras não foram esquecidas por Abelardo e ele declara: “Eu cuido do meu Terex e nunca fujo do trabalho porque o senhor Sebastião também nos disse uma vez: “não quero que me façam passar vergonha”. E acrescenta com convicção: “Eu preciso desta máquina, por isso, trato-a com todo cuidado e envergonha-me se tiver que parar por algum defeito da mesma.”⁴⁹

Este artigo, num primeiro momento, se apresenta com a intenção de oferecer aos demais trabalhadores que conheçam o funcionamento do veículo, as dificuldades que são superadas com atenção e a orientação dos sinaleiros, os quais direcionam o lugar para carregar e descarregar as cargas, as manobras que evitariam quebrar a máquina e os cuidados que os motoristas precisavam ter para não provocarem acidentes. No entanto, num segundo momento, a intenção passa para a importância de conscientizar os trabalhadores desde os treinamentos a respeito das obrigações no canteiro de obras, seguindo as orientações dadas pelos superiores, desenvolvendo assim, suas respectivas funções com empenho e dedicação evitando a quebra da máquina e proporcionando o respeito e o orgulho de seu superior.

Outras reportagens foram divulgadas para os trabalhadores durante o período em que o jornal foi impresso pela empresa. Os artigos apresentavam a trajetória de operários que eram considerados, na visão dos responsáveis do Consórcio, como bons funcionários, já que correspondiam na prática o respeito pelas regras de organização do trabalho. Seleccionei a história de Zé Bonitinho:

Zé Bonitinho: “O motorista nunca deve agir em dúvida”

Vindo a Foz, fichou-se na UNICON a 18 de março de 1977, ref. Nº 22489 [nº do crachá].

A princípio começou a conduzir uma Kombi. Quando surgiu a “zebrinha” (Brasília pintada com faixas pretas e amarelas, lembrando a zebra) que serve de batedor diante dos ônibus escolares vindos da Área 6 MD, cruzando o Canteiro de Obras para o Colégio Anglo Americano da Vila “C” ME...

Ao receber as chaves da “zebrinha”, José também recebeu um boné com as cores da zebrinha. Daí foi alcunhado de Zé Bonitinho, apelido que lhe calha muito bem por sua mentalidade alegre e sua disposição constante de fazer tudo e qualquer coisa que lhe for pedido. “Ele é um ‘cara’ que joga no time da gente, faz tudo o que lhe pedimos”, asseverou seu superior no setor de transporte.

⁴⁹ Informativo Unicon, 3 de março de 1979. p. 4.

Motoristas bons como Zé Bonitinho há muitos. Mas também há os menos cuidadosos. É preciso que os Zé Bonitinhos sirvam de exemplo àqueles que fazem do veículo uma arma de guerra cujo gatilho é o acelerador.⁵⁰

Na medida em que os trabalhos na barragem iam sendo realizados, e eventuais problemas como acidentes de trabalho, definidos pela empresa, como consequência da indisciplina dos trabalhadores, o Consórcio UNICON estabelecia o diálogo com seus funcionários contrapondo aos operários “menos cuidadosos” citados em reportagens como a do “Zé Bonitinho”, que desenvolve a função de motorista no canteiro de obras. Reportagens como esta que assinalava para o perfil de trabalhador que estava sendo valorizado, estiveram presentes desde o primeiro ano de fundação do jornal, passando a ser de informação e ao mesmo tempo, pedagógicos para os trabalhadores. Contudo, condiziam como exemplo para os operários adotarem a postura dos colegas que estavam em evidência nos artigos, atendendo aos interesses da construção, sujeitando-se às jornadas de trabalhos, dispondo-se a trabalharem nos dias que as escalas determinassem, mesmo sendo em domingos, feriados ou no dia de suas folgas.

Neste sentido, as reportagens orientavam quais eram as regras do jogo que os trabalhadores estavam envolvidos. A permanência na empresa iria depender de como se articulavam ao trabalharem o mais duro que podiam, ou que se esperava tradicionalmente que o fizessem, sujeitos à condição de que eles sentissem por si mesmos estarem recebendo o valor justo.

Portanto, os diálogos produzidos nas entrevistas com os trabalhadores vão apresentar a dureza do trabalho materializado na extensão da jornada de trabalho. O perfil do trabalhador pretendido pela empresa passa a ser compreendido a partir de outras percepções, interpretações e ações dos trabalhadores em relação a ele.

No que diz respeito às jornadas de trabalho no canteiro de obras, a Itaipu Binacional aplicou medidas genuinamente eficientes de utilizar o tempo de trabalho dos seus operários. A organização das metas de produção que foram reorganizadas pelo Consórcio UNICON, para garantir o cumprimento dos prazos estabelecidos no contrato de prestação de serviços, estabeleceu uma extensa jornada de trabalho organizada para manter em produção o canteiro de obras durante vinte e quatro horas. Para isso, os trabalhadores foram divididos em dois turnos, com duração de dez a doze horas. Esta

⁵⁰ Informativo Unicon, 17 de novembro de 1979. p. 2.

divisão se dava de acordo com a ocupação exercida na construção, que atingia quase a totalidade dos trabalhadores, executando suas respectivas funções numa semana durante o dia e a outra durante a noite.

Os que trabalhavam na produção, aqui entrevistados motoristas e operadores de máquinas pesadas, tinham tratamento e horários diferenciados de outros trabalhadores, como carpinteiros, encanadores e os demais requisitados pela Itaipu para realizar trabalhos de infra-estrutura e suporte para administração das obras e nos bairros construídos para os funcionários.

Os operários Valdizar, Osvaldo e Tizio trabalhavam como operadores de máquinas pesadas, dirigindo caminhões caçamba, Terex e Wabco, conhecidos também como máquinas fora de estrada, devido ao seu tamanho que poderiam carregar uma carga de até setenta e cinco toneladas. Utilizavam os respectivos caminhões no setor de escavação para extrair pedras, rochas, terra e argila. No setor de concretagem carregavam os materiais que constituiriam o concreto, em seguida transportando-o até os lugares determinados pelos encarregados. Quando escalados durante o turno diurno, às sete horas, após baterem o cartão ponto, já estavam no seu setor desempenhando suas funções, saindo às dezoito horas quando iniciava o turno da noite que ficaria até as seis horas da manhã do dia seguinte. Isso ocorria a cada duas semanas alternadas pelas frentes de trabalho, sendo que o domingo era o dia que realizavam a dobra da jornada para mudança do turno. Entravam sábado, às dezessete horas, agora ao invés de saírem às seis horas da manhã, ficavam até as doze horas de domingo, para iniciar no turno da noite na segunda-feira, após descansar a mesma quantia de horas trabalhadas. Esta dobra da jornada era realizada por esses trabalhadores a cada quinze dias, trabalhando em uma jornada de até vinte horas ininterruptas. Totalizando assim, uma jornada semanal que ultrapassava 60 horas.

Esta jornada de trabalho extensiva foi estabelecida através de escalas, as quais determinavam os dias da semana que os operários exerceriam suas funções, sejam elas, sábados, domingos, feriados ou nos dias de folga. Ao ser indagado sobre a rotina de trabalho Tizio recorda:

Eu saia sempre daqui seis hora saia daqui, então chegava lá seis e meia ... seis e meia batia o cartão é e aí já ia pro setô. Nosso setô é o transporte pesado. Tem

transporte leve. Transporte pesado era o nosso. Ali cê já tinha sua escala certinha, então cê já chegava no transporte pesado já vinha o feitor ali, né? Com uma prancheta na mão então ali escalava quantos carro pra ... tantos carro pra carregadeira, né? Quantos carro pra outra retro-escavadeira, né? Então cada uma já ia pro seu local de trabalho, e ali o pau quebrava memo, até meio dia por aí, quinze pra meio dia era o horário do almoço, né? Cê almoçava, as vez muitos fazia hora-direta, né? Eu memo fazia hora-direta, porque muitos não queria, já sabia que eu fazia memo ... Ó, hora-direta aí, tá! Então cê engolia aquela comida cê tinha quinze minuto ali pra comê aquela comida ali, cê já pulava em cima da máquina e aí...

O período narrado por Tizio, se refere aos trabalhos da primeira fase da construção, quando realizaram a escavação do Canal de Desvio do rio Paraná, para que pudesse ser construída a barragem central da usina. A jornada de trabalho iniciava neste setor às sete horas da manhã, tendo quinze minutos para fazer sua refeição desempenhando a função de operador até as dezoito horas, chegando em sua residência em torno das dezenove horas. Esta jornada e o ritmo de trabalho extensivo, num primeiro momento são narrados como escolha deste *trabalhador* “*eu memo fazia hora-direta, porque muitos não queria, já sabia que eu fazia memo*”, durante o tempo que esteve empregado na empresa, ficando à disposição para fazer hora-extra⁵¹, visto que outros companheiros optavam pelo maior tempo de intervalo. A opção deste trabalhador em estar à disposição da empresa, tem um significado ambíguo para o conjunto dos trabalhadores aqui entrevistados, isto é, ao mesmo tempo em que possibilitava uma maneira de aumentar o salário, por outro, este ritmo de produção e as jornadas de trabalho privavam o seu convívio familiar, como no domingo, dia considerado de descanso e dedicado à família, o dia de folga utilizado para visitar amigos e parentes ou ir ao centro da cidade. Porém, acreditavam que o atendimento das ordens dos superiores, seguindo a escala de trabalho controlada pelo feitor do setor, seria um meio de permanecer empregados até o final da construção, como será demonstrado ao longo deste capítulo.

Durante toda a construção, a rotatividade na entrada e saída de trabalhadores na empresa era constante, e a questão de estar disposto a fazer hora-extra ou hora-direta possibilita interpretar uma estratégia avaliada pelos trabalhadores para permanecerem

⁵¹ Além da hora-extra os trabalhadores faziam hora-direta, quando não se deslocavam para o refeitório no horário de almoço, permanecendo no setor trabalhando até o término da jornada de trabalho do respectivo turno. Era um arranjo da empresa em manter a produção, mas que no final da construção proporcionou aos trabalhadores entrarem com ação trabalhista pedindo, entre outras coisas, o pagamento dessas horas trabalhadas.

empregados, uma vez que esta questão aparece em todos os depoimentos e em vários momentos em suas falas. Seguir a escala e trabalhar no dia de folga ficava à escolha do peão. Mas, isso poderia trazer conseqüências ao trabalhador quando chegava a próxima redução na empresa, pois os critérios narrados pelos trabalhadores seriam sua produtividade, pontualidade, compromisso e responsabilidade.

Este mesmo trabalhador avalia que as conseqüências para aqueles que apresentavam muitos atestados médicos, acabavam por ficar “manjados” com os feitores e estavam relacionados à próxima dispensa.

Redução. Então esse negócio é redução. O certo é redução o facão é coisa de pião, vai tê facão. Sempre tinha corte, desde o começo até o fim, lá sempre tinha corte. Eles fichava, tinha um corte, uma redução hoje aqui, aí geralmente era pra queles nó cegos, né? Era aqueles que tinha muito atestado, era aqueles que também não queria trabalhá no domingo. Era aqueles que das vez ficava pedindo pra saí todo dia, né? Tinha pião que todo dia tinha um negócio pra fazê: “Mais você foi ontem? É mais eu tenho... Ah tá, então vai. A manhã eu também preciso faia, tenho que levá a muié no médico. Mais cê já foi lá”. Então quando chegava na época do facão aquele era o primeiro da lista, né? Porque tinha muito atestado, né? Era os primeiro, então sempre teve um corte. Agora quando foi em ... 78, 79 por aí 80 vixi rapaiz teve um corte lá que óia, sempre falava pra muié hoje, daqui a pouquinho eu to de vortá, aqui porque amanhã diz que vai ter um corte medonho, mais ninguém sabia quem era e quem não era. O encarregado só falava: “amanhã vai ter um corte, cêis assusta não porque amanhã vai ter um corte, isso aqui não é nosso, né? Todo mundo tem que i embora, até eu tenho que embora daqui uns tempo, não sei que dia, mais tenho que i embora”. Aí quando é de noite vinha ... eles falavam o Cateto. O Cateto era o chefe ... dos apontador. Chefe do apontador. Então ele vinha em cada setor ele ia lá catá os cartão dos caras manjado. Teve uma época eles puseram um ônibus, parece que essa foi em 80 mais ou menos, puseram um ônibus pru pessoal, pros cara corrê a quitação, né? Mais era gente, era gente rapaz do céu. E eu fui ficando, ficando, ficando eu só saí memo porque foi término de serviço memo.

Nesta passagem da entrevista, Tizio apresenta evidências de que a demissão fazia parte da rotina de trabalho dos operários e que era compartilhado por eles no ambiente familiar. Não foi um fato exclusivo do término da construção em 1991, uma vez que se configurava como regra do jogo. A rotatividade apresentada em sua fala se refere ao término de uma das etapas da escavação em 1978 e da concretagem em 1982.⁵² Ao

⁵² Segundo o Relatório Anual da Itaipu Binacional de 1982, no ano de 1978 para 1979 há no Consórcio UNICON uma baixa cerca de dois mil trabalhadores do total empregados de dezenove mil (cerca de 19%). No ano de 1981 para 1982, esse número aumenta para oito mil operários dispensados num total de vinte mil (neste caso aumenta para 40%). Além das demissões com o término de etapas no canteiro de obras, havia outros motivos da dispensa dos trabalhadores, como a não qualificação da mão-de-obra e a baixa produtividade .

lembrar de como o encarregado do setor abordava-os para falar da demissão, demonstra desde o início dos trabalhos que os operários a qualquer momento poderiam ser mandados embora, independente da função. Portanto, este trabalhador narrando o processo da demissão, naturaliza o “facão” e associa-o a saída dos trabalhadores em função do mau comportamento no trabalho, em não atender as ordens dos superiores.

Contudo, ao interpretar que Tizio estabelece a demissão no canteiro de obras como um processo natural, devemos compreender a maneira que se constitui na sua trajetória de trabalhador. Assim, analisando a trajetória de Tizio como construtor de barragens em várias regiões do país, cujo tempo em que permanecia em cada obra era em torno de um a três anos, e ao término delas iniciava a procura em outros lugares por emprego indica para nós o lugar que realiza sua avaliação a partir da experiência no ramo de construções. Por outro lado, ao cumprir a jornada de trabalho e as ordens de seus superiores, atendendo ao perfil do funcionário valorizado pela empresa, é interpretado por Tizio como uma estratégia que possibilitava escapar das reduções. Esta explicação dá sentido à fala dos trabalhadores quando justificam sua permanência na obra até o final da construção e à demissão daqueles companheiros que não se aplicavam ao perfil da empresa, ao serem indiferentes com suas ordens ou seu desempenho na produção. Assim, pode ser apontado como um dos motivos que faziam os operários trabalharem tão duro no canteiro de obras.

Durante as entrevistas com os trabalhadores, percebi que estavam conscientes das intenções da empresa em relação ao seu desempenho no canteiro de obras. Ao sujeitarem-se às jornadas de trabalho, acatarem as ordens dos chefes do setor, fazerem hora-direta ou hora-extra não é errado dizer que este comportamento coincide-se com os interesses da empresa para atingir as metas de produção. Porém, a análise desta afirmação deve partir de outras determinações, como é apontada na narrativa de João H. Neto, quando indagado se fazia hora-extra no canteiro de obras:

João: Tinha, escalava. O feitor, encarregado, escalava o pião, você, você, você e você. Não era todo mundo, então escolhia ali uns três, quatro ou cinco, né? Pra trabalhá só, tinha que trabalhá, obedecê a orde né? Se não ia pra rua. Se não trabalhasse ia pra rua, não qué trabalhá então dá lugar pra outro. Então a gente se sujeitava a trabalhá.

Odirlei: Por mais que não quisesse, é sábado, domingo é minha folga?

João: É minha folga, mais tinha que trabalhá. Quando escalava a pessoa tinha que trabalhá. E a rotina ali era braba, com chuva, com frio, ali a gente tinha vez endurecia o dedo assim no tempo do frio, que cê não consegui nem mexê cás mãos, mais cê tinha que tá lá trabalhando.

O fato de ter sido escolhido evidencia ao longo da entrevista com este trabalhador, a postura de um operário responsável e importante no setor de carpintaria na obra. Sobre a ameaça de ser mandado embora, João narra que se sujeitava a trabalhar em dias de folga, finais de semana ou feriados indiferentes das condições climáticas quando era determinado pelo feitor ou encarregado do setor. Neste sentido, os trabalhadores se estabeleciam em tais relações como sujeitos, os quais faziam suas escolhas, interagiam diretamente no processo histórico e jogavam a regra do jogo de acordo com seus interesses em permanecer empregados na construção da barragem.

As coincidências aparentemente visíveis entre os trabalhadores e a empresa no cumprimento do calendário da obra, vão apontar significados distintos, os quais devem ser considerados para a investigação. Para atender os interesses imediatos dos operários, assinalam que os motivos são a possibilidade de manterem-se empregados, permitindo sustentar suas famílias, ao mesmo tempo, aumentar a renda familiar, com o total de horas trabalhadas em momentos até dobrando o salário, influenciando no melhoramento do seu padrão de vida. Assim, Ademar narra:

Ademar: [...] Era vinte e quatro horas. Naquele [tempo] era mais novo, né? Agüentava. Aí dava a dobra. Então, qué dizê que tirava às oito horas normal e dezesseis hora era extra. Eu cheguei fazê cento quarenta, cento e cinqüenta hora-extra aí.

Odirlei: E tinha diferença quando fazia hora-extra e quando não fazia no salário?

Ademar: Tinha e grande. Muito grande. A hora-extra era cinqüenta por cento a mais. Então se você fizesse duzentas hora-extra e que equivaleria a trezentas horas normal.

Odirlei: E o salário da época era bom?

Ademar: O salário da época, não que o salário era bom, é que as hora-extra que ajudava. O salário não era ruim, mais não era aquele exagerado, só que a gente ganhava dinheiro porque fazia muita hora-extra. E as hora-extra que ajudava.

Odirlei: Se não fizesse hora-extra?

Ademar: Não, o salário não era tão grande coisa, mais ajudava. Era bom, não era um salário ruim, só que não era aquele salário igual que o pião fala na Unicon o cara ganhou dinheiro. Ganhou, ganho porque fez hora, trabalhô. Porque quem não fez hora e ganhô dinheiro aí foi encarregado, feitor, engenheiro. Esses cara sim. Esses cara tinha o salário lá em cima, só que motorista, pedreiro, carpinteiro não.

Odirlei: Tinha que fazê hora-extra?

Ademar: Tinha que fazê hora-extra pra complementá o salário.

O fato de ser mais jovem, na época da construção, possibilitava fisicamente trabalhar uma jornada de trabalho de 60 horas semanais e fazer a dobra a cada quinze dias para mudança dos turnos. Para ter um salário “melhor”, aponta Ademar, deveria fazer hora-extra, comparando sua função de motorista com as funções de feitor, encarregado ou engenheiro cuja remuneração era maior que a sua. Ou seja, ao longo das entrevistas a hora-direta e a hora-extra eram vistas positivamente pelos trabalhadores como forma de incrementar os salários. A possibilidade de fazer o pé-de-meia apareceu como uma questão das mais importantes apontadas pelos operários, em que alguma medida o trabalho duro é consentido.

Portanto, ao passo que a empresa tinha o interesse de cumprir o calendário da construção, os trabalhadores seguiam seus interesses de aumentar a renda familiar ou mesmo permanecerem empregados, por isso, sujeitavam-se à jornada mensal aproximadamente de 300 horas, sem relacionar o montante das horas-extras.

As interpretações desses operários sobre a jornada de trabalho vão ser constituídas, a partir da sua avaliação sobre a correlação de forças, entre eles e a empresa para o cumprimento das atividades. Em se tratando dos interesses da empresa, estabeleceu como critério de permanência no emprego, o perfil do trabalhador produtivo, disciplinado e obediente. Portanto, para atender o cronograma da obra implicava numa série de fatores que envolviam a estrutura e a organização da obra, assim como necessitavam que seus trabalhadores e superiores estivessem motivados e comprometidos em atingir as metas de produção. Neste sentido, quando os artigos divulgados no jornal da UNICON apresentavam a trajetória de trabalhadores que desempenhavam suas funções com zelo e prestatividade ao manusear a ferramenta de trabalho, demonstrou algumas dinâmicas e estratégias estabelecidas no canteiro de obras, utilizadas pela empresa com intuito de integrar os trabalhadores nos objetivos da produção.

É claro que não podemos simplificar este processo, já que em outros momentos foi possível perceber estratégias do Consórcio em melhorar o desempenho e a qualificação de seus funcionários em suas respectivas funções. Isto é, através da implantação de centros de treinamentos, a partir de 1978, com a finalidade de aumentar a oferta de operários especializados no canteiro de obras, diminuindo a rotatividade dos

trabalhadores. Assim, estes espaços de treinamentos passaram a preparar um número maior de mão-de-obra especializada e necessária para atender as prioridades e a execução de etapas previstas nos cronogramas de produção, atuando, basicamente em torno das carências profissionais do mercado. No Informativo Unicon lê-se:

O Centro de Treinamento e Desenvolvimento da UNICON tem como principal objetivo suprir as carências de profissionais qualificados, essenciais numa obra como esta que estamos construindo. Possui uma estrutura bem dimensionada para o desenvolvimento de programas de formação de mão-de-obra através de curso de qualificação, os quais propiciam a fixação do empregado como sua ascensão na empresa.⁵³

Os resultados dos treinamentos seguindo as dinâmicas de produção passaram a serem divulgados com freqüência pela empresa, referindo-se principalmente àqueles trabalhadores desqualificados que vieram do trabalho agropecuário. Esses operários foram necessários para suprir as carências de mão-de-obra especializada existente naquele momento, quando os trabalhos na barragem necessitavam de um número maior de funcionários.⁵⁴

Desde o início da construção, a hidrelétrica de Itaipu atraiu trabalhadores de vários lugares e de experiências distintas, determinando que o Consórcio UNICON montasse o Centro de Treinamento, objetivando adaptar os novos empregados a todas as situações que poderiam se deparar nas frentes de trabalho. Os cursos e treinamentos se davam através de aulas teóricas, fases de acompanhamento e operação prática em frentes de produção, quando os instrutores e monitores realizavam atividades de orientação sobre operação de equipamentos, inspeção e manutenção.

Os operários, iniciantes em construção de barragens, puderam entender as dinâmicas de produção orientadas pelo cronograma da obra, a partir dos treinamentos oferecidos pela empresa. Os cursos também eram direcionados aos trabalhadores que atuavam em outras funções dentro da empresa, motivados pela nova qualificação, que lhes renderiam a reclassificação de função e de salário. Desta forma, o treinamento disponibilizado para os trabalhadores contribuiu à empresa suprir a mão-de-obra

⁵³ Informativo Unicon, 04 de fevereiro de 1978. p. 4.

⁵⁴ Segundo o Relatório Anual de 1982 o número de trabalhadores envolvidos no ano de 1978 chegou a soma de 31.318 pessoas vinculadas à implantação do projeto de Itaipu, enquanto que 1977 atingiu 22.485 e posteriormente em 1979 a quantia de 26.604.

especializada, a fim de poder cumprir o seu cronograma. O Informativo Unicon referente a esse assunto divulga:

Profissionais, por conta do Centro de Treinamento

Abilmar Ottoni Caldeira nunca trabalhara em construção civil.

Era apenas um alfaiate que um dia também fora pintor de automóveis. Ele nem sabia mesmo o que era uma barragem. Hoje, depois de fazer os cursos de empilhadeira, guindaste, retro-escavadeira, de segurança do trabalho, combate a incêndios, primeiros socorros, e especificações técnicas de guindastes, além de sua experiência como barrageiro, se julga “capaz de enfrentar qualquer serviço nesta ou em outra barragem”.⁵⁵

Ao mesmo tempo em que ia aumentando o número de operários habilitados a trabalharem em várias funções no canteiro de obras, desqualificava a força de trabalho à medida que aumentava a concorrência pelas ocupações mais especializadas ou mesmo estabelecia concorrência onde esta não havia. Neste sentido, o Centro de Treinamento constituiu-se como instrumento de controle da empresa sobre o trabalhador, funcionando como mecanismo de adaptação e hierarquização das profissões no canteiro de obras, projetando nos trabalhadores a expectativa de ascensão profissional, já que antes exerciam uma função “qualquer”, e após o treinamento estavam qualificados como operários de barragens.

As campanhas de valorização dos treinamentos apontadas pelo jornal da UNICON foram acompanhadas de artigos referentes aos acidentes de trabalho no canteiro de obras. A assiduidade de artigos e campanhas nos primeiros anos das obras, somados com o número de pessoas envolvidas nas obras e os relatos dos trabalhadores entrevistados que sofreram ou presenciaram acidentes, possibilita pensarmos que durante o andamento da construção da barragem seria algo comum.

⁵⁵ Informativo Unicon, 12 de agosto de 1981.p. 2.



Além desta Coluna, o Informativo Unicon publicava textos, trovas ou poemas de trabalhadores, os quais expressavam o comportamento que os operários deveriam ter com seu equipamento de trabalho para evitar acidentes. O trabalhador Clivaldo José Cazelli, teve sua trova publicada na Coluna 2, onde expressa o comportamento que os operários deveriam ter com seu equipamento de trabalho para evitar acidentes:

Trovando pela Segurança

Nesta obra maior do mundo,
 É preciso muita atenção:
 Ser um operário autêntico
 É ter muita devoção,
 Trabalhar sem acidentes
 Para ser o campeão.
 Use no seu trabalho o necessário,
 Para isto existem equipamentos
 Não faça nada ao contrário
 Pra não sofrer ferimentos,
 Por isso, em seu trabalho diário,
 Não caia no esquecimento.
 O trabalhador esquecido
 É homem de pouco valor
 Que vai sempre ao perigo
 Sem pedir nenhum favor.
 Despreza o conselho do amigo,
 Acaba não vendo o sol se por.⁵⁶

⁵⁶ Informativo Unicon, 25 de julho de 1978. p. 5.

Os trabalhadores exercendo diferentes funções para construir esta barragem, não estavam imunes de se envolverem em acidentes de trabalho, mesmo que fossem treinados e orientados pela empresa. No entanto, a história de Zé & Pica- Pau, indica a atenção que os trabalhadores deveriam ter em sua função, com os companheiros e a ferramenta de trabalho. O enredo desta história expressa que os acidentes eram provocados pelos trabalhadores distraídos, os quais infligiam as orientações do responsável do setor, representando a empresa nos quadrinhos. Na trova, evidencia que o “trabalhador autêntico” é aquele que utiliza o equipamento necessário para sua segurança, seguindo religiosamente as instruções sobre os cuidados para desempenhar sua função. Assim, a empresa ao disponibilizar uma coluna em seu jornal, orientando os trabalhadores para evitarem acidentes de trabalho, passa a construir valores e atribuir significados sobre as causas dos incidentes, como também, definindo o perfil de funcionário que a maior barragem do mundo valorizava.

A segurança no trabalho teve outros contornos a partir de 1980, quando a empresa lançou em conjunto com a CIPA (Comissão Interna de Prevenção a Acidentes) e o Departamento de Higiene e Segurança do Trabalho a campanha “Sem Acidentes” para instruir os operários a reduzirem o número de acidente ao mínimo. Utilizando cartazes, faixas em pontos estratégicos para serem lidos pelos operários, projeção de filmes na sala de cinema do canteiro de obras, concurso entre seus funcionários de produção de frases educativas e a premiação aos setores que não registrassem acidentes durante o mês.

Na coluna “Sem Acidentes”, divulgava os resultados da distribuição de camisetas aos trabalhadores premiados por não sofrerem acidentes:

Campanha “Sem Acidentes” continua a distribuir mais e mais camisetas

(...) Cada vez mais, empregados da Unicon estão vestindo com orgulho as camisetas da Campanha, uma vez que elas representam um prêmio ao bom nível de uma consciência preventiva do operário.

Até o último dia do mês de abril, 13 mil 787 camisetas tinham sido entregues aos empregados que atingiram determinado desempenho. Entre eles estão 201 encarregados, 1.094 feitores ou subencarregados e 9.610 subalternos (...)⁵⁷

⁵⁷ Informativo Unicon, 26 de junho de 1982. p. 6.

O total de camisetas distribuídas para os operários em recompensa de não ter se acidentado, comparado com o número de trabalhadores empregados no Consórcio UNICON até o final do ano 1981, apenas 6.709 trabalhadores não receberiam a premiação (10 %). No período de dois anos, segundo aponta a reportagem, a campanha atingiu números significativos na prevenção de acidentes. Tais resultados obtidos com organização da UNICON ocorreram para cumprir o cronograma da obra, proporcionando treinamentos para seus funcionários, qualificando-os para melhorar sua produção. Assim como, as campanhas adotadas para prevenir acidentes de trabalho, evitando a possibilidade dos trabalhadores se afastarem de suas funções.

As campanhas, contra os acidentes de trabalho lançado pelo Consórcio UNICON supostamente implicou aos responsáveis de cada setor, maior controle dos trabalhadores que estavam sobre sua responsabilidade. No Informativo Unicon sobre as campanhas lê-se:

Factores avaliam efeitos da campanha permanente de prevenção de acidentes

Silvio Cabrera, que trabalha na elevação de painéis nos blocos de trecho “F”, com 6 trabalhadores sob sua responsabilidade, frisa que não inicia o serviço sem verificar as possíveis condições inseguras do local e constatar que todos estejam portando os equipamentos de proteção individual apropriados. Destaca também, que após o início da campanha, se tornou mais fácil obter a colaboração de todos, porque passou a existir um entusiasmo forte a ponto de cada trabalhador ter a preocupação de evitar acidentes consigo e com os companheiros.

Por sua vez, o feitor de carpintaria, Otávio Moreira Guimarães, atualmente encarregado da montagem de andaimes no bloco I-1C, acredita que sua turma fechará ainda muitos meses sem acidentes, a despeito de trabalhar em locais considerados de maior risco. Justifica a sua afirmação salientando que os cuidados de cada trabalhador somados a sua vigilância permanente torna inviável. Considerou também que a campanha permanente está sendo muito valiosa por colocar o trabalhador ainda mais alerta.⁵⁸

Segundo a reportagem do Informativo Unicon, a campanha auxiliou encarregados e factores a diminuir acidentes de trabalho em seus setores, pois manteve seus subordinados em alerta. O entusiasmo mencionado está relacionado com a premiação concedida ao setor que não tivesse ocorrência de acidentes. Assim, esta campanha noticiada nas reportagens do informativo ao longo da construção, que faz parte do jogo, estabelece sintonia com os trabalhos realizados no canteiro de obras construindo a idéia de compromisso dos trabalhadores com a campanha.

⁵⁸ Informativo Unicon, 1 de agosto de 1981. p. 6.

Pode ser evidenciada a sintonia da campanha “Sem Acidentes” na entrevista com o trabalhador Osvaldo, quando narra a experiência de ter se acidentado, expressando com orgulho que foi seu único atestado durante sua passagem na empresa:

Osvaldo: (...) eu trabalhei tudo esse tempo na Unicon eu tenho dois dia de atestado médico. Dois dia de atestado em onze ano de firma. Isso porque eu pulei de cima de uma caçamba porque eu fui na carpintaria fazê limpeza lá, né? Com caçambinha lá. Do jeito que eu desci do caminhão pisei numa tábu. Nela tinha um prego e esse furô o pé. Pregos enferrujado. Começo ... eu comecei a segurá as ponta, porque nós tinha um ... tinha a segurança. Eles dariam um jogo de camisa pro setor que não tivesse acidente de trabalho. Ganhava prêmio né? Incentivava pro cara cuidá, né? E eu segurando naquele pezinho cá aquela dor pra vê se os coitado dos meus colegas ... não ia perde o prêmio, né? [risos] Uma camiseta ganhava já incentivava, né? Aí teve um dia lá que eu não agüentei cara. Eu tive que abri o jogo. Eu calçava aquele butinão, enrolava de pano, entende? Aí não. Aí qui esquentava. Aí danô. Aí eles... eu não agüentei tive que pegá esses dois dias. Aí fizeram aquela, na enfermaria lá, aquela limpeza ali. Aí me deram uns dia pra... mas no mais.

Odirlei: Esse foi o único atestado?

Osvaldo: Único atestado. Fazia de tudo, porque eu nunca gostei de atestado.

Odirlei: Aí o grupo não ganhou a camiseta?

Osvaldo: Ah, esse mês não, infelizmente. Não é fácil não.

Em sua fala, Osvaldo apresenta o sofrimento que passou para não falar sobre o acidente que havia sofrido. O fato de ter escondido inicialmente seu caso, expressa que alguns trabalhadores se sentiam constrangidos em pegar atestado, pois os colegas não iriam ganhar a camiseta, premiação dada ao setor que não registrasse ocorrência durante o mês. Não ter ganhado a camiseta naquele mês, não é a grande perda que este trabalhador está avaliando, mas sua exposição para a empresa e aos colegas de trabalho, em usufruir o direito concedido por lei, para se afastar do trabalho até se recuperar do acidente. Também, neste caso, o atestado que era a forma de não trabalhar é resignificado por este trabalhador, a partir do parâmetro de organização da empresa voltada à produção e ao cumprimento do calendário da obra, como o operário improdutivo, descuidado para a empresa e aos demais companheiros. Assim, a relação que a empresa estabelece para os acidentados no canteiro de obras, é atribuindo a culpa aos trabalhadores mediados pela pressão colocada entre eles.

Não ter nenhuma ocorrência de acidente de trabalho na ficha dos operários registrados no Consórcio UNICON, habilitava-os a disputar, entre os anos de 1981 e 1982, o concurso de “Operário Padrão” daquele ano. A escolha passava pela análise de curriculum, entrevistas com assistentes sociais, os quais perguntavam sobre a vida

profissional e comunitária dos concorrentes. Os vencedores eram premiados com a entrega de troféus e diplomas por honra ao mérito para os três primeiros colocados.

Trinta anos de serviços em apenas quatro empresas

No último dia 5, o baiano Adalberto F. Pereira completou seu 51º aniversário, 30 dos quais vividos como profissional registrado em carteira. São também 30 anos sem um único acidente de trabalho que o obrigasse a se afastar um só dia de seu serviço.

Ele, que se classificou em 2º lugar no Concurso de Operário Padrão, sempre permaneceu muito tempo nas poucas firmas em que trabalhou neste tempo todo... Homem simples, bom baiano, ele tem muito senso de gratidão e declara sua indignação quando ouve alguém falar mal da empresa: “Até me afasto quando ouço alguém reclamar da empresa. Ora, empresa melhor do que esta não há no Brasil inteiro. Seu atendimento social é muito bom e seus salários também estão acima do que se paga em outras empresas”.

E conclui conformado: “Mas é assim mesmo; há pessoas que merecem os benefícios que lhe são oferecidos, mas outras não merecem, talvez nem entendam a conquista de ser empregado de uma firma como a UNICON”.⁵⁹

O concurso, com o intuito de eleger o operário padrão integra-se aos demais mecanismos adotados pelo consórcio para orientar a produção dos trabalhadores no canteiro de obras. Outra dimensão evidenciada no concurso é o destaque dado ao jornal da empresa, que apresenta os critérios utilizados pelos avaliadores para eleger seu operário. A construção de sentidos e valores expressos nas reportagens realizadas com os primeiros colocados assinala, a partir, da trajetória ocupacional de seus funcionários, o perfil do trabalhador responsável, em relação à faltas, atestados, advertências, o empenho para não se envolver em acidentes, assiduidade ao serviço e a perspectiva de crescimento na empresa. Desta forma, o “Operário Padrão”, escolhido pelo Consórcio passava a ser apresentado aos demais trabalhadores, como o modelo de funcionário valorizado por ela, já aos que não se enquadravam neste perfil, poderiam ser os primeiros a ingressarem as listas das demissões.

Fica configurada a rotina de trabalho determinada pela organização do calendário, a valorização do trabalhador que atendesse o perfil da empresa, os turnos diurno e noturno, as campanhas contra os acidentes de trabalho e o centro de treinamento as regras gerais em que os operários estavam inseridos no canteiro de obras. Neste sentido, busquei trabalhar com duas hipóteses: se dentro desta organização havia espaços para burlar a produtividade pela empreiteira, isto é, os trabalhadores aceitavam

⁵⁹ Informativo Unicon, 18 de setembro de 1917. p. 2.

as regras do jogo e utilizavam a seu favor; ou se os trabalhadores aceitavam de fato as metas de competição em função das recompensas – camisetas, churrascos e obviamente os ganhos financeiros com a maior produtividade.

Em se tratando de uma construção civil em que envolvia trabalhadores de diferentes setores e funções, com diferentes níveis culturais, faixa etária e experiência na área, a rotatividade com o término das etapas ocorria com certa frequência. Esta característica possibilita apontar que os trabalhadores entediavam na prática alguns dos critérios utilizados pela empresa para dispensa do número excedente de funcionários ao final de cada empreitada. A finalização de uma etapa de trabalho apresentava duas dinâmicas entre a empresa e os trabalhadores, a primeira, a transferência para outro setor; a segunda, a demissão dos operários. Esta prática foi evidenciada nas narrativas dos operários, quando definem o motivo da permanência na empresa, Valdizar narra:

Odirlei: Depois que terminou então a escavação aí o senhor foi transferido?
 Valdizar: É, aí fico só a construção civil. Aí eles aproveitaram nós como motorista de ônibus.
 Odirlei: Escolheram, ou todos foram?
 Valdizar: Foi escolhido. Muitos foi embora. Aí aqueles que tinha um passado bom, limpo lá com eles foi transferido e fiquei até o final.
 Odirlei: O limpo era o quê? Não te atraso?
 Valdizar: É, você não perde dia, você se obediente, isso aí é o que contava mais, né? E o que contava você se um trabalhador autêntico ali, não perde dia, nem hora.
 Odirlei: Não te atestado?
 Valdizar: Não te atestado, e principalmente fazê tudo que os superiores mandasse.

A característica peculiar dos trabalhos realizados na construção civil foi utilizada como prática da empreiteira para selecionar os trabalhadores que se destacavam na produção. Assim, o trabalhador Valdizar teve a percepção de ter permanecido até o final das obras atribuindo à postura de ter o *“passado bom e limpo com eles”*, devido a sua conduta em relação às ordens dadas pelos superiores. Sua narrativa também aponta para algumas das evidências já analisadas nos artigos do Informativo Unicon, como o comportamento do *“trabalhador autêntico”* da construção.

O bom desempenho no decorrer das etapas de trabalho era sinônimo de permanecer na empresa e ser transferido para outra tarefa na barragem. O trabalhador que teria *“o passado limpo”* de acordo com os interesses da empresa, narrado por

Valdizar era reconhecido durante as rotinas de trabalho, através do bom relacionamento com os companheiros do setor, feitores, encarregados e as ferramentas de trabalho.

Odirlei: E o feitor quando quebrava o caminhão, qual que era a reação dele?

Valdizar: Ah, só chamava, ele chamava a manutenção, ele já sabia que as pessoa era, que nem eu trabalhei muitos anos ali, ele conhecia muita gente, então sabia que não era proposital que a gente fazia aquele serviço, né?

Odirlei: Por que tinha gente que fazia de propósito?

Valdizar: Tinha gente que fazia, tentava quebrá aqueles caminhão.

Odirlei: Como que fazia pra tentar quebrar?

Valdizar: Ah, manobrava assim mal, mandava assim de qualquer jeito, né? Os cara fazia um meio lá de quebrá, de furá o pneu, sempre tem um o outro que sempre tava cansado ficava exausto e dava um jeitinho de descansar uma meia hora.

Os operários sabiam que desobedecer a ordem do feitor ou provocar a quebra da ferramenta de trabalho poderia ocasionar sua dispensa. Da mesma forma que os responsáveis pelos setores, feitores e encarregados estavam cientes das possíveis estratégias que os trabalhadores poderiam utilizar a seu favor para diminuir a produção ou mesmo descansar da extensa jornada de trabalho. Neste sentido, estabelecer as condições de exercer sua função no canteiro de obras sobre o controle direto do feitor de seu setor, o qual comandava o ritmo de produção seguindo os interesses da empresa era também valorizar a imagem do “trabalhador autêntico”, o qual significava para a UNICON garantia do cumprimento dos prazos.

A construção da barragem de Itaipu, como já apontamos, necessitou que o Consórcio organizasse os trabalhadores a partir do cumprimento de metas. Para manter o ritmo desejado pela hidrelétrica e atingir o calendário da obra, era necessário um conjunto de ações por parte das interessadas para que o controle da produção não estivesse sob o domínio dos trabalhadores. Além disso, estabeleceu-se a organização de um centro de manutenção que pudesse garantir os prazos do cronograma. Dentre as estratégias, montou-se no canteiro de obras oficinas volantes, como recurso para fazer manutenção corretiva de pequeno porte:

A Superintendência de Manutenção mantém uma Oficina Central, com 6.000 m² de área coberta, além de duas outras oficinas de obra, uma a montante de outra a jusante da oficina principal, cada uma com 2.600 m² de área coberta. Essas 2 oficinas auxiliares de obra encontram-se equipadas com todo o equipamento básico de manutenção.(...) Na MD [Margem Direita] a Unicon também mantém

uma oficina fixa, com 2.000 m² de área, para manutenção dos equipamentos usados por ela nessa margem.

Além disso, estão em funcionamento em Itaipu 3 oficinas volantes, que operam dentro das áreas de serviço, equipadas com recursos para fazer manutenção corretiva de pequeno porte. Cada oficina volante tem 50 m² de área e opera permanentemente com 8 mecânicos. Atualmente, a Superintendência de Manutenção está se utilizando de 1.400 trabalhadores, incluindo 20 engenheiros mecânicos e eletricitas de várias qualificações, técnicos de nível médio, engenheiros operacionais e ajudantes mecânicos. No período de pique das obras estima-se que serão necessários 2.500 homens para os trabalhos de manutenção.⁶⁰

O sistema de manutenção preventiva elaborada pela empreiteira era realizado diariamente, semanalmente e mensalmente, possibilitando atingir o máximo de desempenho das máquinas, principalmente no setor de transporte pesado. Na Revista Construção Pesada, indica como era realizada a manutenção:

O sistema de manutenção preventiva

(...) Esse plano tem tornado possível, por exemplo, que sejam alcançados índices de 90% no desempenho de máquinas como as gigantescas escavadeiras da Bucyrus-Erie, que estão sendo usadas nos serviços de escavação em rocha, cuja importância de alto índice operacional pode ser avaliada pela própria capacidade da máquina: 500 m³ /h., o que, em um turno de 12 horas, representa 6.000 m³ de material. Para alcançar esse índice, cada uma durante 12 h na manutenção semanal, estabelecendo-se um rodízio perfeito de operação para que os serviços de escavação não se ressentam da falta de uma unidade.

Na manutenção diária desse mesmo equipamento tomado como exemplo gasta-se cerca de 1,30 h. Essa “parada” porém não interfere com a produção, pois foi programada sua realização no período de jantar dos trabalhadores ou quando da troca de turnos.

(...) Na Manutenção Mensal é feita uma revisão completa de cada máquina, que fica parada durante 24 h. Esse serviço é feito sempre aos domingos, para interferência mínima com a produção.⁶¹

Na prática, esta rotina aplicada no sistema de manutenção, tem como finalidade atender as metas de produção, buscando o caminho mais curto e racional para atingir o padrão de produtividade desejado pelos organizadores da obra. Ao mesmo tempo, configura a disputa pelo tempo de trabalho entre a empreiteira e os trabalhadores, procurando limitar as possibilidades dos operários paralisarem a produção, otimizando um sistema que garantisse o melhor índice de desempenho aos equipamentos que estavam em operação. Assim, o controle realizado pelos feitores, a promoção de campanhas, os concursos, os treinamentos, a extensa jornada de trabalho e as pressões

⁶⁰ Revista Construção Pesada, novembro/77. p. 172.

⁶¹ Idem, Ibidem, p. 172-173.

sistemáticas de produção e produtividade sobre os trabalhadores eram meios de controlar o ritmo das obras.

Não obstante, o contado diário que o feitor estabelecia com os operários caracterizava o controle mais próximo da empresa para manter o ritmo da produção e assegurar o funcionamento das máquinas. No caso do setor de transporte pesado, tendo como parte de suas atribuições observar, orientar e fiscalizar o trabalho dos operadores, corrigindo manobras erradas que poderiam danificar as máquinas e atrasar os trabalhos. Neste sentido, o feitor quando analisado por Valdizar assinala que ao controlar e organizar sua equipe de trabalho sabia qual o funcionário que poderia quebrar a ferramenta de propósito. A forma de reprimir esta prática era aumentar a fiscalização durante os trabalhos e organizar a equipe de apoio realizando o conserto da ferramenta de trabalho no menor tempo possível. No caso da máquina encostada, o feitor freqüentemente sondava os motivos pelos quais havia máquinas nas oficinas e os motivos de sua quebra.

Na fala dos trabalhadores quando indagados sobre o ritmo da produção, a partir de suas vivências vão apresentar percepções, sentidos e significados dos trabalhos no canteiro de obras, Osvaldo define que sua rotina de trabalho da forma que a empresa organizava os trabalhos não necessitava que os feitores estipulassem uma meta de produção:

Odirlei: Em termos de produção eles exigiam alguma meta?

Osvaldo: Não. Nem precisava exigir. Não precisava exigir, porque ali funciona o seguinte: três caminhões ... tava nós três aqui se esse caminhão pifá, nesse caminhão não vai vim outro. Às vez não tinha outro pra substituí. Nós dois que ficava tinha que dá essa produção. Os dois que ficava tinha que vencê, ia apurá mais porque quando eu chegava aqui já ... tinha três, carregava esse. Carrega esse. Depois eu, né? Mais se só tem eu e esse aqui, descarregava esse já tô eu, quando eu chegava lá na central tava vazia tinha qui já lá debaixo e lá de volta. Então a produção nós que tinha que dá pelo equipamento não lá ficá parado esperando, porque se ficá muito tempo esperando a chefia maior cobrava do transporte. O encarregado: “não tem caminhão, o que tá acontecendo!” Aí tem que por mais um se tivesse. Então, a produção nossa eles exige que não parasse.

A organização da empresa, o ritmo e as condições de trabalho vão sendo narradas pelos trabalhadores a partir de suas experiências e lembranças da rotina de trabalho na barragem. Esta narrativa aponta para as disputas de controlar a produção no canteiro de obras. Para evitar uma prática dos trabalhadores em diminuir a produção e descansar da

extensa jornada de trabalho, a empresa passou a organizar a produção, neste caso na concretagem, mesmo quando o número de caminhões estivesse limitado. Assim, evitava-se a tentativa de burlar por parte de um dos motoristas, já que deixar de trabalhar significava sobrecarregar os outros dois caminhões.

Outro trabalhador indagado sobre as jornadas de trabalho, recorda a necessidade de possuir resistência física, disposição para assumir funções com carga horária maior de trabalho e habilidade para dinamizar a produção, como apresenta Tizio:

Odirlei: Por que trabalhavam de dez a doze horas?

Tizio: Por que era dois turno, né? Então era quantidade de hora que você gumentasse fazê. Eu mesmo muitas veiz assim, quando as máquina foi lá pro Paraguai, aí não tinha como atravessá por aqui. Não tinha ponte. Cê tinha que atravessá pela Ponte da Amizade aí. Então quando era quatro hora da manhã eles vinha, passava aqui em casa. Vinha me pegá aqui ... aí nós ia pro Paraguai funcionava maquinário principalmente quando era di domingo pra segunda, né? Então, nós ia trabalhá pelo dia, então quatro hora cê tinha que tá lá funcionando maquinário pra hora que o turno chegasse, o maquinário já tava tudo funcionando. Os que não pegava cê tinha que escreve uma folha ali. Cê já chamava o mecânico. Já chamava o eletrecista, né? Essa máquina não pegô. Essa máquina de cá não pego. Tá com problema e os que pegava cê já funcionava eles, dexava tudo funcionando já pra quando o turno chegasse tá tudo prontinho... Era uns Deus nos acuda memo, então era pra trabalhá memo, né? ...

Recordando sua rotina de trabalho, Tizio indica a postura que os trabalhadores adotavam para estar à disposição da empresa. Sua narrativa assinala que os trabalhos no canteiro de obras eram exigidos de acordo com a empreitada do serviço, muitas vezes necessitando trabalharem domingos, feriados e nos dias de folga. Quando os trabalhos estavam em tempo com o calendário da obra, o domingo era o dia de descanso e lazer para os operários recuperarem suas energias. Para o andamento dos trabalhos no início da semana, Tizio lembra que verificava o funcionamento das máquinas, encaminhando as que estavam com problemas para manutenção. Esta prática expressa a organização da empresa com as ferramentas de trabalho para que o ritmo de produção permanecesse acelerado. O difícil acesso ao local de trabalho e a necessidade de organizar as máquinas para a produção, exigia que aumentasse sua jornada de trabalho superando às doze horas.

O aumento das horas trabalhadas e o ritmo de produção, somando com as constantes trocas de turnos, conclui-se que esses trabalhadores tinham dificuldades em

estabelecer suas relações sociais com a família e os amigos. Seu padrão de vida estava organizado a partir dos turnos de trabalho, mudando a cada quinze dias seu horário, que conseqüentemente influenciava no momento de dormir, do descanso, do convívio com a família e do lazer, exigindo que seu organismo se acostumasse física e mentalmente a essa rotina. Quando indagados sobre as diferenças em trabalharem com a mudança de turno a cada duas semanas, vão apresentar outras dificuldades, além do ritmo de produção e a jornada de trabalho extensiva.

Tizio: Olha, na época que a gente... era aquele calorzão brabo. Era melhor à noite. Que aqui já foi quente, né? Então na época daquele calor brabo memo, intão eu prifiro à noite porque a noite refrescava... umas hora da noite que refrescava, né? I era melhor di dia numa hora dessa [período da tarde] meu Deus do céu, é um calor. Era a caloria do tempo ... esse Wabco, o motor fica por baixo, né? Aí a gente fica sentado em cima do motor. Naquele tempo num calor desse parece que dava quase cinqüenta grau de caloria dentro de um carro desse.

Odirlei: Dentro da máquina?

Tizio: Dentro da máquina. É. Então meu Deus do céu. Então todo mundo acha que era milhó trabalhá pela noite, mas como tinha que trocá o turno, fazê o que, né?

Tizio, ao descrever as rotinas de trabalho durante as estações do ano, evidencia as dificuldades colocadas pela máquina que trabalhava. Desta forma, os trabalhadores vão narrar suas rotinas, apresentado-as como superação das dificuldades. Esta superação demonstra como os trabalhadores identificavam o “trabalhador autêntico”, aquele que acatava as ordens, cuidava da ferramenta de trabalho e estava à disposição da empresa. Além disso, suportar a alta temperatura da máquina, na qual operava, diariamente em torno de dez horas todos os dias. As adversidades climáticas evidenciam as condições a que esses trabalhadores estavam sujeitos em prol da produção e a mudança de turno, neste caso, em alguns momentos contribuiria para amenizar este problema.

Ainda em relação às trocas de turno, o trabalhador Valdizar narra:

Valdizar: Vixi era num calor lá dentro deve dá uns quarenta a cinqüenta grau, principalmente os Wabco que era mais quente que os Terex. Os Wabco tinha uma caixa d'água bem na suas costas assim... uma quentura insuportável. Você não podia abri o vidro que o barulho era de mais. Ficava até surdo lá dentro. O vidro do lado direito nunca podia abri.

Odirlei: E tinha protetor no ouvido?

Valdizar: De início não. No final sim. Eles começaram a dá os protetô já foi pro final, né?

Para manter a produção os trabalhadores ficavam expostos a altas temperaturas dentro das máquinas, impossibilitados de abrir o vidro para ventilação do ar. A falta de equipamentos como o protetor de ouvido durante uma parte da construção narrada pelo trabalhador, aponta que a empresa seguia seus objetivos em atender o cumprimento do calendário das obras, expondo seus trabalhadores a situações insalubres, podendo contrair problemas de saúde devido às condições de trabalho durante a construção da usina.

Outros significados vão sendo atribuídos à questão da jornada de trabalho, as dificuldades colocadas pelo maquinário utilizado diariamente e o ritmo de produção como explicitados neste trecho da entrevista com o trabalhador Osvaldo:

Osvaldo: Cê pegá um caminhão, aliás é um Terex. Eu pego domingo de manhã, faz aquele barulho. Não sei se já viu o funcionamento dele? De manhã, cê pega ele domingo de manhã trabalha domingo inteirinho, aí vara a noite inteirinho pra pára no outro dia de manhã sete horas da manhã... imagina como ia tá teu ovido. Teu ovido ia tá chiando, né? E cê saía de lá, entregava o caminhãozinho lá chegava aqui em casa tava com aquele barulho... motor detróide no ovido. Aí podia derrubá a casa que você não via [risos] que aí cê ia dormi que chegava segunda de manhã. Cê ia dormi durante o dia, à noite cê tinha que voltá. Aí ia trabalhá tudo a noite...

Odirlei: A semana inteira a noite?

Osvaldo: A semana inteira a noite.

Odirlei: Vocês mesmo faziam a troca de turno?

Osvaldo: É, chega dez minutos pra sete, encostava o caminhão no pátio, aí o outro pegava que era o seu parceiro que trocava turno com você ia lá olhava se tava tudo normal. Às vezes, a maior parte cê entregava carregado pro outro, porque cê entra de baixo da central pra carregá, carrega ele aí cê leva ele lá pro transporte. Aí cê chega lá no transporte encosta lá, descia lá, o cara que bateu o cartão que tava esperando, já vai pegá o caminhão carregado já tá explicando na frente as plaquinha, né? O setor que ia descarregá tem as plaquinha na frente, as vez eu nem conversava muito com o motorista que a gente trocava o turno, só passava na frente do caminhão já sabia ... pegava carregado ia direto pro [setor descarregar]

A narrativa nos dá indicações de como este trabalhador vivenciou e interpretou as trocas de turno e a organização da empresa para manter a produção. O trabalho realizado durante a dobra para fazerem a troca do turno convivia neste período com a poluição sonora provocada pelo motor da sua máquina. Embora, permanecesse com esse barulho na cabeça, isso não impedia Osvaldo de dormir durante o dia, e no início da noite deveria estar descansado para voltar ao trabalho. Portanto, os trabalhadores ao

lembrarem da suas jornadas de trabalho, vão apresentar as dificuldades e a exploração que sofriam para atender as metas de produção.

Contudo, para manter seu objetivo de extrair o maior rendimento dos trabalhadores em suas respectivas funções, além dos mecanismos já apontados, o Consórcio UNICON utilizou a estratégia de motivar e estimular a produtividade de seus funcionários, por meio da competição entre os turnos de trabalho. Neste sentido, possibilitou à empresa manter sobre controle em várias circunstâncias o ritmo indispensável de produção que viabilizasse o cumprimento ou a antecipação do cronograma da obra. No jornal Informativo Unicon, sobre a produção lê-se:

Competição sadia entre turnos

As atividades do setor desenvolvem-se durante as 24 horas do dia, dividido em dois turnos, entregues a responsabilidade de dois encarregados. “para incentivar a produção – salienta Nakamura [engenheiro chefe de escavação de rochas] estabelecemos uma disputa sadia entre os dois turnos para verificar quem produz mais. Para isto colocamos um placar na sala de rádio para que todos possam tomar ciência dos resultados obtidos”.

Aproximadamente duzentas pessoas trabalham por turno nos serviços de carga e transporte, representando uma contingente estável que só será ampliado caso sejam programadas tarefas de maior porte.⁶²

A competição sadia, do ponto de vista da empresa, dava-se pela apresentação das metragens de produção que estavam sendo conquistados durante os trabalhos por cada turno. Esta forma, aparentemente inofensiva, significava controlar e organizar seus trabalhadores para atingir a metragem de produção construída a partir do rendimento dos próprios trabalhadores, quando buscavam sempre superar o volume anterior. Além disso, direciona a responsabilidade desta produção aos operários, uma vez que estavam representando seus superiores, os quais não desejavam que sua equipe perdesse para a outra.

O envolvimento dos trabalhadores nessas relações de prazos e metas, estimulados a produzirem mais do que o outro turno estabelecia um ambiente de disputas e maior esforço físico entre os operários para executar as ordens dos feitores, encarregados e engenheiros. Ao iniciar uma jornada de trabalho, os operários já sabiam a quantidade produzida pelo turno anterior, a qual deveria ser superada pela equipe que integrava. Essas dinâmicas de trabalho podem ser lidas como estratégia da empresa para extrair

⁶² Informativo Unicon, 13 de maio de 1978. p. 3.

mais trabalho, fazendo com que os trabalhadores que iniciavam a cada turno, estivessem estimulados a produzirem um volume ainda maior. Mas podem ser lidas como formas dos trabalhadores de quebrarem com a monotonia do trabalho definindo combinações entre os turnos de maneira que o máximo de trabalho conseguido por um turno não fosse de fato o máximo de trabalho possível.

Analisando este jogo a partir da perspectiva da empresa, utilizava o Informativo Unicon, divulgando artigos que apontavam quais as metas a serem batidas a cada etapa da construção. Para estabelecer este diálogo, servia-se dos depoimentos de operários e responsáveis pelos respectivos setores envolvidos a falarem da motivação e o compromisso em atingir as datas estipuladas para concluírem a etapa de trabalho:

Barrageiros afirmam: O canal fica pronto até outubro

“Do jeito que vai indo, o Canal está pronto antes do mês de outubro. Creio que, em seis meses, estará acabado”. Estas são as declarações prometedoras do feitor de turma, Aécio Rodrigues Paulo, que trabalha no Canal de Desvio há quase um ano.

Marinho Abreu da Silva, que exerce a função de encarregado de seção de concreto, confirmou as afirmações de seus companheiros de seção de serviço, garantindo que “o ânimo da turma é o melhor possível, ainda porque são dados prêmios de produção, a este trabalho do setor, de modo que o pessoal trabalha firme mesmo”.⁶³

Neste artigo, a empresa constrói um ambiente agradável e harmonioso, onde os trabalhadores estavam empenhados em atingir as metas por dedicação e satisfação, devido à premiação oferecida por ela. Para se atingir uma meta, ou concluir uma etapa da construção, o Informativo Unicon, buscava entrevistar os trabalhadores, constando na maioria das reportagens os responsáveis pelos setores envolvidos para informar e apoiar os trabalhadores sobre a importância do bom desempenho de suas funções.

A metodologia da confecção dos artigos nos periódicos quando se tratava de noticiar a importância de concluir uma das etapas da construção ou a finalização dela, iniciava a reportagem citando entrevistas de operários – serventes, ajudantes, motoristas, pedreiros, etc – passando para feitores, encarregados e por fim citando a fala ou a definição de um engenheiro. Esta estrutura aponta para a hierarquia estabelecida na barragem e a importância de seus pares naquele trabalho. Além disso, era comum que os operários selecionados para as reportagens fossem aqueles que se destacavam em seus

⁶³ Informativo Unicon, 4 de fevereiro de 1978. p. 2.

setores nas questões de boa convivência com os colegas de trabalho, e um funcionário disposto a acatar e exercer as ordens dadas pelos superiores, servindo de parâmetro para os demais operários.

Desde o ano de sua fundação, o Informativo Unicon passou a produzir uma série de reportagens de diferentes setores da empresa para que os trabalhadores pudessem conhecer sua organização a partir da atuação da Diretoria Técnica. Além do estímulo da competição em alguns setores para ver quem mais produzia, distribuindo prêmios e churrascos para superar o cronograma da obra, como informa o jornal da UNICON:

Operários terão prêmios e churrasco, se vencerem o desafio da Unidade I

Para estimular os operários enfrentarem o desafio está prometido um bom prêmio de produção e uma churrasqueira, se a meta for alcançada nos próximos sessenta dias, bem como serão dados prêmios menores, sempre que as etapas previstas pelo cronograma forem cumpridas.⁶⁴

A busca incessante do cumprimento do calendário da obra, não se dava apenas a partir da extensa jornada de trabalho ou o rígido controle da produção. A empresa procurava envolver seus trabalhadores através da competição, classificada como “sadia”, e incentivando com premiação os trabalhadores e seus responsáveis.

Os artigos da empresa evidenciaram que ela buscava apresentar aos trabalhadores as metas que deveriam atingir numa jornada de trabalho. Nas entrevistas, os trabalhadores narram à importância que a produção significava em suas rotinas de trabalho.

Odirlei: Eles falavam sobre metas pra cumprir?

Valdizar: Não. Ele não chegava a falá, porque a meta era esse, continuidade do serviço. Então não podia pára. Não podia você fazê corpo mole, porque a meta já era aquela competição que eu falei pra você, um turno queria lançá mais concreto que o outro, lançá mais metragem. Então sobrecarregava nós. Nós que tinha que dá o duro ali pra consegui aquela metragem. No outro dia era aquela alegria quando eles conseguia a meta, né? Ó, conseguimos e tal, escrevia no quadrao bem grande na entrada: “Tantos de metro que foi lançado”. Então era aquela competição, né? Entre os dois turnos.

Odirlei: E o que vocês ganhavam com isso, quando atingiam a meta?

Valdizar: Nós não ganhava nada. Ganhava uma camiseta, alguma coisa. Eu ganhei uma camiseta da Itaipu, acho que tava escrito: “Dez mil metro cúbicos lançado numa noite”...

⁶⁴ Informativo Unicon, 31 de julho de 1980. p. 3.

Odirlei: Que o senhor participou?

Valdizar: É.

Odirlei: Pra chegar nessa meta, trabalhou muito?

Valdizar: Muito. Sem pára. Aquilo era coisa de loco.

Odirlei: O feitor ficava pressionando? Parou a máquina, ele ia verificar?

Valdizar: Se você parava um pouquinho ele ia verificá, porque já vinha as cobrança também dos campo pra cima dele, né? Os chefes de lá do concreto, né? Então a produção tinha que saí de todo o jeito.

O cumprimento das metas de produção, narrado por Valdizar, se integrava progressivamente nos trabalhos do canteiro de obras, em que os trabalhadores deveriam seguir as dinâmicas colocadas pela empresa, não adiantando fazer “corpo mole”. Esta organização também é percebida por este trabalhador que em determinados momentos não havia a necessidade dela exigir a produção, pois estavam cientes de suas responsabilidades, como indicou o trabalhador Osvaldo. No entanto, Valdizar demonstra consciência dessas dinâmicas de trabalho, quando narra que quem era “sobrecarregado era nós”, referindo-se aos operadores e que suas conquistas, se davam pelo mérito dos operários que deram “duro pra conseguir aquela metragem”. Outra questão apresentada em sua fala é a satisfação dos superiores quando alcançavam o volume perseguido do dia, pois eles receberiam comissão por ela. Já os trabalhadores que “deram duro” receberiam uma premiação, que para Valdizar a camiseta expressava a satisfação do dever cumprido, uma vez que seu salário não estava diretamente ligado ao volume da produção, mas as horas trabalhadas.

A organização da produção foi estimulada pela empresa com a premiação e as comissões entre as diferentes ocupações dos trabalhadores no canteiro de obras. Entretanto, não é possível dizer que este ambiente construído pela empresa e constituído de vários interesses entre os trabalhadores se estabeleceu como um ambiente harmônico, que possibilitou atingir as metas de trabalho em cada turno.

Os artigos no periódico Unicon apresentaram, durante os anos de sua publicação, a imagem de que todos os trabalhadores estavam comprometidos com a construção da barragem, voltados a cumprirem as metas da empresa. De fato, não podemos ignorar que em alguma medida esta organização teve sucesso de integrar os trabalhadores às metas de produção. Porém, este ambiente harmônico e sem conflitos apresentado por ela, é percebido e narrado pelos trabalhadores como lutas, disputas, confrontos, pois os interesses da empresa nem sempre eram os mesmos dos trabalhadores.

Para o feitor era importante o cumprimento da produção, mas se for analisado a partir dos interesses do operador que retirava o material de escavação ou transportava o concreto para a edificação da barragem, os significados serão outros. Neste sentido, não podemos afirmar que os operários estavam sempre à disposição da empresa para cumprir a jornada de trabalho aplicada por ela, sem resistirem ou criarem suas próprias estratégias para construir uma ambiente agradável de trabalho.

Com as jornadas de doze horas diárias, os operários do setor de transporte pesado, acumulavam o esforço físico durante vários dias de trabalho sem folgas. A continuidade dos serviços transportando pedras, rochas, entulho e o concreto poderiam provocar acidentes com os operadores, envolvendo até outros operários dos diferentes setores do canteiro de obras. Quando este operador se apresentava sem condições físicas ou mentais de realizar suas funções, buscava de alguma forma fazer com que sua ferramenta de trabalho fosse para a oficina de apoio, por mais que o caminhão estivesse em condições normais de funcionamento.

Para que este operário pudesse descansar durante algumas horas, era preciso o apoio de um conjunto de trabalhadores, visto que os trabalhos no canteiro de obras eram constantemente vigiados e controlados. Algumas das dificuldades para driblar o controle dos feitores, ou “cobrir” um companheiro de trabalho que não estava em condições de manter o ritmo da produção é narrada por Valdizar:

Odirlei: E qual que era essa maneira... de tentar cobrir um parceiro de trabalho que tava cansado (...) Tinha alguma maneira de fazê isso?

Valdizar: É muito difícil, cada um na sua, e muitas vez não tinha jeito.

Odirlei: Mesmo cansado tinha que trabalhá?

Valdizar: Tinha.

Odirlei: Por exemplo, furá o pneu de um caminhão, ou falá com o eletricista ou o mecânico se não daria para arrumar sua máquina?

Valdizar: Não tinha, porque todo mundo trabalhava em prol da produção, aqui era uma cadeia assim que todo mundo corria atrás da produção... cada setor tinha seu chefe que apurava os seus. Chegava um carro lá na oficina, então eles já dava um jeito de arrumá aquele carro logo pra saí dali, porque se ficá um carro lá o engenheiro também ia lá pressioná eles também. Então ali era um negócio que não tinha como pára mesmo.

Odirlei: Fiscalização era grande?

Valdizar: Era grande, todo mundo tinha aquela, chefia ainda ganhava por produção ainda, onde sobrava pra nós.

Odirlei: Então era difícil tentá dá o nó, como se diz?

Valdizar: Era muito ... tinha algum que ainda conseguia da um nozinho lá, mas ali era aquelas pessoas nó cegas, já pra lista negra lá. Próximo facão falava lá, esse cara é nó cego, vamo mandá esse cara embora.

A dificuldade em burlar a organização da empresa e a vigilância do feitor para descansar, estava articulada ao modo como foram orientados e preparados a trabalharem em função da produção. A organização da empresa voltada à superação diária da produção dificultava aos trabalhadores criarem suas estratégias para desacelerar o ritmo de trabalho. Todos os setores estavam direcionados para o cumprimento dessas metas, fiscalizados pelos funcionários que recebiam por elas, que desta forma, confrontavam seus interesses aos dos trabalhadores que ganham por hora, como citamos na reportagem divulgada no jornal da empresa, com o trabalhador Abelardo Meza.

A noção do tempo de trabalho, narrada pelos operários passa a ser relacionada com a capacidade de produção estimulada pela disputa entre os dois turnos de trabalho. O controle sofrido por eles, que na fala de Valdizar demonstra que quando acontecia o peão estava na lista da próxima demissão, era uma das estratégias utilizadas pela empresa para o controle da jornada de trabalho. Contudo, outros trabalhadores demonstraram algumas práticas utilizadas por eles para paralisarem a produção, assinalando as organizações e as disputas pelo tempo de trabalho.

Neste sentido, a organização mencionada do Consórcio UNICON foi estruturando as relações de trabalho voltadas para o cumprimento do calendário da obra, como também foi sendo estruturada pelas dinâmicas dos trabalhadores em criarem suas estratégias na disputa pelo tempo do descanso, do banheiro, da água, etc. Na entrevista com Tizio, apresenta uma das formas de organização dos trabalhadores para amenizar o cansaço físico:

(...) ali de manobrero cê tinha que as vez discuti com pião, né? I as vez o pião tava cansado qualquer coisa, cê tinha que quebrá o galho dele, né? O feitor vim pra cima da gente, né? “Por que que essa máquina tá parada?” Não, essa máquina tá parada porque o cara aí. Cê tinha que inventá uma mentira, né? Quando as vez o pião chegava uma lá ... cê trabalhava a noite, noite passada então chegava em casa ele tinha que as vez a mulhé tava duente uma criança duente tinha que i no médico, outros. Mais chegava umas hora da noite ele chegava. “Ó rapaz, eu não to güentando mais. Não to guentando mais. Tô pra caí dentro de um buraco aí”. Aí eu chamava um eletrecista, vinha o Japão. Falava: Japão dá um jeito nessa máquina aí. Aí o Japão ia lá rancava os farol jogava pro chão i eu falava pra ele tem um caminhão ali, dexava sempre o caminhão de carroceria ali à noite ali ... aí eu falava cê deita lá e tira um bom cochilo depois cê vai. Mais ele deitava lá tirava um cochilo, dexava ele dormi uma hora mais ou meno, enquanto arruma esse trem aí. E o feitor já tinha rodiado umas três, quatro vez: “Que que essa

máquina tem?” Ela tá na mecânica. “Mas o que que essa máquina tem?” Ah, o eletrécista tá... tá com o eletrécista aí.

A função de manobreiro, para a qual foi transferido este trabalhador, no setor de transporte pesado, estava sob sua responsabilidade buscar as máquinas quebradas no campo, levá-las as oficinas e testá-las após o conserto. Neste setor, Tizio apresenta certo desconforto em exercer essa função, devido aos conflitos que deveria administrar entre os operadores e a chefia do setor. Sua sensibilidade em entender as dificuldades que seus companheiros enfrentavam para manter o ritmo de trabalho, também para estabelecer uma boa convivência neste setor, se arriscava em ajudá-los a terem algum momento de descanso. A solidariedade entre os trabalhadores implicava em estabelecer um conjunto de relações entre o manobreiro, o operador e o mecânico para sustentar a “mentira inventada” ao feitor que estava controlando a produção. Portanto, a experiência deste trabalhador evidencia que os operários, mesmo sobre forte fiscalização, elaboravam estratégias que davam sentidos na organização deles pela disputa do tempo de trabalho. Este comportamento demonstra o fortalecimento das relações de solidariedade, amizade e compreensão durante a rotina de trabalho que se contrapunha ao ritmo de produção proposto pela empresa.

Esta solidariedade entre companheiros de trabalho é permeada de critérios, conflitos e significados para integrar-se nesta relação, como uma pessoa que se adoentou, ou que o companheiro não estaria forjando uma situação para seu favorecimento através do sacrifício dos demais que permaneceram no setor trabalhando. Osvaldo narra que companheiros do mesmo setor que trabalhava agiam utilizando outros meios para paralisarem a produção:

Odirlei: teve algum problema com algum amigo, chefe de setor?

Osvaldo: Só as vez um cara tentava a noite furá um pneu por querer né? Aí cê num, por exemplo aqui... nós tamo em três aqui. Esse cara pega ... tacô um preguinho em baixo do pneu dele... pra ele não trabalhá, pra ele dormir. Aí eu e mais outro ia sofrê pra bastecê a coisa que tava abastecendo, sabendo que o cara fez aquilo de propósito. Aí eu vou dedá o cara pô, né? Nós somo em três, tamo sofrendo aqui, porque o outro vai querê dá desculpinha de não i, quebrá um caminhão, furá o pneu pra dexá o serviço só pra vocês dois... pra dois. Se tava ruim em três, em dois então. Ora, que culpa tenho eu do cara ao invés de descansar durante o dia ele ia pro mercado, pagá prestação na cidade. Vai durmir pô, pra pegá firme, né? Então às vez isso aí sempre acontecia de eu vê nego fazê safadeza com o caminhão, quebrá por quere. Que lá se quebrava o caminhão a noite ali não tinha outro pra substitui. Aí o cara até que conserta ficava puxando

um sono, né? Mesmo com o pneu furado lá dava pra descansá umas duas horas lá. É, e a maioria fazia. E eu não concordava com esse tipo de coisa. Eu acho que *tamo ali é pra trabalhá*. Então vamo trabalhá. Não adianta nada eu furá o pneu por quere, né? Parei pra consertá o pneu ficá dormindo sabendo que tem dois colega meu lá se ferrando, porque a frente que nós tocava no caso, três caminhões ali é três caminhões, né? Porque era bom quando tinha, quando mais melhor, só que no caso tirava um e não colocava outro ficava só dois. Aí apurava. E o trabalho era o mesmo você chegava lá a caçamba tava no chão, cê chegava lá tava fazia já tinha que carregá, voltava. E se tinha três caminhões não, cê chegasse aqui esse aqui já vai indo, chegou aqui já tem um... então eu nunca concordava com esse tipo de coisa esse aí eu não concordava.

Este trecho da narrativa de Osvaldo indica uma série de práticas comuns da época da construção, principalmente no período noturno. O operador conseguia parar a máquina utilizando materiais encontrados no próprio setor, como o prego, a tábua e a pedra para furar o pneu. É importante observar, que esta prática para Osvaldo é tratada como “safadeza” por não pensar nos demais companheiros que ficariam na produção, responsáveis em atingir a meta do turno. A postura deste operário expressa num primeiro momento, os valores construídos pela empresa do “trabalhador autêntico” que significava ter responsabilidade com o trabalho: *“tamo ali é pra trabalhá; então vamo trabalhá”*, superando as adversidades. No entanto, sua fala também evidencia aquele trabalhador que buscava individualmente, forjar um problema para deixar de trabalhar, não era aceito pelos demais companheiros que deveriam aumentar seu ritmo de trabalho. Estes conflitos entre os operadores vão demonstrar os critérios de aceitação entre eles, neste caso, denunciando ao chefe, que traria como conseqüência para aquele trabalhador uma situação de disputa no ambiente de trabalho. Assim, a empresa agia consciente em não colocar carro reserva e substituir o operador, servindo de estratégia para discipliná-los ao trabalho colocando os trabalhadores neste momento em lados opostos, conforme a narrativa de Osvaldo indicou.

Outras estratégias utilizadas pelos trabalhadores para saírem mais cedo do canteiro de obras, se estabeleciam com a colaboração do feitor e dos colegas de trabalho. No início das obras quando estava no alojamento da barragem Osvaldo narra uma das formas de sair mais cedo do trabalho e viajar para rever a família:

Odirlei: E como que ia pra visitá a família?

Osvaldo: A firma dava dois, aí cê domingo não trabalhava aí cê interava. Porque lá era o seguinte, você trabalhava lá uma semana de dia e outra di noite, domingo você pega de manhã, se trabalhasse domingo de manhã aí você ia saí segunda de

manhã, aí cê ia pra casa dormi de noite cê voltava. Então domingo que você não pegava, que ia pegá à noite cê saía naquele domingo, como ela dava segunda e terça, aí eu ia e voltava que era dois dia. Aí saía no sábado à noite.

Odirlei: Mas era por mês que ela dava esses dois dias?

Osvaldo: Ela dava, não lembro se era de um mês ou em dois e dois meses.

Odirlei: Isso na Unicon?

Osvaldo: Unicon. Aí tinha aquele negócio que você é, aqui a gente pode conversá. Lá na época não podia. Cê então é meu amigo, né? Cê qué saí um pouco mais cedo. Cê bate o meu cartão? Bato. Tchau. Aí você batia meu cartão de manhã e à tarde, só que o feitor lá tinha que tá sabendo.

Odirlei: Então tinha que tê os acordos também com o feitor?

Osvaldo: Tinha acordo lá. Tinha. O cara, o chapeiro lá cuida de você pra não batê o cartão lá duas vezes o cartão... batia o meu, disfarça, disfarçava aí ia batê o seu depois. Acho que até hoje tem firma que ainda tem isso.

Esta prática segundo Osvaldo ocorreu principalmente no início dos trabalhos na barragem, quando grande parte das famílias não havia se estabelecido em Foz do Iguaçu. O significado da expressão “*aqui a gente pode conversá*” faz menção ao período da produção da entrevista, no qual não estaria mais envolvido com os trabalhos na construção, podendo falar com mais segurança para terceiros sobre esta prática. Também, indica que esta relação de solidariedade entre os trabalhadores não poderia ser realizada em qualquer situação, já que exigia o acordo com o feitor e a colaboração do companheiro de trabalho para burlar a fiscalização do chapeiro, encarregado de verificar se havia trabalhadores batendo o cartão para outros funcionários. Assim, essas relações estabelecidas no canteiro de obras expressam sentidos e significados para os trabalhadores estabelecidos nas disputas pelo tempo de trabalho determinando que a empresa se organizasse para manter a produção orientada pelo calendário da obra.

As metas de produção, o ritmo acelerado de trabalho, o controle para evitar que os trabalhadores quebrassem sua ferramenta ou manifestando preocupação caso sofressem acidentes, caracterizou a organização da empresa para cumprir os prazos da obra. Acrescenta-se a essas questões o controle estabelecido no horário de almoço dos operários. O fornecimento da alimentação no canteiro de obras teria como finalidade diminuir possíveis casualidades influenciando no ritmo de trabalho. A construção de refeitórios no canteiro de obras se fez presente durante toda a construção, evitando que os trabalhadores saíssem do ambiente de trabalho e caso precisasse que trabalhassem durante o horário do almoço.

Os trabalhadores do setor de transporte pesado, quando indagados sobre quais condições deveriam fazer hora-direta, vão lembrar que comiam no lugar que estavam realizando o serviço, em momentos dependendo do ritmo de produção dentro do caminhão quando paravam para carregar, tendo alguns minutos para engolir a comida e continuar com o trabalho.

Odirlei: Como que era o trabalho ali? O que vocês tinham que fazê pro concreto?
 Osvaldo: Não, eu só carregava, eu ia lá na usina que fazia o concreto entrava com o caminhão por baixo, carregava e ... cê tava com a marmita aqui comendo ali, que cê ia fazê hora direta, cê tava aqui com a marmita comendo e de olho lá. Aí quando você escutava a pancada trás lá, painel as vez o cabo aéreo passando ali ... olhava pro retrovisor via a caçamba caia lá, cê já colocava a marmita de lado ali e ia descarregá. Cê não ia pára ali, cê não ia pode pára o caminhão jogava o concreto na caçamba e encosta o caminhão ali pra comê não, cê vinha direto pra linha. Aí lá ia tê fila, na central do concreto naquela época, ia tê fila, quatro, cinco ... se tivesse tua sorte dê tê quatro, cinco caminhão na sua frente aí cê pegava a marmita e ia comê, mas se chegava lá tivesse vazio a boca sua lá onde você carrega, tinha o pilar aí tinha um copinho lá colado com graxa de caminhão, quando o retrovisor encostava com o retrovisor lá, ali era o ponto de pára, caía certinho aí, largava a marmita pra lá. Os mesmo caminhão que saiu na sua frente descarregou primeiro que você, tava lá né? Aí acaba de comê também cê não acabasse podia jogá o resto fora. Então, essa era o rotina, era vinte e quatro hora ali.

Nesta mesma fase de concretagem, dirigindo caminhão Wabco, Valdizar narra sobre a rotina que não os possibilitava almoçar no refeitório:

Odirlei: E tinha descanso, horário de lanche, horário de almoço pra vocês?
 Valdizar: Não, não, não tinha ... eu ia trabalhá, enquanto carregava nós comia um pouquinho ia e voltava porque era pertinho, né? Ia lá e voltava, ia e voltava era aquela, aquela correria.
 Odirlei: Quanto tempo dava assim uma viagem, uns dez, vinte minutos?
 Valdizar: Entre carregá e descarregá dava uns dez a doze minutos porque era perto, né?
 Odirlei: Aí como que fazia, chegavam vocês traziam de casa a comida?
 Valdizar: Não eles serviam os bandeco lá, pegava os marmítex.
 Odirlei: Aí eles passavam pra vocês, aí descia do caminhão pra comê? Como que era?
 Valdizar: Não, não...
 Odirlei: Comia dentro mesmo?
 Valdizar: Dentro mesmo.
 Odirlei: Enquanto ia enxendo?
 Valdizar: É, enquanto carregava ... era o bloco da central, né? Tinha fila, né? Aí cê entrava ... e ia acompanhando a fila e ia comendo. Carregava o cê guardava o bandeco pro lado e ia lá e voltava, enfim parava um pouquinho ia comendo até terminá. As vez não dava nem pra terminá porque esfriava.

Os trabalhos realizados por esses operários, conforme suas narrativas indicaram, ocorreram nas atividades de concretagem da barragem que não poderiam paralisar o transporte para não secar o concreto, provocando fissuras, as quais traziam danos à empresa. Assim sendo, deveriam manter a continuidade das atividades independente do horário. Esse trabalho duro realizado pelos operários possibilitava a eles aumentar o salário realizando a hora-direta, como também atender o perfil de trabalhador da empresa. Portanto, o que fazia trabalhar tão duro, também era a ameaça do facão, já que estavam em evidência para os feitores do setor atendendo as ordens e prazos da obra.

No período que estavam autorizados a irem almoçar no refeitório, utilizavam o transporte da empresa mais conhecido pelo nome de papa-fila que transportava cerca de trezentos a quatrocentos trabalhadores. O nome dado ao transporte faz menção a sua capacidade de conduzir centenas de trabalhadores, fazendo com que as filas nos pontos de ônibus, no setor de trabalho ou no bairro, fossem tragadas. O trabalhador Ademar foi motorista deste transporte durante cinco anos, trabalhando em jornadas de doze horas, seguindo a escala de trabalho, a qual determinava o bairro que realizaria o transporte dos pedões da obra. Nesta ocupação, sua função era de trazer os trabalhadores do bairro para a barragem, como também levá-los para casa e ao refeitório. Após concluir estas funções com o papa-fila, deveria ficar a disposição da empresa para outras atividades.

Eu fazia o primeiro horário da manhã. Era eu que fazia. Eu levava o pessoal pra trabalhá cedo e já quem trazia o pessoal de volta já era meu colega. Eu já vinha como carona. Só que no intervalo quando eu não tinha serviço com o papa-fila a gente dirigia... atendia talvez, é apontadoria, talvez precisava de um caminhão lá no buracão pra pegá um ... negócio... qualqué um negócio que tivesse lá a gente ia pra pegá. Não ficava parado só não. Tinha que ficá a disposição.

Este transporte era utilizado pelos trabalhadores que residiam no bairro Conjunto “C” ou os que morassem em outros bairros de Foz do Iguaçu que exercessem funções menos qualificadas e sem cargo de chefia.⁶⁵ Os demais trabalhadores eram conduzidos ao canteiro de obras em ônibus, kombi ou carros particulares cedidos pela empresa. No horário de almoço, Ademar deslocava-se com o papa-fila para o setor dos operários ou

⁶⁵ Este transporte, tanto do lado paraguaio – Margem Direita – quanto do lado brasileiro – Margem Esquerda – era utilizado somente pelos operários das empreiteiras.

na chapeira, onde batiam o cartão ponto para se deslocarem até o refeitório. Ele narra como um momento conflituoso transportar os trabalhadores neste período:

Ademar: Era tumultuado mesmo, era o momento de levá pro refeitório. Eles, entrava um pião já quiria que soltasse o papa-fila, ele entrou já gritava: Tá pronto! Pode i embora! E aqui dentro do vagão, tinha tipo uma tomada, então ele apertava lá e ascendia uma luz lá na cabina que geralmente era pra quando ele ia ficá, né? Quando ele ia ficá então ele apertava aquilo lá e a gente já sabia que o pião ia descê ali, cê parava pra descê. E lá, o que eles entrava e já metia o dedo lá pra vê que já era pra i embora, aí já gritava, tirava a cabeça por aqui ó [foto do transporte] já gritava: “Vamo embora motorista. Vamo bora. Já tá pra cai”.... Aí já vinha outro pião e gritava: Esse cata corno aí! Aquele um já achava ruim sabe aí [risos]
 Odirlei: E como o senhor sabia que já tava cheio o suficiente?
 Ademar: O guarda dava o sinal.

Para Ademar, motorista do papa-fila, este era um dos momentos mais tensos desta ocupação. Isso porque os trabalhadores pressionavam para chegar o mais rápido no refeitório e a saída do transporte era determinada pelos guardas da hidrelétrica. Enquanto não iniciava a locomoção do veículo sofria a pressão dos operários que queriam chegar o quanto antes no refeitório e aproveitar o tempo do almoço para descansar. Neste sentido, os trabalhadores que eram transportados no papa-fila vão dar outros sentidos a chegada no refeitório, como possibilitar pegar uma fila menor:

Osvaldo: Então ali você pegava i quiria almoça rápido porque você quiria ter um lazersinho ali dentro naquele determinado horário ali. Então cê tinha que saí correndo ali. Parô o papa-fila na frente do refeitório assim, o cara saía se arrebrandando ali. Pra que? Pra chegá antes né? No meio da fila pelo menos, né?
 Odirlei: E tinha algum conflito lá dentro? Briga entre os próprios trabalhadores?
 Osvaldo: Não. Não os seguranças ali era em cima. Não dava moleza não.

A intenção dos trabalhadores em entrarem correndo no papa-fila indicada por Ademar, avaliando como tumultuado este momento, pois estavam fazendo pressão para que saísse logo em direção ao refeitório. Para Osvaldo narrando este momento na condição de passageiro do papa-fila, avalia que a pressa era em função de poderem chegar o quanto antes no refeitório para ter maior tempo de lazer e poderem descansar para voltarem ao trabalho.

O trabalhador Valdizar quando não fazia suas refeições dentro da cabina do caminhão, se deslocava com os demais companheiros no papa-fila ao refeitório. Este

trabalhador vai narrar com outros detalhes, os motivos pelos quais tinham pressa para ingressar na fila do almoço:

Odirlei: Então o senhor sempre comeu dentro do caminhão ou foi pro refeitório?
 Valdizar: Não. Nem sempre, só os horário puxado do concreto, dispois quando cabou o concreto nós ia pro refeitório, todo dia nós ia almoça no refeitório.
 Odirlei: E como que era chegá no refeitório, vocês iam com o papa-fila?
 Valdizar: Nós ia com os papa-fila, era uma correria. Cê descia do papa-fila, dava gosto de vê aquela correria de home correndo pra sê os primeiro da fila.
 Odirlei: A fome era grande?
 Valdizar: A fome era grande e já pensô cê ficá meia hora numa fila. Quem pegava o rabo da fila era demorado, até chega lá ...
 Odirlei: Então entrava e já saía correndo na hora que parava o papa-fila pra pegá a fila?
 Valdizar: É. Já ia na porta aqueles mais esperto, mais novo, né? Ia na porta. Hora que antes de pára de abri as porta só via neguinho despinguelá no trecho. E eu era um deles.
 Odirlei: Era o que, uma hora de almoço?
 Valdizar: Uma hora de almoço.
 Odirlei: Então se ficá meia hora na fila...
 Valdizar: Era correria. Aí você... aí quando o tempo de folga já passou a sê uma hora e meia de almoço quando era mais folgado.

O que evidencia na entrevista com Valdizar, que no momento de se deslocarem ao refeitório os operários disputavam um lugar estratégico perto da porta do transporte, de forma que, possibilitasse sair na frente dos demais companheiros. Tendo em média uma hora de almoço, buscavam entrar o mais rápido possível no refeitório para terem um momento de descanso após a refeição, antes de retornarem ao trabalho, por isso, disputavam entre eles o melhor lugar para saírem do papa-fila. Nos casos de trabalhadores mais exaltados, Ademar narra que eram retirados pelos seguranças da empresa aqueles que se envolviam em brigas dentro do transporte ou que xingavam demasiadamente o motorista:

Odirlei: Tinha assim, algum conflito, algum problema com os trabalhadores, porque mais de trezentos trabalhadores nesse caminhão?
 Ademar: Não. Com motorista não. Não, não com motorista não. Geralmente entre eles lá dentro, as veiz em quando tinha, mais tinha sempre segurança da Unicon, da Itaipu, que sempre cuidava muito isso aí. Alguma vez eles xingavam um pouco, né? Porque eles sempre quiriam o seguinte. Eles nunca quiriam se o último a chegá no refeitório e o guarda de segurava, então eles xingavam o motorista, né? Vão embora motorista tal, e aprontava aquele griteiro, mais conflito direto assim cá gente assim não.
 Odirlei: E com eles lá discutiam?
 Ademar: Discutia, discutia, tinha vez que o segurança precisava levá dois, três embora pro quartel.

Odirlei: Tinha segurança dentro do caminhão?

Ademar: Não. Tinha segurança na onde tava carregando. No lugar de embarque dos passageiro e desembarque.

Odirlei: Dentro da obra?

Ademar: Dentro da obra, dentro do caminhão não. Porque se pusesse um segurança aí dentro eles acabavam com ele. O coro comia.

O regime de organização da empresa segue o modelo militar. A hierarquia no canteiro de obras aplicava formas punitivas de desobediência quando levados para o quartel. As narrativas de Osvaldo e Ademar indicam que os guardas da empresa tinham uma presença marcante na organização desses espaços. Para evitar as brigas e discussões entre os trabalhadores, permaneciam incumbidos de manterem a ordem dentro do canteiro de obras. O Informativo Unicon sobre a postura dos guardas definiu:

Vigilância da UNICON, por respeito ao Trabalhador

Segundo o chefe do Setor de Vigilância... “os princípios básicos que norteiam as responsabilidades dos homens da vigilância da UNICON estão contidos num manual denominado o Breviário do AU-VI; seus fundamentos são dirigidos no sentido de dar assistência consciente a todos aqueles que optaram pelo trabalho na grande Obra de Itaipu”.

O manual recorda ao vigilante que “qualquer funcionário deverá ser considerado como um pai, um irmão ou um parente. Tratado como amigo, o trabalhador deve merecer toda a atenção e respeito. Sentido-se considerado pelos guardas, estes encontrarão maiores facilidades para oferecer segurança e manter a ordem em benefício do bom andamento dos trabalhos no Canteiro de Obras”.

(...) Na prática segundo o Breviário – deve ser efetivado nos refeitórios, nas chapeiras, nos embarques e desembarques de veículos, nos alojamentos, no Centro Comunitário, frentes de trabalho, etc.

A fiscalização é indispensável e a correção, muitas vezes, uma obrigação. Quando se fizer necessário, aqueles que apresentarem comportamento inconveniente em determinados lugares, perturbando colegas, pondo em risco sua própria segurança ou comprometendo o bem nome da empresa e seu patrimônio, deverão sentir a energia e serena presença do vigilante”.⁶⁶

Segundo o Informativo Unicon, o tratamento que os guardas deveriam demonstrar com os trabalhadores como membros de sua família, possibilitando estabelecer uma relação harmoniosa de convivência entre as partes. Na prática esta postura era repreensiva e conflituosa, como apareceu na entrevista de Ademar quando indagado se havia guardas dentro do transporte dos trabalhadores, dizendo que se “*pusesse um segurança aí dentro eles acabavam com ele. O coro comia*”. Este conflito se estabelece nas dinâmicas da empresa em organizar os trabalhos no canteiro de obras visando o cumprimento do seu calendário, em que os vigilantes eram responsabilizados

⁶⁶ Informativo Unicon, 18 de outubro de 1979. p. 5.

em estabelecer o controle em lugares estratégicos dentro e fora da construção da barragem. Assim, os guardas tinham como função de cuidar e preservar a vida dos trabalhadores, dentro dos setores de produção, como no caminho para chegarem nos refeitórios, além disso, eram responsáveis em defender o patrimônio da Itaipu Binacional e cuidar da manutenção da “ordem”.

Este controle também se estabelecia na fiscalização da entrada e saída dos operários da barragem e dos bairros, interferindo diretamente na vida dos moradores de modo que designavam horários para realização de festas, ao mesmo tempo abordando pessoas com ação suspeita nas ruas em horários noturnos. No Conjunto “C”, diferente dos outros bairros construídos pela Itaipu no lado brasileiro, o controle era maior em relação aos trabalhadores. Os guardas permaneciam vinte e quatro horas em uma guarita localizada na via principal do bairro, fiscalizando a entrada e saída de pessoas deste lugar.

Os vigilantes que trabalhavam dentro da barragem controlavam os trabalhadores em pontos estratégicos, principalmente nos lugares em que havia maior concentração de operários reunidos – na fila do refeitório, na chapeira para baterem o cartão ponto, etc. Também, na guarita principal que dava acesso ao canteiro de obras da Itaipu, onde era realizada a fiscalização da entrada e saída dos veículos e dos trabalhadores da barragem. Ademar narra que o papa-fila para entrar e sair do canteiro de obras era revistado pelos guardas:

Odirlei: Então sempre quando saía do canteiro de obras, tinha revista?

Ademar: Não sempre, era talvez tinha dia que tinha dia que não tinha, mais talvez revistava um e não revistava outro, era sorteio sabe? Era tipo, vamo pegá aquele. Pegava aquele. Não vamo pegá aquele outro de trás e pegava o outro e assim era.

Odirlei: Aí quando pegava um caminhão tinha que saí todo mundo?

Ademar: Tinha que saí todo mundo, limpava, ficava vazio o vagão aí dentro, e as gambiarra ficava tudo dentro do vagão. Aí não tinha dono. Aí o guarda tirava aquilo tudo, não aparecia o dono embarcava os passageiro ia embora. [riso]

Odirlei: E sempre tinha...

Ademar: Sempre tinha. Não, quando não tinha nada, tinha prego, lâmpada, é fio de cobre. Tinha cara que trazia prego velho rapaz! Numa obra dessa aí, que tinha tanta coisa de valor, tinha pião que as veiz trazia aquele prego amassado. É o costume, né?

Odirlei: E o senhor via entrando com material?

Ademar: Eu via, mais nunca via nada. Eu nunca podia entregá porque depois eles me pegava aqui fora, né? [riso] Eu sabia, muitas vezes. Eu sabia de quem era e tudo, mais nunca, também o guarda já sabiam nem me perguntavam porque eu não ia falá mesmo.

Odirlei: E era só ferramenta que eles levavam, ou outras coisas também?

Ademar: Não, eles trazia o pessoal do refeitório traziam carne, traziam de tudo, aí, o que você pensá de gambiarra que eles tivesse no alcance deles eles traziam

No horário de entrada, o motivo da fiscalização era para verificar se os operários estavam trazendo o crachá de identificação da obra e proibir a entrada de pessoas que não trabalhasse nas dependências da barragem. Na saída, fiscalizavam se os operários não estavam levando materiais da empresa denominados de “gambiarras” – pregos, martelo, serras, madeira, parafusos, entre outras. Este costume dos trabalhadores em levar materiais da construção, fez com que a empresa organizasse os guardas para evitar possíveis danos materiais. Embora os guardas recuperassem parte desses materiais, não tinham condições de identificar e punir os responsáveis dentro de um transporte com mais de trezentos trabalhadores. Portanto, as “gambiarras” retiradas da construção eram utilizadas pelos trabalhadores na reforma de suas casas ou na construção de utensílios domésticos mesa, armário, guarda-roupa, cama, etc.

As relações sociais entre trabalhadores e a empresa demonstram que a construção da barragem esteve organizada para o cumprimento do calendário da obra e que por isso, buscavam extrair dos trabalhadores o máximo de sua força de trabalho, controlando o ritmo da produção, fiscalizando as jornadas de trabalho, conforme se buscou discutir. Ficou configurado que os trabalhadores agiam sob pressões sistemáticas de produção e produtividade, as manobras em disputar o tempo de trabalho se estabeleceram num espaço bastante estreito com as estratégias desenvolvidas pela empreiteira.

Mesmo assim, os trabalhadores não foram apenas se adequando às estruturas da construção, mas se constituindo como sujeitos nesse processo. Nos momentos que agiam como “trabalhadores autênticos”, ou o perfil de trabalhador que a empresa divulgava em seus periódicos de “operário padrão”, podemos apontar com certo sucesso as iniciativas da empresa em integrar os trabalhadores às metas de produção. Contudo, este consentimento dos trabalhadores que aceitavam as regras do jogo, mas as utilizavam a seu favor, de acordo com os interesses em fazer hora-extra, hora-direta para aumentar o salário, garantir o emprego para próxima etapa da construção, incluindo os trabalhos nos domingos, feriados e nos dias de folga.

Considero, então, que os significados que os trabalhadores foram expressando na relação dialógica que se estabeleceu nas entrevistas como construção da avaliação que

fazem no presente que possibilitaram viver e trabalhar durante a construção da barragem de Itaipu.

CAPÍTULO III:

A última etapa da construção: greves, demissões e as trajetórias dos trabalhadores depois da barragem.

No segundo capítulo, discutimos as relações de trabalho vividas pelos operários da barragem de Itaipu, contrapondo com a história divulgada pela administração da Itaipu que narra a construção realizada num ambiente de compromisso com seus trabalhadores. A forma de organização da execução dos trabalhos evidenciou as dificuldades dos operários em dominar o processo de produção no canteiro de obras. Também, esta análise permite considerar que agiam de acordo com a regra do jogo, estabelecendo seus interesses como fazer hora-extra ou hora-direta para aumento do salário.

Seguindo a linha de investigação deste trabalho, e, analisando a maneira como a empresa buscou construir a história da sua edificação, trazendo uma função prospectiva na constituição de memórias hegemônicas da hidrelétrica, as quais se apresentam sem conflitos e uma relação harmônica entre os “dois povos” – brasileiros e paraguaios – desde o início das obras. Assim, o diálogo realizado com os operários problematizando estas questões, possibilitou outros entendimentos e significados, percepções e sentidos narrados e avaliados por eles durante o período que estiveram trabalhando nesta

construção. No caso do término das obras em Itaipu, o processo da demissão dos trabalhadores não foi o elemento escolhido para descrever o final das obras. O que percebo é o discurso da racionalização que marca a passagem da etapa de edificação da barragem à produtora de energia. Selecionando, desta maneira outros elementos para compor a reelaboração da sua memória.

Deste modo, no terceiro capítulo tenho a intenção de analisar, a partir das experiências dos trabalhadores, os momentos finais da construção da barragem, como avaliam sua participação durante o tempo que trabalharam na Itaipu, os motivos que influenciaram na permanência em Foz do Iguaçu e o que estão fazendo hoje. Além disso, busco analisar a participação deles durante as greves realizadas na usina, percebendo as maneiras como se organizaram na realização do movimento.

É importante destacar, segundo o que evidenciei na história produzida pelos administradores da usina, que a Itaipu estabeleceu o discurso de “necessária para o Brasil” com o marco do abastecimento de energia em 1987 quando o país correu o risco de uma crise no abastecimento energético. A escolha deste marco implicou no silenciamento, como nas demais etapas da construção, na chegada dos trabalhadores, nas dificuldades e expectativas para conseguir trabalho na barragem, nas rotinas e nas condições de trabalho e também nas reivindicações salariais, como a organização de duas greves neste mesmo período.

Nesse processo de construção da memória divulgada pela empresa, utilizou à inauguração das unidades geradoras 14 e 15 pelos presidentes do Brasil e Paraguai, resignificando a imagem de desconfiança do início dos trabalhos em Itaipu. Contudo, para chegar nesse momento de inauguração, tanto as empreiteiras quanto a Itaipu, tiveram que organizar e acelerar o ritmo da produção. O Informativo Unicon dentro da sua perspectiva de organizar e informar os trabalhadores principalmente no canteiro de obras, noticiou, em agosto de 1986, a necessidade de acelerar o ritmo dos trabalhos nessas unidades geradoras para evitar possível racionamento de energia nas regiões Sul e Sudeste naquele ano.

Itaipu acelera ritmo para evitar racionamento

A longa estiagem dos últimos meses nas regiões Sul e Sudeste e o aumento inesperado da demanda de energia elétrica deram uma dimensão nova e ainda

maior a Itaipu, face ao risco real de racionamento que pode ocorrer caso as chuvas não venham logo e com a intensidade necessária.

Para tentar contornar este risco, que se configura a médio e até a curto prazo, o Diretor Geral da Itaipu, Ney Braga, atendendo orientação do Ministro Aureliano Chaves, determinou providências para a agilização da entrada em operação de três unidades de 50 Hz, de forma a ampliar a capacidade de produção da Binacional, de 2.800 mw, o que representará um ganho de geração de aproximadamente seis meses.⁶⁷

A necessidade de ampliar a produção da hidrelétrica implicou na aceleração da produção e no estabelecimento, junto com as projetistas, novos termos de aditamento para organizar o calendário da obra e antecipar os trabalhos, ou mesmo, suprir possíveis atrasos na construção. Ou seja, acelerar ainda mais a instalação dessas três geradoras de energia, ocorreu por determinação da necessidade de abastecer as regiões afetadas pelos problemas climáticos, os quais poderiam corresponder a um possível crescimento econômico do país. Em janeiro do ano seguinte, cinco meses após a notícia do indesejado racionamento, estavam sendo inauguradas duas das três geradoras pelos presidentes brasileiro e paraguaio, tornando remota a possibilidade de ser interrompido o fornecimento de energia elétrica àquelas regiões.

Outra questão que podemos destacar neste contexto é que a UNICON não cumpria apenas o seu interesse de antecipar ou atender o cronograma da obra visando bonificações, mas estava subordinado também a fatores externos que conferia a ela organizar sempre que solicitada à produção. Ao mesmo tempo, essas determinações que aplicavam na elaboração de novos projetos e metas na construção da barragem, interferiam diretamente nas condições e ritmos de trabalho e no número de operários.

Analisando os números de trabalhadores vinculados à implantação do projeto Itaipu, destaca-se um aumento significativo de trabalhadores para atender esta demanda da construção.

Tabela IV

ANO	ITAIPU	UNICON	CONEMPA	ITAMON	OUTROS	TOTAL
1982	2.081	12.548	2.945	1.336	311	19.221
1983	2.175	6.093	1.261	2.694	232	12.455
1984	2.242	4.846	1.229	1.793	197	10.307
1985	2.353	4.298	1.332	2.165	226	10.374
1986	2.545	6.784	1.530	2.288	224	13.371

⁶⁷ Informativo Unicon, agosto de 1986. p. 2.

construção civil e seguindo uma tendência de diminuição das atividades e do uso de mão-de-obra, podemos avaliar de acordo com a tabela acima, que o número de trabalhadores total na Itaipu teve um acréscimo de 2.997 (28 %) entre os anos de 1985 a 1986. Durante o exercício de 1986, aumentou o número de trabalhadores relacionados à construção civil num total de 2.486 (37 %) em relação ao ano anterior. Isso evidencia que para atender as solicitações externas, tiveram que aumentar o número de trabalhadores para dar conta dos projetos das unidades que tornaria mínima a chance de racionamento de energia.

Contudo, seguindo a tônica dos materiais confeccionados pela usina, as condições e a maneira como os operários reagiram ao trabalho quase que não aparece, conforme apontaremos. O que se destacam nos periódicos da UNICON são reportagens que exaltam as adversidades enfrentadas por ela no fornecimento de matéria-prima e projetos de execução de responsabilidade da Itaipu:

Casa de Força do Canal de Desvio

Unicon, vencendo dificuldades

Iniciaram-se então as concretagens no dia 22 de agosto de 1986. A Itaipu solicitou a execução dos blocos num ritmo muito acelerado, visando recuperar parte do atraso de corrente dos sucessivos adiamentos na emissão da Ordem de Serviço.

E dentro deste espírito, procurando atender à crescente demanda de energia elétrica do país, a UNICON iniciou a fundação dos blocos em ritmo de desafio.

Mas aí começaram as dificuldades. Faltou projeto e cimento. E quando estes problemas foram contornados, aconteceu o mais grave: acabou o ferro, o que fez com que a tão esperada obra terminasse 86 e começasse 87 praticamente paralisada.

Mas isso tudo não iria desanimar quem já lançou 8.500 m³ de concreto em um turno, 15.000 m³ em um dia e 338.000 m³ em um mês. Essas produções, que se constituem em três recordes mundiais, foram obtidas pela UNICON num ritmo que seria capaz de erguer a estrutura de um edifício de 20 andares, em 53 minutos de concretagem.

E a medida que o material foi chegando, a UNICON retomou os blocos com forças dobradas. Em momento algum houve atraso de cronograma. Ao contrário, mesmo com as dificuldades, aqui descritas, a produção sempre se manteve adiantada em relação ao programa aprovado.⁶⁸

As dificuldades dos setores de abastecimento energético daquelas regiões afetadas pela falta de chuvas seriam minimizadas, ou mesmo evitadas na medida em que os trabalhos da barragem fossem sendo concluídos. Mas, as dinâmicas de produção assinaladas no jornal buscavam sempre apresentar a empreiteira como sujeito daquelas

⁶⁸ Informativo Unicon, fevereiro de 1987. p. 3.

conquistas. Os números exaltados aparecem para reforçar a capacidade de organização e produção da empreiteira, além de ser um meio de integrar a participação dos trabalhadores que realizaram a execução das atividades.

Nos artigos com esta finalidade evidenciou-se que ao seu final havia uma mensagem que buscava incentivar os operários ao trabalho e a conquista da meta seguinte. Embora as matérias nos periódicos da empreiteira forneçam elementos possíveis de questionamentos sobre as condições de trabalho, limita nosso entendimento de como os operários percebiam e avaliavam as dinâmicas da construção, a qual estava ligada a uma série de interesses que determinavam o ritmo, a organização, a produção e a fiscalização no cumprimento das metas. Portanto, tais condições estabelecidas para a produção ao longo da construção foram se constituindo na rotina de trabalho desses operários que trazem na sua avaliação outras percepções de tais dinâmicas, segundo Tizio a rotina era exaustiva, *“a gente trabalhava memo trabalhava, que os feitor só faltava matá a gente aí”*. Neste sentido, quando a memória produzida pela Itaipu passa a ser confrontada e analisada a partir das falas dos trabalhadores evidencia a luta de classes na construção da barragem, indicando um ambiente em que esses sujeitos envolvidos estão em lados antagônicos. Portanto, existem espaços de resistência e disputa dos trabalhadores e não apenas o cumprimento dos seus deveres harmoniosamente com seus pares devido ao incentivo da empresa.

Neste contexto das obras para atender as necessidades das regiões ameaçadas pelo racionamento de energia, a décima sexta geradora foi finalizada em dezembro de 1987, isto é, onze meses depois das demais. No desfecho desta obra o Informativo Unicon divulgou em tom de comemoração o término desta unidade, com uma matéria descrevendo as dificuldades dos serviços, do mesmo modo, exaltando a organização do Consórcio que mais uma vez conseguiu atender os prazos da obra, mantendo a produção sempre adiantada em relação ao programa aprovado.

UNICON Alcança Meta

E a Unicon acaba de vencer este grande desafio. Ela conseguiu imprimir à construção da complexa e confinada estrutura da Unidade 16 uma velocidade média de alteamento de 20 centímetros por dia, fato jamais conseguido num bloco deste porte em todo o mundo, e lutando contra toda a sorte de problemas fora de seu controle, como interrupções no fornecimento de ferro, cimento e projetos, além de haver enfrentado, no período, duas greves.

Por tudo isso, parabéns, UNICON, por você ter atingido esta meta. Parabéns, pessoal da escavação, da armação e embutidos, da carpintaria convencional e deslizante, do lançamento de concreto, da manutenção, do apoio e da supervisão. E, em especial, parabéns a um homem singular, diferente dos outros, a quem se deve a grande façanha. Para ele não existe diferença se o trabalho é de dia ou de noite, de segunda-feira ou de domingo, debaixo de sol, chuva, calor ou frio. Ele já lançou concreto em Itaipu no dia 25 dezembro. Seu nome é João. Ou seria José? Talvez Manuel.

Ele é o “Barrageiro”, um herói anônimo.⁶⁹

A estrutura da reportagem conteve uma página do seu jornal, iniciada pelas apresentações dos feitos da empreiteira, as dificuldades dos materiais, as datas de superação das metas e os números da quantidade de concreto utilizado nesta unidade. Ao final da matéria, conforme foi evidenciado, buscou agradecer a participação dos setores envolvidos nesta etapa, assim como, indicando a importância do “barrageiro” em verso épico. Neste sentido, quando os materiais não eram mais o problema da paralisação das obras, a UNICON retomou as atividades com forças dobradas, estabelecendo uma rotina ininterrupta de trabalho, em que não existia diferença de período, de condição climática ou data comemorativa, tudo isso com a finalidade de suprir os atrasos e cumprir o cronograma projetado de acordo com as necessidades do mercado energético.

Por outro lado, esta matéria aponta o interesse de construir ou reforçar entre os trabalhadores a idéia de pertencimento e compromisso com a empreiteira. Mesmo assim, esta tentativa de construção positiva dos trabalhos realizados pelos operários na construção das unidades 14, 15 e 16, indicou de forma única, que além dos problemas descritos durante as obras, enfrentaram no percurso desta etapa a mobilização dos trabalhadores que paralisaram a produção em dois momentos.

A primeira paralisação ocorreu no mês de janeiro de 1987, prestes de serem inauguradas as geradoras 14 e 15, diminuindo as chances do país sofrer algum apagão energético por falta de produção e distribuição de eletricidade. No jornal Canal de Aproximação, na única vez que divulga a greve dos operários trouxe o seguinte comentário:

A Greve nas Empreiteiras

Noticiada por toda a imprensa nacional, a greve de quatro dias dos empregados das empreiteiras que prestam serviços para a Itaipu Binacional chegou a bom termo, depois que um acordo foi ratificado e quase todas as reivindicações dos trabalhadores foram aceitas. Tal greve, porém, deflagrada um dia antes da

⁶⁹ Informativo Unicon, dezembro de 1987. p. 3.

inauguração das novas unidades geradoras, não comprometeu a visita do presidente José Sarney. Tudo correu de acordo com o planejado.⁷⁰

A paralisação dos trabalhos um dia antes da inauguração daquelas geradoras, que atenderiam aos interesses da nação, foi utilizada pelos trabalhadores como estratégia de luta salarial. Por ser um evento divulgado e esperado, a repercussão fugiu do controle da hidrelétrica, divulgando no seu jornal, mesmo que minimamente este fato, como também forçando que suas empreiteiras negociassem com os representantes dos trabalhadores. Pelo que constatamos⁷¹, esta greve se estabeleceu como a primeira paralisação organizada pelos trabalhadores das empreiteiras durante a construção de Itaipu.⁷² Contudo, o fato de não noticiar a greve, mas apresentar a importância da barragem para solucionar o problema do país, se constituía a estratégia de combater e controlar as disputas com os trabalhadores, dando outros sentidos ao movimento como atendendo “quase que todas as reivindicações” demonstrando o merecido reconhecimento da sua parte. Assim, informando seus leitores que tudo ocorreu conforme o planejado na inauguração das geradoras, com o abastecimento de energia elétrica e o risco de crise energética reduzido. Exceto atender as reivindicações pleiteadas pelos trabalhadores.

Mesmo os artigos publicados nos jornais da Itaipu e da UNICON para combater as greves dos trabalhadores, não conseguiram apagar da memória daqueles operários que participaram do movimento e aqui entrevistados. Sempre que indagados se em algum momento conseguiram paralisar a produção, vão narrar com detalhes as condições, os motivos e as tensões das greves naquele contexto.

A UNICON, juntamente com a Itaipu, lutando contra o que considerasse problemas fora de seu controle, como as duas greves, conforme assinalou a reportagem do informativo da empreiteira, não a impediu de alcançar a meta de produção. No entanto, os trabalhadores ao narrarem sobre as greves vão dar outros contornos e

⁷⁰ Jornal Canal de Aproximação, janeiro de 19 87. p. 8.

⁷¹ A fundação do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e nas Indústrias da Construção de Estradas, Pavimentações e Obras de Terraplenagem em Geral de Foz do Iguaçu, ocorreu em julho de 1986, após a redemocratização do país. Os depoimentos dos trabalhadores, juntamente com este Sindicato e as produções historiográficas que tem como foco de análise esta hidrelétrica, não evidenciam a organização de nenhuma greve durante o regime militar que ultrapassasse a barreira de controle físico da usina, muito menos que chegasse nas proximidades do bairro Vila “C”.

⁷² O texto escrito por Juvêncio Mazarollo: O mausoléu dos faraós, publicado pela Comissão Pastoral da Terra, 1979, descreve um fato que ocorreu em 1978, quando mais de três mil operários receberam o aviso que o pagamento não sairia, somando com a comida ruim, as más condições dos alojamentos, estourou uma revolta, fato este que não foi noticiado por nenhum meio de comunicação, segundo o autor.

significados que justificou o movimento, apresentando-nos o canteiro de obras também como um espaço de luta. Tizio sobre a greve narra:

Odirlei: Houve greves ali na Itaipu?

Tizio: Houve. É, houve uma greve aí que vixi nossa, aqui pra baixo ficou parecendo um quartel, um campo de guerra, né? Veio quartel de Cascavel, quartel do Rio Grande do Sul, veio quartel de Santa Catarina, né? Acho que uns quatro ou cinco canhão virado aí pro lado da Vila, né? De manhã cedo você escutava eles atirando aí pra baixo aí, parecia um trovão.

Odirlei: Qual que era o objetivo da greve?

Tizio: Objetivo foi por causa do salário, né? Nós tava com o salário muito defasado e o pessoal queria e o sindicato entrou pra dá um salário milhó pro povo, né? E a firma não tava querendo, não tava querendo aí o sindicato declarou uma greve e o povo já tava memo querendo fazê uma greve porque o salário tava muito fraco. É. Aí foi onde teve essa greve, mais ninguém [teve intenção] de entra lá pra quebrá, não. O povo só queria recebe o que era justo. Naquele tempo era o Ney Braga era o presidente aí.

Este trabalhador não lembra com exatidão o ano da greve, utilizando como referência o diretor geral da Itaipu Binacional, Ney Braga, cuja gestão foi de 1985 a 1989. Mas ao lembrar da greve, indica seu posicionamento e clareza dos objetivos dela, atribuindo a sua organização à exploração que estavam vivendo nas jornadas de trabalho imposto pela empresa, para cumprir o calendário das obras, sem receber o salário que a categoria e o sindicato pleiteavam para aquela condição de trabalho.

Uma das maneiras de combater as greves dos trabalhadores, possíveis de serem apontadas através da análise do Informativo Unicon, era não noticiar o período, os motivos e o seu desfecho. Mesmo assim, os trabalhadores em suas falas demonstram que o descontentamento com os salários foi o que proporcionou a organização do movimento para pressionar o Consórcio.

Em se tratando da segunda greve, setembro de 1987, na construção da geradora 16 teve repercussões ainda maiores, não só porque o país permanecia sobre o aviso da crise, mas pela forma como procedeu aos embates. A estratégia de combater a greve por parte da Itaipu e suas empreiteiras ocorreram com formas mais violentas. O Jornal Nosso Tempo divulgou a seguinte reportagem:

Hoje, a greve entra em seu sexto dia, com negociações difíceis e muita tensão. De um lado operários das duas maiores empreiteiras de Itaipu parados, e de outro, o Sindicato negociando com as empresas. Ocupando a área de acesso à hidrelétrica continuam as tropas de unidades militares de Cascavel, São Miguel do Oeste (SC) e Foz do Iguaçu.

Os momentos de maior perigo e tensão já passaram. Durante todo o dia de segunda-feira, por exemplo, havia um medo generalizado entre operários e população em geral, de que algum soldado menos preparado disparasse um tiro de fuzil ou acionasse o gatilho de uma das metralhadoras colocadas no canteiro central da Avenida Tancredo Neves.⁷³

Esta reportagem se constitui pela denúncia da repressão da hidrelétrica em conter a paralisação dos trabalhadores, organizada pelos Sindicatos das diferentes categorias empregadas na construção. Sem chegar no acordo entre as empreiteiras e os Sindicatos dos trabalhadores, a greve estava com data marcada para acontecer. Antes disso, houve a convocação do Exército para intervir na formação do movimento grevista, por parte da Itaipu. Os soldados organizaram seu acampamento em vários pontos estratégicos para inibir a presença dos trabalhadores, um deles era na entrada da barragem do lado brasileiro e do bairro Conjunto “C”, equipados com tanques, carros, metralhadoras, armas, etc.

A paralisação decidida em assembléia pela maioria dos trabalhadores, a qual possibilitaria ao Sindicato uma condição melhor para retomar as negociações da defasagem salarial, já que os trabalhos estariam parados justamente no período eminente do racionamento de energia elétrica em algumas regiões do país. Em meio a esses embates, o Sindicato para informar a população e a imprensa de todo o país durante os enfrentamentos da greve, emitiu uma nota tentando esclarecer os motivos que forçaram a agirem de tal maneira. Esta comunicação foi divulgada no jornal “Nosso Tempo”, na mesma página do artigo acima citado:

Nota do Sindicato

A classe operária brasileira sofreu nos últimos meses o mais brutal arrocho salarial de todos os tempos. Tal perda hoje ultrapassa os 40 por cento e é fruto de perdas que tivemos desde a decretação do Plano Cruzado até a inflação de junho de 87, de 25 por cento, que não foi incorporada ao salário dos trabalhadores.

Face a isto e baseado no acordo firmado em 1º de junho de 1987, onde temos garantido que tão logo se mudasse a política salarial no país voltaríamos a negociar, tentamos por mais de um mês negociar a reposição salarial, e os patrões não cederam em nada, se posicionando da forma mais intransigente possível.

Criado o impasse, a categoria optou pela greve, e a resposta das empresas foi jogar para cima dos trabalhadores a polícia e o Exército, ferindo gravemente 16 companheiros a golpes de baioneta.

Porém os trabalhadores não se deixaram intimidar e continuam firmes com a máxima disposição de continuar com a greve.

⁷³ Jornal “Nosso Tempo”, 2 de outubro de 1987. p. 3.

Tempos hoje a adesão de mais de 90 por cento dos operários à greve, e dos operários hoje no canteiro, pelo menos 300 estão presos e impedidos de sair da obra.

Por último, temos a ressaltar que em nenhum momento tivemos o propósito de afetar a geração de energia da usina. Nossa luta é com as empreiteiras da construção civil. Não justifica a atitude irresponsável da Itaipu em jogar para cima dos operários a polícia e o Exército, com todo este aparato de guerra. Até a vitória!

Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Foz do Iguaçu.⁷⁴

Esta nota de esclarecimento emitida pelo Sindicato no calor dos embates da greve evidencia que o motivo central da paralisação se dava pela retomada das negociações para estipular o aumento do salário aos trabalhadores defasados pela mudança do plano econômico e a inflação. A presença do Exército para inibir a presença dos trabalhadores e enfraquecer o movimento não ficou apenas na tensão de um soldado mal preparado que poderia disparar contra os operários. Assim que foi deflagrada a greve, houve o confronto entre essas partes que gerou ferimentos nos operários devido aos ataques de baionetas dos soldados. Porém, a adesão massiva dos trabalhadores ao movimento e aqueles que estavam impedidos de sair da barragem aparecem com outros significados nas falas dos trabalhadores entrevistados, conforme apontaremos a seguir.

Não diferente do que indicou a reportagem do jornal “Nosso Tempo” e a “nota de esclarecimento” do Sindicato, os trabalhadores ao recordarem sobre a greve, vão justificar pela necessidade do aumento do salário. O trabalhador Júlio faz a seguinte avaliação do motivo da greve:

Júlio: A greve é por causa do salário, né? É salário (...) Na realidade o salário ali, na Itaipu o salário era bom pra chefe, pra peão nunca foi bom o salário aí. Tanto é que fizeram greve, né? Agora chefe não. Chefe falava que era pra não fazê greve e era os primeiro pra ficá torcendo que fizesse, porque se vinha o salário, aumentava o salário do pião, aumentava o dele também.

Odirlei: Então o senhor chegou a participar da greve?

Júlio: Sim, participei das duas, fui escurraçado. Até Urutu colocou em cima da gente, pião com baioneta aí. Tá loco, altas carrera aí dos cara.

Nesta fala, evidencia-se o antagonismo de classe e a luta através da mobilização dos trabalhadores na constante e histórica luta pelo melhoramento dos salários, e a consciência da sua exploração quando se utiliza como parâmetro o ordenado do seu superior: “*era bom pra chefe, pra peão nunca foi bom o salário aí*”. Na segunda greve,

⁷⁴ Jornal “Nosso Tempo”, op. cit.

de acordo com os trabalhadores entrevistados, teve a duração de um mês, no contexto do risco de racionalização de energia elétrica nas regiões Sul e Sudeste, o que indica uma repercussão ainda maior do movimento no cenário nacional.

Nesse cenário apresentado, a hidrelétrica de Itaipu ocupa um lugar ambíguo quando relacionado aos interesses das empreiteiras e dos trabalhadores. Para os operários é encarado nesse processo como lutas e disputas na reposição salarial, não aparecendo em suas falas à usina como necessária para o desenvolvimento da nação. Na perspectiva da empreiteira aparece na direção de produzir uma narrativa capaz de assegurar a importância da hidrelétrica de solucionar o problema do abastecimento energético naquelas regiões. Para isso, utiliza os números, sejam eles na confecção da barragem ou na produção de energia. Portanto, nesta disputa de interesses, a construção de “necessária” para o país, implica no silenciamento em seus materiais das lutas e disputas daqueles sujeitos que quando convocados para cumprirem as metas de produção, recebem certo destaque nas reportagens com o interesse de integrá-los nos trabalhos. Esta integração é forjada com o discurso do *“barrageiro, um herói anônimo; um homem singular”* aquele que não existe diferença de trabalho e consegue vencer as adversidades.

A realização da greve dos trabalhadores das empreiteiras, sob a vigília dos soldados, é citada nas entrevistas com maior ênfase, por aqueles que estavam no momento do conflito que atingiu alguns trabalhadores e familiares que acompanhavam os grevistas na entrada do bairro Conjunto “C”. De acordo com o trabalhador João, a agressão dos militares teve um resultado positivo para o momento:

Odirlei: E essa greve que o Exército veio pra cima dos trabalhadores como que foi?

João: Essa foi uma terrível, essa foi a mais terrível que teve foi essa aí.

Odirlei: Como que aconteceu?

João: Tava todo mundo aqui em cima, né? Nós tava aqui em cima na saída da Vila [C], no posto de gasolina ali. Tava todo mundo ali, então ninguém ali discia pra baixo. Ninguém discia nem subia, né? Então fizeram a barrera ali, aí quando veio o Exército ninguém ficou parado. [risos]

Odirlei: Mas vocês estavam parados ali na entrada da vila?

João: É, na entrada da vila.

Odirlei: O Exército começou a vir pra cima de vocês?

João: Vem com tudo(...) porque eles vinha assim [gestos] eles fechava os zói e vinha cá baioneta, se você não saía da frente eles tacava memo.

Odirlei: Aí o senhor teve que sair correndo?

João: Eu tive que só pulá a cerca, lá, porque antigamenti não era muro. Era cerca. Eu só pulei a cerca e eles passaram.
 Odirlei: E não entraram nessa residência?
 João: Não. Mas passaram furando todo mundo quem tava na frente, chego a furá uns dois ali, teve uns dois que foi pro hospital
 Odirlei: Aí acabou a greve?
 João: Não. Acabo nada. Aí que aumento mais ainda (...) mais veio pra varrê memo. Era pra varre memo. Não é pra ficá ninguém.

Os trabalhadores, juntamente com os dirigentes dos Sindicatos, filhos e mulheres se alojavam na entrada do bairro Conjunto “C”, a cerca de 500 metros da entrada da barragem e impediam com piquetes que caminhões, ônibus, “papa-filas”, carros e os operários se dirigissem ao canteiro de obras para trabalharem. Esta segunda greve na Itaipu, os trabalhadores e seus representantes sindicais conseguiram elaborar estratégias de acordo com suas necessidades para conter a pressão da empresa para que voltassem ao trabalho. Diferente de outras greves que ocorriam com frequência na mesma década, como os metalúrgicos no ABC, que utilizavam a ocupação das fábricas, como melhor alternativa para forçar a empresa a negociar,⁷⁵ os trabalhadores de Itaipu, durante as greves ficavam acampados do lado de fora da barragem, na entrada do bairro Conjunto “C”, aguardando o resultado das negociações dos representantes sindicais com a diretoria das empreiteiras e da Itaipu, como narra seu Osvaldo:

Osvaldo: É, eles fazia lá mesmo, barraquinha lá em volta lá, aí o chefe do Sindicato entrava lá dentro da Itaipu pra negociá lá dentro. O que pediam aqui com o pessoal de fora, o Sindicato era o meio de comunicar com a Itaipu lá que qué tanto.
 Odirlei: E vocês ficavam na frente da Itaipu, como que era?
 Osvaldo: Ficava na barreira, na frente da barreira, no gramadão ali ficava cheio de barraco ali. Quem tinha lona fazia barraca, fazia uns negocinho, ficava por ali, levava água gelada nas garrafa, café. Tinha barraca do café, barraca da água, enchia uma garrafa dessa de cinco litro, escrevia teu nome nela e levava cheio e largava lá. Outro fazia uma garrafa daquela de café. Ali era o ponto de referência do pessoal ali.
 Odirlei: O que vocês faziam quando tavam de greve ali embaixo? Ficavam parado, faziam alguma atividade?
 Osvaldo: Ah, uns jogavam baralho. Era mais joguinho de baralho, dominó essas coisinhas assim pra passá o tempo.

A greve desses trabalhadores, não se resume à tensão causada pela presença do Exército na entrada da usina, fortemente armado, ajudando aqueles operários que

⁷⁵ MEDEIROS. Mônica Xavier de. “Bom mesmo é ser metalúrgico”. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG. 2006.

queriam entrar na obra, ou mesmo intimidando o movimento com tiros para o alto e atacando os trabalhadores com veículos ou armas. O movimento era permeado de tensões, disputas e conflitos entre os trabalhadores, já que nem todos eram a favor da paralisação, e, em algumas situações são justificadas pela coação que sofriam dos encarregados. Neste caso, cediam à pressão da empresa e tentavam voltar ao trabalho buscando entrar por outros caminhos, como pelo lado do Paraguai, ou mesmo, por trilhas no mato que cercam a usina nas proximidades do Refúgio Biológico. Por esta razão, muitos operários se organizavam para evitar que o movimento enfraquecesse, cercando o bairro e as possíveis entradas e saídas da barragem. O trabalhador Tizio ao narrar esta organização, apresenta uma situação vivida por um membro da sua família no período das greves:

Odirlei: E o senhor participou da greve?

Tizio: Participei. É porque não podia entrá lá mesmo, né? Você não participá eles puseram barrera pra tudo que é canto. Pru cê i pra cidade cê tinha que cortá pelo meio do mato aí, mesmo assim, eles pegava o pião lá e quiria sabê onde o pião ia, qui qui o pião ia fazê. Esse meu muluque trabalhava na cidade, ele não tinha nada com barrage ele trabalhava na cidade, ele saiu quando ele chegou ali no São Sebastião eles pegaram ele. Ele: “não eu trabalho na cidade. Cadê seu crachá? Não tenho crachá eu trabalho na cidade.” Aí truxeram ele aqui. Ah, esse é meu filho trabalha na cidade não trabalha em barragem não. Aí sortaram ele. “Aí de tarde cê tem que passá aqui de novo, de tarde cê tem que passá pra da o nome que cê tem.” Então esparramô e ficô cercado de gente pra tudo que é canto aí, era na entrada aqui da São Sebastião, era na entrada lá em cima da obra, era na entrada em cima do Refúgio.

Odirlei: Pra ninguém furar a greve?

Tizio: É ponhava um piquete, né? É ponhava um piquete pra ninguém passá. Quem tava lá dentro ficava lá dentro memo, porque muitos conseguiram entrá, né? Muitos que era assim, mais, mais fraco conseguiram entrá pra dentro.

Odirlei: Por que mais fraco?

Tizio: Que não queria participar, né? É que eles falava: “Oh, quem participá da greve vai tudo embora”. Então pião ficava com medo, né? Então eles dava um jeito, vazava pra lá ou outra vez levava uma cacetada lá pra cima, porque os cara que tava no piquete rodava o cacete no pião memo, né? [risos]. Era pião memo rumano contra outro pião. É. Então cercô tudo isso aí. Pro cê saí tinha que tá com algum documento que não trabalhava na obra, né? Então uma coisa assim, mais o pessoal tudo venceu, não teve confusão

De acordo com esse depoimento, para o movimento atingir a produção no canteiro de obras, forçando a empresa a negociar com os representantes sindicais, era necessário criar barreiras para intimidar aqueles trabalhadores que buscavam furar a greve. O trabalhador Tizio define em sua narrativa que os operários que entravam na barragem para trabalhar, eram “fraco”, pois cediam às ameaças dos encarregados em

demitir os grevistas quando o movimento terminasse. Por este motivo, criou-se à necessidade de construir piquetes ao redor do bairro para não enfraquecer a pressão que a greve exercia para as reivindicações dos trabalhadores, evitando assim, que muitos companheiros aderissem às ameaças da empresa voltando ao trabalho.

Esse conflito entre os trabalhadores no momento da greve quando eram construídos piquetes para fiscalizar os “fura greves”, fica evidente na fala de Osvaldo, pois avalia que era difícil administrar a pressão que sofria por parte da empreiteira e dos colegas do movimento:

Odirlei: O senhor participou de alguma greve?

Osvaldo: Olha eu, nós é o seguinte. Se você não trabalha, se você for trabalhá na greve teus amigo te marca se você não for teu chefe lá marca. Eu ficava na minha. Se caso o chefe vinha me pegá em casa, eu ia trabalhá. Se ele dava as maneira deu i lá trabalhá, eu ia. Porque eu preciso do salário, preciso trabalhá. Nunca concordei com greve e não concordo. Greve não. Eu acho que greve é um amigável entre o Sindicato. Você tem que pressioná o Sindicato e o Sindicato a tua empresa. Eu creio nisso. Cê vê que a empresa tava de vagar aí, o Sindicato esteve na greve, mais descontou a responsabilidade no teu trabalho, né? Pra você não perdê. Eu não sei, os amigo ficá bravo comigo, mas se eu tava aqui, não podia passar pela barreira tava em greve. Passava o Adolfo aqui, chefe meu: “Chacrinha vamo trabalhá aqui”. Mas, daí como é que eu vou? “Entra aqui”. Aí nós ia pelo Refúgio aqui. Eu ia trabalhá, fazê o que, preciso trabalhá, né? Eu não tava contrariando nada, tava em casa, dava as condições de eu trabalhá eu quero trabalhá. Tá ruim pra aquele, mais tá bom pra mim. Ele achou que tá ruim ele ficá lá na greve dele. Ele não vai me deixá passá, eu não vou. Vou apanhá deles! Mais ele dava as condição de eu i lá, eu ia. Eu ia lá pra dentro trabalhando, tô furando a greve e daí!

A narrativa desse trabalhador apresenta seu posicionamento contrário a paralisação dos operários. O que avalia como ideal nas negociações entre a empresa e os trabalhadores para administrar as disputas, conflitos e os interesses de classes antagônicas era um “imaginável” acordo amigável entre as parte interessadas. Neste sentido, entendo que os depoimentos dos trabalhadores apresentam diversos posicionamentos na formação das greves, possibilitando pensar que as disputas vividas e percebidas por eles não se resumem ao canteiro de obras durante a construção de Itaipu. Esta variedade implica em entender os interesses que estão em jogo, como em saber se a greve foi necessária, já que o salário estava defasado, como define Valdizar, “*porque não quis dá numa boa, fomos obrigado a pára*”, e outros trabalhadores como seu Osvaldo que não concordava com a greve, justificada pela necessidade do salário e estava sendo proibido de trabalhar, mesmo assim conseguia entrar no canteiro de obras.

E de acordo com a avaliação de Tizio, aqueles trabalhadores que não participavam das greves eram por ser “*mais fracos*”, no sentido de se expor contra a empresa com medo de perder o emprego, justificando a opção de trabalharem mesmo sabendo que a maioria estava lutando para diminuir ou amenizar a exploração sofrida por todos.

Além dos piquetes e da concentração na entrada do bairro, dificultando o acesso ao canteiro de obras dos trabalhadores, havia a cobrança entre eles que passavam nas casas dos companheiros chamando-os para agruparem-se aos demais que estavam paralisados, como indica Júlio: “*então cê tinha a maioria dos colegas todos ti conhecia, cê ficava em casa os cara ia tudo pegá no pé, então tem que i pra lá*”. A mobilização na frente da Itaipu nem sempre era voluntária ou era expressão da disposição para lutar contra àquela exploração. Muitos trabalhadores para não sofrerem pressão dos colegas, não terem suas casas apedrejadas ou serem insultados de medrosos, covardes e “pelegos”, juntavam-se ao movimento momentaneamente para demonstrar que estavam lutando, e, logo retornavam para casa aguardando o desfecho da greve.

Mesmo com as estratégias citadas na organização do movimento grevista na Itaipu os trabalhos na barragem não paralisavam completamente. Os trabalhadores que estavam empregados no atendimento de serviços prioritários, como no tratamento e abastecimento de água, hospital, entre outros, permaneciam com sua rotina de trabalho. Além disso, a empresa ao ser avisada da greve de seus funcionários, organizava-se para mobilizar equipes de trabalho que pudessem atender à produção, com um número reduzido de operários, como narra seu Osvaldo:

Odirlei: E mesmo com a maioria parado, na greve tinha serviço? Tinha como trabalhar?

Osvaldo: Tinha. Tinha porque geralmente antes de começá a fechá o carro passa. O setor já pegava o pessoal e ia, carro pequeno, passava uma Kombi aqui pegava três quatro. Pegava outra Kombi lá, pegava três, quatro. Montava uma equipezinha, né? Então no caso do transporte de concreto memo, concretão com mais emergência no caso precisava assim, eles conseguia pessoal. Não trabalhava assim normalmente no caso, mais num algum setor que necessitava de um reparo, alguma coisinha lá, tinha gente suficiente que levava.

Ainda que as obras não tivessem paralisado totalmente, a avaliação que os trabalhadores fazem das greves na Itaipu é de um desfecho positivo para eles, mesmo tendo que ficar mobilizados durante trinta dias em uma delas e administrar as diversas situações, pressões, intimidações e perseguições durante aquele momento.

O grande número de trabalhadores empregados no Consórcio UNICON, superior a seis mil trabalhadores – sem somarmos com as outras pessoas que se juntavam ao movimento como filhos, esposas e demais trabalhadores das empresas que prestavam serviços para Itaipu – determinou que a hidrelétrica promovesse o deslocamento de soldados de outras cidades, para intimidar os trabalhadores na permanência da greve. A convocação do Exército de outras corporações, além de diminuir a possibilidade de enfrentamento de soldados da cidade com parentes, amigos ou familiares que estavam participando da greve, também ocorreu, em outras proporções, proteger a integridade física do patrimônio da Binacional de uma possível ocupação dos trabalhadores.

Todavia, no percurso da instalação das três unidades, os periódicos da UNICON exaltavam o cumprimento das metas durante os anos de 1986 a 1987. O discurso da empreiteira buscava demonstrar que não fora o aumento do salário que motivara os trabalhadores a participarem desse compromisso pelo cronograma atrasado e o racionamento de energia elétrica que algumas regiões poderiam sofrer, mas, os seguidos recordes, se dão em grande medida, pela utilização de ferramentas mais modernas que se adequaram às necessidades na construção da barragem:

As primeiras formas deslizantes foram utilizadas em Itaipu, em 1979, na fase de construção da Estrutura de Desvio. Embora mais eficientes que as convencionais, as formas deslizantes da época não dispunham das características e estavam longe de atingir o nível das atuais. Elas apresentavam problemas sérios de desvio nas medidas do alinhamento do concreto, exigindo, com isso, um trabalho complementar de acabamento.

Hoje, as atuais formas deslizantes, aperfeiçoadas por uma equipe (...) permitem um acabamento surpreendente no concreto, evitando ainda desvios inaceitáveis nas medidas e no alinhamento das estruturas de concreto.

Para chegar a este resultado, as formas deslizantes atuais possuem guias metálicas fixas que darão o perfil projetado. As guias servem para orientar o alinhamento de concreto e a subida da forma. Uma série de macacos hidráulicos, acionados simultaneamente – cada um com capacidade de 3,5 toneladas – empurram a forma para cima. Estes macacos são dimensionados para superar o atrito que a forma sobe entre as guias e o concreto.

O lançamento, através das lanças de concreto, minimiza a mão-de-obra em relação ao lançamento convencional, ou seja, evitando os corte de tubulações e proporcionando um lançamento mais limpo e mais seguro.⁷⁶

O aprimoramento das máquinas para a concretagem possibilitava aumentar a produtividade nas obras, ao mesmo tempo, dispensavam a utilização de determinados equipamentos para corrigir defeitos no alinhamento do concreto, exigindo um efetivo de

⁷⁶ Informativo Unicon, agosto de 1987. p. 3.

pessoal menor na execução dos trabalhos. Esta tônica de atribuir à aceleração e eficiência do ritmo de trabalho na concretagem simplifica a participação dos trabalhadores na conquista da conclusão dos prazos. Portanto, melhorar a capacidade de produção das ferramentas utilizadas na barragem, aqui descritas no setor de concretagem, apresenta-se como uma das estratégias para o Consórcio cumprir as metas de produção, além da organização dos turnos de doze horas para os trabalhadores. Isso aponta algumas das dinâmicas na demissão de trabalhadores durante a construção e na medida em que as obras passavam a serem finalizadas.

Definitivamente, as reportagens do Informativo Unicon aqui citadas, apontam alguns dos aspectos que estavam em jogo naquele processo da construção. É possível avaliar que, os elementos selecionados nas obras como fatores importantes para aquele momento, eram o risco de racionamento e a capacidade técnica dos seus equipamentos. Contudo, as narrativas dos trabalhadores destacam outras questões que estavam em disputa, como o fato de combater a realização das greves, as quais se contrapõem ao discurso da edificação sem conflito, harmônica e comprometida com eles, conforme a memória da direção da usina vem se apropriando para divulgar sua história.

Ampliando as discussões das escolhas dos administradores das empreiteiras e da Itaipu Binacional para compor a história da construção, relacionando com os diálogos dos trabalhadores, os quais apresentam suas avaliações, contemplamos o término da construção, em que se constituiu como um momento de consolidação por parte das empreiteiras e da Itaipu, mas de preocupação e angústia para os trabalhadores.

Quando me refiro ao término da construção, é necessário esclarecer que é o encerramento do contrato firmado entre Itaipu e a UNICON, responsável pelas obras civis da barragem. Este Consórcio empregou ao mesmo tempo o maior número de funcionários, em torno de trinta mil trabalhadores no início da década de 1980. Isso também sugere que não podemos tratar a demissão dos trabalhadores como um fenômeno novo, já que em 1982, ocorreu a demissão de mais de dez mil trabalhadores e foi constante durante todos os trabalhos, conforme já discutido. Contudo, a questão que direciona a discussão neste momento é como os trabalhadores narram o período em que o contrato de prestação de serviço do Consórcio estava sendo finalizado. Além disso, ao manusear alguns materiais de autoria dos diretores da Itaipu percebe-se que ao final das

obras civil a necessidade de justificar a desmobilização da infra-estrutura construída durante as obras, as quais tiveram como finalidade atender os trabalhadores envolvidos com a construção.

Com a entrada em operação da última unidade geradora, alçando a potência de 12,6 milhões de KW, Itaipu firmava-se como o maior empreendimento hidrelétrico já construído em todo mundo, recebendo por esta dimensão a denominação de “A Obra do Século”.⁷⁷ Neste momento, o que se evidencia no Jornal Canal de Aproximação e nos Relatórios Anuais além das comemorações do feito, as medidas de racionalização dos custos, já que a entidade tornara-se definitivamente uma produtora de energia. Embora, sendo possível detectar que as primeiras evidências relacionadas com o término desta construção são apresentadas no Informativo Unicon, antes mesmo da sua conclusão.

No que se refere ao final do ano de 1987, início dos trabalhos das duas últimas geradoras, a empreiteira já expressava sua avaliação sobre a participação dos trabalhadores no Consórcio, os quais puderam usufruir deste emprego como uma situação ímpar no ramo de construções, conforme aparece abaixo:

E o barrageiro da UNICON é feliz. Ele sabe que ela é a melhor “gata” em que trabalhou em toda a sua vida, em termos de salários, condições de moradia, alimentação, transporte, escola, médico, dentista e até água e luz de graça para ele, sua mulher e seus filhos. Tem até assistente social e Departamento de Segurança que se preocupam com ele e sua família.

E no “coração véio” desse homem simples está escondida a esperança de que “Tio Nico” não termine aqui, mas continue existindo para construir obras como o Complexo Hidrelétrico de Altamira, no rio Xingu, projetado para 18 milhões de quilowatts, uma vez e meia Itaipu, para início na próxima década.⁷⁸

Esta reportagem indica um tom de despedida aos trabalhadores que puderam participar da construção e ao mesmo tempo alimentando suas esperanças com a edificação de outras hidrelétricas, onde poderiam reviver as mesmas condições de vida e trabalho da UNICON, avaliada por ela e compartilhada em alguns elementos pelos trabalhadores, como o melhor lugar que eles trabalharam. Também, pode-se perceber que a contratação de trabalhadores para atender as demandas dos trabalhos não era mais necessária, porque faltavam três anos, segundo os projetos de execução para a conclusão da barragem. Neste caso, a empreiteira contava com a pontualidade dos serviços

⁷⁷ Jornal Canal de Aproximação, maio de 1991. p. 3.

⁷⁸ Informativo Unicon, dezembro de 1987. p. 3.

prestados em não ultrapassar o limite dos prazos de cada meta. Além de demonstrar que ela buscava orientar parte desses trabalhadores que deixariam a cidade de Foz do Iguaçu, com a possibilidade de migrar para outras regiões, nas quais poderiam permanecer no ramo das construções de barragens.

Apesar do seu propósito em orientar os trabalhadores no final das obras, muitos permaneceram e buscaram empregar-se em diferentes ramos de trabalho em Foz do Iguaçu. Outros, no entanto, conseguiram trabalho em barragens menores, mudando-se da cidade, levando consigo suas famílias.

Não obstante, as questões relativas à demissão e à permanência desses trabalhadores na cidade de Foz do Iguaçu apresentam dificuldades de mapeamento e de definições pessimistas da condição de vida que passaram a ter. Dentro desse universo, em que mais de cem mil trabalhadores dependeram direta ou indiretamente de Itaipu durante sua construção, o que prevalece até o momento como resposta ao término da obra “foi a perspectiva de sobreviver com o minguado Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (F.G.T.S) enquanto durou”⁷⁹ ou que “uma imensa parcela começou a viver de atividades distintas daquelas à qual possuía especialização: mecânicos, garis, puxadores de muamba...”.⁸⁰ É interessante notar, segundo a avaliação que os trabalhadores fazem sobre o final da construção, no espaço dessa pesquisa não é um processo mecânico de demissão e desemprego. A busca de outro emprego ocorreu ainda durante os trabalhos na usina, a partir dos contatos constituídos durante a construção, mesmo que esse estivesse em outra cidade.

Se aceitarmos as considerações de Catta sobre o término da construção e as condições em que os trabalhadores permaneceram em Foz do Iguaçu, seguiremos o caminho de apresentar que o fato de muitos trabalhadores ter aprendido um ofício na construção civil e o longo tempo que passaram na cidade, a característica do trabalho rotativo, levando em consideração ainda à falta de investimentos em novas hidrelétricas no país, justificaria a permanência deles em Foz do Iguaçu. Contudo, não devemos supor que esses elementos apresentados possam ser generalizados num universo tão distinto quanto o canteiro de obras da Itaipu Binacional, mas sim elementos possíveis de serem pesquisados.

⁷⁹ CATTA, op. cit. p. 128.

⁸⁰ Idem. Ibidem. p. 137.

Neste sentido, a análise do contexto do término da obra, sem o interesse de dar conta de todos esses caminhos de investigação, passa pelas interpretações, avaliações e significados que as entrevistas realizadas com os operários possibilitaram a compreensão de parte das relações vividas por esses sujeitos. Dos trabalhadores que tivemos contatos na pesquisa, seu Júlio foi o único que saiu nesta situação, no final da instalação da unidade dezesseis. No seu caso, conseguiu emprego logo em seguida, pois soube da contratação de mão-de-obra para a construção de uma nova barragem:

Odirlei: Como que o senhor foi pra lá? Como soube da construção?

Júlio: Justamente, o feitor meu aqui Nilson ele foi, ele foi pra lá primeiro e saiu daqui da UNICON e já foi pra lá. Antes dele levá a mudança eu encontrei ele ali na Cobal memo, ele falou: “I rapaz lá tá pegando na área lá, tá qualque quantidade de serviço. Qué i comigo?” Falei: vamo! Aí já juntei a sacola e vazei com ele.

Odirlei: Quanto tempo o senhor trabalhou em Segredo?

Júlio: Quatro anos e oito mês. Só que a barrage é bem menor do que essa, né?.

Odirlei: Quando que o senhor entrou lá?

Júlio: Entrei em oitenta e oito e sai em noventa e dois, no final de noventa e dois. Sai daqui e no mesmo dia já fui pra lá

Após ser demitido da UNICON, antes de sair da casa fornecida pela empresa no bairro Conjunto “C”, com a indicação do feitor, com o qual trabalhou em Itaipu conseguiu empregar-se na barragem de Segredo,⁸¹ levando também sua família para aquela cidade. A preocupação dos trabalhadores no momento da demissão era com a busca de um novo trabalho, do qual pudessem manter e sustentar sua família. Nestes tempos de conclusão dos serviços em Itaipu os trabalhadores a partir das suas relações no canteiro de obras, buscavam notícias e até referências de trabalho em outras construções, em que poderiam contar com uma possível indicação de seus chefes ou companheiros que já estariam empregados em outros trabalhos.

No caso de Tizio antes do término dos serviços na Itaipu, entrou em contato com o encarregado que trabalhava na mineradora da cidade de São Mateus do Sul⁸², quando veio para Itaipu verificar as máquinas Terex, que seriam compradas para compor a frota

⁸¹ Está localizada no rio Iguaçu, no município de Mangueirinha, aproximadamente 285 Km de Curitiba. Sua construção transcorreu praticamente entre 1987 a 1991, sendo inaugurada em 1992. A usina passou a ser chamada de Hidrelétrica Governador Ney Aminthas de Barros Braga, em homenagem ao ex-governador Ney Braga.

⁸² Esta cidade está localizada na região Sudeste do Estado do Paraná, aproximadamente 144 Km de Curitiba, onde se encontra a Usina Industrial do Xisto da Petrobrás, INCEPA. <http://www.saomateusdosul.com>.

da empresa responsável pela extração. Ao conversar com o encarregado durante a avaliação dos equipamentos, demonstrando entendimento do funcionamento delas e a experiência de trabalho se colocou a disposição caso precisassem de operadores, pois o trabalho na Itaipu já estava em seu final.

Odirlei: O senhor quando tava chegando assim, o próximo do término da construção o senhor pensava em ir embora pra trabalhar em outra construção?

Tizio: Pensava, é daqui eu vou daqui pra outro canto, porque tá longe a aposentadoria ainda, né? E tem, tem que dá meus pulo aí. A minina ainda tudo piquena ainda, mais aí graças a Deus quando terminô, tava no fim, eles já tinha falado pra gente que ia tê uma redução, né? Então já ia pegá todo mundo, né? Nisso o encarregado de lá veio aqui buscá esse maquinário, a gente já converso com ele, a gente tava trabalhando mais aí, Deus ajudou que dali pouco tempo eles mandaram me chamá eu desci lá pra baixo, trabalhei uma temporada pra lá.

Nesta passagem da entrevista, Tizio aponta que estava consciente do processo da demissão do Consórcio e se organizava para arrumar outro emprego a partir dos contatos que foi sendo possível construir em sua trajetória de trabalhador. A busca por outro trabalho é determinada pela necessidade de sustentar sua família, já que não teria condições de se aposentar naquele momento. O convite para trabalhar em outra cidade não foi obstáculo para este trabalhador, embora sua família permanecesse em Foz do Iguaçu.

Sobre a questão da permanência na cidade, quando as discussões passam pelo caminho de explicação que a maioria dos trabalhadores que permaneceram em Foz do Iguaçu foram trabalhar no comércio do Paraguai, Tizio como os demais trabalhadores entrevistados para esta pesquisa não optaram em trabalhar neste lugar. Os contatos que estabeleceram antes de finalizar a construção levaram-os a permanecerem em seus ofícios no Brasil. Quando indagado se teve dificuldades financeiras depois que saiu da usina Tizio narra:

Tizio: Não porque quando eu saí, a gente acertô. Eu, tava meio ruim de serviço naquele tempo, né? Eu já tinha conversado com o cara lá, mais tava meio ruim.

Odirlei: Aqui na cidade tava ruim?

Tizio: Tava ruim, vixi.

Odirlei: O senhor chegou a procurar serviço?

Tizio: Não cheguei porque eu saí, a gente saiu assim, com um pouco de dinheiro, né? E logo eu comprei um buteco aqui, uma mercearizinha comprei ali na Vila São Sebastião aí, né? Até quando eles me mandaram me chamá [em São Mateus do Sul]. Eu fechei e truxe tudo as mercadoria aqui pra casa, dez butijão de gás que eu tinha, mercadoria truxe tudo pra cá, falei vão comendo aí, fecha na área aí,

que eu vou trabaiá, né? Porque tava fraquinho ali, né? A gente tinha aquilo ali, mais só tava dano só pra i si mantendo, né? Mais não cheguei a procurá serviço pra fora, mais muita gente aí urrô [sofreu] naquele tempo, é. Aí disci pra lá, graças a Deus trabalhei uma temporada por lá, mais três ano pra lá.

É sugestivo pensar que o término da construção estabeleceu-se num momento que marcou a vida dos trabalhadores. Para Tizio, a perspectiva que projeta após sair da UNICON evidencia a relação que o trabalho e a vida estão para os trabalhadores. As dificuldades enfrentadas junto à família, pela ausência de emprego determinaram migrar para outra cidade amenizando aquela situação. Diferente daqueles trabalhadores, que permaneceram na cidade e não conseguiram emprego passando por dificuldades ainda maiores.

No caso do senhor Ademar, o processo de demissão no término da obra não foi narrado como um momento de preocupação, já que ele pediu a conta para ele. A preocupação maior era para os casos daqueles operários que não conseguiram controlar os gastos, conforme indica no seu depoimento:

Ademar: Olha, eu saí antes. Porque ela terminou mesmo terminou em noventa e um e eu saí em noventa. Mais é, começou ficá, foi afunilando, foi chegando no fundo do funil com a gente fala ali. Muita gente começou a se preocupá porque era o seguinte. Os cara ali ganhavam bem, só que gastava de mais também. Aí tinha dívida, tinha não sei o que, a viu que tava acabando e vai acabá. Acaba hoje, acaba amanhã. Então a situação ficou difícil.

Odirlei: E o senhor chegou comentá com a família, olha vai tê redução hoje?

Ademar: Não. Eu quando saí eu mesmo pedi, eu mesmo levei minha quita para o departamento pessoal. Eu pedi pra saí da Unicon. Eu trabalhei na Unicon onze anos e eu pedi, porque eu quiria construí uma casa lá no Morumbi. Como construí com o dinheiro que eu ganhei ali né? Com meu acerto eu construí a casa. Eu já tinha o terreno. Então eu mesmo pedi, tava consciente do que tava fazendo (...)

Odirlei: E no setor do senhor tava tendo redução?

Ademar: Tinha também a redução. Só que eu nunca me preocupei com isso não. Porque eu não sei cara. Eu sempre confiava no que fazia. Nunca pensei, vai me mandá eu vou ficá parado. Naquele tempo tinha muito emprego não era igual é hoje que é difícil emprego né? Naquele tempo você saía de um, entreva em outra.

Odirlei: O senhor pediu a conta e eles fizeram o acerto como?

Ademar: Como eles mandaram.

Odirlei: Aí o senhor foi trabalhá aonde?

Ademar: Aí eu fiz, construí minha casa, trabalhei três mês na Viação Itaipu e vortei e fichei na Expresso Nordeste de novo. Foi em noventa e um. Aí saí da Expresso Nordeste e fui pra Triagem. Eu tinha serviço sempre bem em vista. Sempre quase garantido.

Odirlei: Teve alguma dificuldade financeira depois que saiu?

Ademar: Não. Não, graças a Deus não. Não teve nada. Não me arrependi de te saído hora nenhuma, porque o que eu quiria fazê eu fiz, era a casa.

Para este trabalhador o final da construção possibilitou, com o acerto pelos onze anos trabalhados na empresa, construir sua casa. Nota-se que este trabalhador avalia que não tinha tanta preocupação, pois na sua função de motorista caso saísse da empreiteira era possível entrar em outra empresa. A avaliação de Ademar está articulada pela sua trajetória de trabalho, que em momento algum ficou desempregado, trabalhou após sair da UNICON três meses na empresa de transporte urbano em Foz do Iguaçu. Em seguida entrou na Nordeste, prestadora de serviço para Itaipu Binacional transportando os trabalhadores que permaneceram no quadro de funcionários para mantê-la em funcionamento.

A proximidade do término da construção de Itaipu passa a ser avaliado para alguns trabalhadores como um momento de expectativa e medo, como também novos desafios. Entretanto, para a administração da hidrelétrica envolvia outras preocupações no estabelecimento de novas metas a serem atingidas. Agora não era em busca da produtividade no canteiro de obras que estava em pauta, mas na organização administrativa de rever os contratos com as empreiteiras, desmobilizar a mão-de-obra e a infraestrutura que construiu para atender os trabalhadores durante as obras. O jornal Canal de Aproximação assinala algumas preocupações pela direção da hidrelétrica obtidas como resultado da reunião com o diretor-geral brasileiro relacionada à administração da empresa:

O desempenho da Itaipu Binacional passou a ser decisivo para o Setor Elétrico Brasileiro. Com os recursos que a nossa empresa pagará à Eletrobrás, para quitar a sua dívida, serão construídas novas hidrelétricas que o Brasil precisa. Por esse motivo, daqui para a frente, a meta da Itaipu é racionalizar todos os gastos, manter o equilíbrio orçamentário e, com a mesma qualidade, continuar produzindo energia pelo menor preço possível.

(...)

Até o final do ano, sob a orientação desse processo, serão reduzidos ao máximo os contratos com as firmas projetistas e de consultoria, readequada a força de trabalho, fechados os escritórios do Rio e de São Paulo e determinados limites orçamentários fixos para as obras efetuadas na área de abrangência do reservatório.⁸³

A partir destas questões, entendo que quando se buscou a construção da imagem da hidrelétrica, de “necessária” para o desenvolvimento do país, os trabalhadores estavam sendo envolvidos nas disputas pelo tempo, ritmo e produção no canteiro de

⁸³ Jornal Canal de Aproximação, setembro/outubro de 1990. p. 4.

obras. Neste momento, o pagamento da dívida contraída durante as obras, que não é especificada nos periódicos, aparece de extrema necessidade para que o país não deixasse de construir novas usinas. A nação é invocada como bem maior sempre que os interesses da hidrelétrica estão em disputas com o dos trabalhadores. Ou seja, quando é para justificar uma jornada extensiva e ininterrupta de trabalho ou demitir os operários apresenta-se a medida como sendo um ato racional de funcionamento administrativo, sem levar em conta as condições em que os trabalhadores poderiam estar envolvidos. Outra questão, em termos de cuidados com a imagem de Itaipu, são as possíveis reações que a demissão dos trabalhadores poderia apresentar, assim, necessita-se preparar a saída deles justificando como necessária e inevitável.

Meses antes do término da construção, as atribuições referentes às atividades de projeção e execução dos trabalhos na hidrelétrica são noticiadas no jornal Canal de Aproximação:

Com a proximidade do término da obra, nossa realidade vem se transformando a cada dia, provocando mudanças na administração da Entidade. Tais mudanças são necessárias no sentido de dar maior eficiência e racionalidade ao nosso trabalho que, prioritariamente, vem sendo adaptado a uma mentalidade voltada agora para uma hidrelétrica totalmente em operação, e não mais à situação de uma hidrelétrica em construção. Por isso, precisamos entender que esse processo de adaptação é o caminho pelo qual conquistaremos o perfeito entrosamento, em todas as áreas. Falta apenas o término da montagem da 18ª máquina para que Itaipu se torne definitivamente uma empresa produtora de energia que, neste ano de 1991, beneficiará o setor elétrico, cobrindo 35% da demanda energética da região Sul e Sudeste do nosso país. Isto aumenta nossa responsabilidade em relação a uma série de medidas administrativas que são imprescindíveis para a recuperação da saúde econômica do país.⁸⁴

Esta reportagem aponta para a consolidação dos trabalhos na construção civil na hidrelétrica, ao passo que os serviços que ainda restam estão a cargo da equipe de montagem da última unidade geradora e principalmente da equipe administrativa, qualificada para desenvolver a sua nova mentalidade de trabalho. Logo, a importância de colocar em prática o processo de desmobilização dos Consórcios responsáveis pela construção e montagem da usina, através das medidas a serem posta em prática, as quais adequariam a estrutura da entidade às funções de operação e manutenção, racionalizando custos e atividades.

⁸⁴ Jornal Canal de Aproximação, janeiro de 1991. p. 2.

No Relatório Anual de 1991, ao fazer um balanço das decisões tomadas naquele ano, evidencia-se a maneira como estava sendo abordado o processo de desmobilização sob o ponto de vista administrativo:

Medidas de economia e racionalização

No decorrer de 1991, foram paulatinamente sendo encerradas as atividades de construção e montagem da Central Hidrelétrica. Nesse sentido, a ITAIPU adotou medidas visando adequar a estrutura da Entidade para as funções de operação e manutenção, racionalizando custos e atividades, havendo prosseguimento das ações para a consolidação de decisões tomadas no final do ano anterior, conforme descrito:

- a) Hospital de Itaipu (...) foi cedido em comodato à Associação Comunitária desse hospital, visando propiciar o acesso de seus serviços à comunidade local.
- b) A unidade escolar, o ambulatório médico, a capela mortuária e o centro comunitário Conjunto Habitacional “C” foram cedidos em comodato à Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. Para que a municipalidade assumisse imediatamente a responsabilidade de operação dos referidos equipamentos (...) ⁸⁵

Esta passagem contrasta com o início da construção em que Itaipu foi o grande alvo de atração de pessoas, que vieram à cidade de Foz do Iguaçu. Seus materiais caracterizavam aquele momento com a divulgação dos números de trabalhadores, moradias, escolas, alimentos, recordes de produção como já foram discutidos. Essas pessoas vislumbraram em seus projetos sonhos, expectativas e a possibilidade de conquistar uma vida melhor. No entanto, o ano da inauguração da usina silencia o processo das demissões dessas mesmas pessoas que estavam envolvidas diretamente nesta infra-estrutura organizada pela barragem, legitimando agora seu poder sob sua responsabilidade de racionalizar custos, adequando a estrutura para as funções de operação e manutenção. Portanto, a construção que os administradores de Itaipu fazem de seu passado tem como finalidade associar a imagem da hidrelétrica de responsável e necessária para o desenvolvimento do país.

Neste sentido, que Laura Antunes Maciel, analisando algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa no Brasil, aponta para o papel do historiador em não conceber a imprensa, tornando-a como o espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, já que este documento expressa *“seus interesses e projetos segundo sua lógica de proprietária, a qual define papéis sociais e generalizando posições e*

⁸⁵ Relatório Anual 1991. Itaipu Binacional. p. 7.

interpretações que se pretende compartilhar e universalizar”.⁸⁶ Assim sendo, a postura adotada pela Itaipu demonstra que a memória constitui uma poderosa e ao mesmo tempo, sutil forma de dominação quando está calcada nos números e acontecimentos ausentes de sujeitos que viveram, pensaram e agiram nesse processo.

O conhecimento desse passado e as razões que engendraram, não são lembrados pelos relatórios ou pelas metas de racionalização da usina. Porém, as entrevistas com os trabalhadores que viveram esse processo de desmobilização possibilitam transformar este presente na perspectiva, como diz Yara Khoury, de “*construir um conhecimento histórico que incorpore a experiência humana, onde todos possam se reconhecer como sujeitos da história*”.⁸⁷ Deste modo, os trabalhadores que foram dispensados e tratados num processo natural do final da construção, em que não sendo mais úteis para aquelas atividades, passam a ser dispensados e da mesma maneira silenciados nesses materiais.

Os trabalhadores quando indagados sobre o término da construção da usina apresentam outros elementos que se constituem em outros significados, diferentes do processo de racionalização da hidrelétrica pautado pela administração. Durante as entrevistas, os trabalhadores contam ao rememorar os momentos das demissões também como preocupação:

Odirlei: Vocês conversavam com os amigos do setor sobre a demissão?

Tizio: Sim. Por causa, os feitor falava amanhã. “Oh, fim do mês vai te redução” ou “amanhã vai tê redução”. Então todo mundo comentava, poxa vida, parece que tem ainda muito serviço i vai te uma redução aí, então todo mundo é pai de família, né?. Então a gente esquentava a cabeça, né? Todo mundo esquentava a cabeça é empregado, a gente tava empregado, né? I vai te uma redução quem sabe quem vai na redução quem não vai, né? Aí quando era noite, o pião talvez trabalhava o dia inteiro, né? Ou à noite. Ele batia o cartão pra entrá à noite pra trabalhá à noite, ia pra trabalhá aí depois no outro dia cedo que ele chegava cedo cadê o cartão. Poxa vida! Aí cê ia lá no Bastião Dias [encarregado]. Cadê meu cartão? “Seu cartão rapaz o cateto passou pegando a noite aí, né?” Mais eu não podia saí. “Fazê o que, seu cartão sumiu eu não posso fazê mais nada, né?” E a gente ia ficando, todo dia, dali um mês, dali dois mês, mais três mês um outro corte. Então a gente sempre pensava amanhã não sei não sê eu... diz que vai tê uma redução muito grande, tinha memo uma redução grande, aí catava o setor tudo carpintaria, armação aqueles mais nó cego, né? I a gente não era muito nó cego, a gente tava ali só pra trabalhá memo, né? Cuida da obrigação, então ia ficando.

Odirlei: E vocês comentavam também com a família sobre a redução?

Tizio: Ah, chegava e falava pra tudo eles. Não assusta não porque, a família tudo bem aí, casa boa, né? Água, luz então a gente chegava e contava pra família,

⁸⁶ MACIEL, Laura Antunes. Ibidem. p. 15.

⁸⁷ KHOURY, Yara A. Ibidem. P. 118.

amanhã diz que vai te uma redução muito grande lá então cês não assusta não porque cê a gente chegá aí, de manhã cedo aí, chego lá o cartão não tava e já vortá pra trás. Então a família tudo já ficava também, tudo já de orelha em pé, né? Então se chegava de tarde cumé? Não por inquanto, meu cartão tá lá. Por inquanto meu cartão tá, então vou ficando aí até.

Percebe-se um tom de tensão na fala deste trabalhador sobre a forma como era realizada a demissão. O cartão era a baliza em saber se havia passado pelo corte daquele momento, já que não era utilizado o aviso prévio para os trabalhadores. Assim, nos dias de corte, caso tivesse redução e o nome estivesse na lista, não ia para o canteiro de obras, e sim para o escritório assinar a rescisão de contrato. A preocupação expressada na narrativa deste trabalhador “*então todo mundo é pai de família, né...; a gente tava empregado, né...*” demonstra a angústia vivida nesses momentos de corte. O que amenizava essa preocupação em alguns momentos era o fato de ter realizado bem o trabalho, e que não estaria nas primeiras reduções. Isso indica, um dos critérios utilizado pela empresa e que serviu como parâmetro na avaliação dos trabalhadores sobre os primeiros que eram demitidos. A boa trajetória na empresa vai contar no momento das demissões como uma recompensa para aqueles que atenderam as ordens dos encarregados, disciplinando sua conduta aos interesses patronais. A família segundo Tizio, era avisada e convivía com essa preocupação do “facão”. O fato de ter uma casa e ter condições de criar seus filhos seria uma perda grande ao sair do trabalho.

O trabalhador Osvaldo ao recordar das reduções no final da construção vai destacar o término dos serviços como baliza da demissão e também o comportamento durante os trabalhos no canteiro de obras:

Odirlei: Como era o ambiente de trabalho quando se aproximava a demissão, ou o término de uma função, de uma fase? Ia ter demissão, como ficava o ambiente?

Osvaldo: Ah, a gente percebia, né? Porque ia terminando, no caso do concreto, na época que eu tava no concreto. O concreto foi terminando, porém ele foi jogando concreto, jogando concreto e quando tava lá no final a gente já sabia vai pára o concreto. A chefia vai pára o concreto e se vai pára o concreto você é motorista do concreto uai, o que você ia pensá, o que vai acontecer: Os caminhões não vão ficar rodando a toa. Então diminui o caminhão, aí vai de você sabe se você vai ficá os últimos ou os primeiro. Este é o caso do cara que colocava o preguinho de baixo do pneu para furá. Cê acha que esse era o último que ia ficá, o último a jogá uma carga de concreto no final lá. Ele já tinha saído bem antes. Então cê já previa alguma coisa, cê plantou, cê vai colher. [risos]

Em sua fala, evidencia a necessidade de cumprir as metas de produção que por outro lado, ao seu término haveria a redução de trabalhadores. A demissão era uma questão de tempo, e já era prevista para aqueles trabalhadores, neste sentido que Osvaldo enfatiza a situação do companheiro que queria diminuir o ritmo de trabalho, paralisando a máquina, como o primeiro a sair, segundo os critérios da empresa em valorizar os funcionários que mais produziam durante as metas de produção.

Em outra passagem da sua entrevista vai avaliar o compromisso dos trabalhos com a empresa, que pesaria na balança do momento da sua saída:

Odirlei: E na demissão o senhor comentava com a família, com os amigos, com o pessoal do trabalho, mesmo do setor?

Osvaldo: Ah é, no fim cê saía. Só não sabia quem ia, né? Eu acho que vou. Eu acho que não vou, eu fiquei eu acho que vou, eu acho que vou um tempo até. Eu graças a Deus eu trabalhei certinho. Ah, lá avalia pelo tempo de atestado, se tinha muito atestado, problema de às vezes com o chefe ou com feitor. Fala: “ó encosta uma Bitorneira lá pra puchá pro Paine tal? Caraio essa porra desse Paine, essa Bitorneira lá.” Entendeu, o feitor e se você não trabalhá ali tem qui trabalhá aqui... então isso aí tudo ia consideração a rotina que na hora que cê falou da demissão. Aí se o cara, o cara divia, manjado. Putz! Essa quebrou, fui brigá com aquele feitor aquele dia. Falei isso pro chefe aquela outra vez, né? Fiz aquilo no caminhão aquele dia. Tudo isso vai na cabeça do cara, né? Se você faz seu serviço certinho que cê não tem nada, cê tem essa esperançinha de i mais pra frente, né? Me jogaram eu mesmo, em outros uns par deles. Eu fui mais pra frente, só que eu fui pouquinho mais.

A avaliação que este trabalhador faz, justificando a permanência até o final das obras civis, ocorre a partir da sua experiência no canteiro de obras e na prática quando seus colegas iam sendo escolhidos para compor a redução. Desta forma, Osvaldo, constrói sua memória como um funcionário que agradou a empresa durante o tempo que atendeu as ordens de serviço e ajudou no cumprimento das metas de produção. E o encarregado iria recompensar esse comportamento com a transferência para outros setores prorrogando sua demissão, ou seja, a conduta do trabalhador durante a obra determinava para Osvaldo quem iria para o início da lista da demissão. Atender o perfil de funcionário que a empresa desejava durante os trabalhos, constituía-se nos momentos de demissão à esperança desses trabalhadores em não ver seu cartão nas mãos do cateto que os encaminharia à rescisão de contrato, portanto, adiando momentaneamente a sua saída da empresa.

Esta avaliação indica que nos momentos de demissão alguns operários preocupados com sua permanência na empresa, fariam uma auto-avaliação do seu comportamento nos trabalhos. No caso se estivesse no topo da lista de dispensa, o parâmetro de ponderação se dava em atribuir a responsabilidade no comportamento do trabalhador durante os trabalhos, eximindo, por exemplo, o fato de a construção estar no final e que por isso estava presente a necessidade das dispensas de acordo com as metas de racionalização do setor administrativo da usina.

A maneira de divulgar a finalização da construção civil e o encerramento do contrato de prestação de serviços com o Consórcio UNICON procedeu com o discurso de racionalização, com intuito de liquidar as dívidas contraídas durante aquele empreendimento. No entanto, a demissão dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que não era mencionada pelos materiais produzidos pela Itaipu, apresentavam-se como dividendos futuros projetados para o bem coletivo, ignorando as condições de vida e trabalho que os operários estariam submetidos com a perda do emprego no presente.

Contudo, as entrevistas realizadas para esta pesquisa, possibilitaram compreender que o trabalho e vida são elementos indissociáveis quando avaliado a partir das experiências desses operários. O emprego para eles determinava a condição de vida e o que ele iria ofertar era o que dava o maior sentido ao lugar, a vida, a família expectativas ao lazer desses homens na busca pela sobrevivência.

Seguindo este raciocínio, as dinâmicas de trabalho organizadas pelo Consórcio UNICON e a Itaipu Binacional determinaram durante o período das obras da barragem as condições de vida desses trabalhadores e influenciaram na decisão de permanecerem na cidade. Apesar disso, esses sujeitos vão construindo em suas memórias avaliações, percepções e significados que em momentos as composições dessas interpretações confrontam com a memória construída pela direção da Itaipu, de uma barragem sem conflitos e de um ambiente harmônico. Em outros momentos, os trabalhadores compartilham suas lembranças com as selecionadas pela empresa, que também se torna necessária para se estabelecer como hegemônica na preservação da memória projetada pela direção da usina sobre a construção.

Ainda no que se refere ao encerramento do contrato destes trabalhadores, além das questões já analisadas, aquele processo foi marcado pela busca de reivindicações

trabalhistas na Justiça do Trabalho. Como se trata de uma grande quantidade de processos judiciais foram vários os caminhos percorridos pelos trabalhadores para instaurar suas ações. Parte dos operários optou em entrar pela orientação do sindicato da sua categoria em ações coletivas. Outros foram motivados pelos companheiros que já tinham suas reivindicações julgadas procedentes, ou por advogados que buscavam tirar vantagens financeiras, alertando os trabalhadores que poderiam receber uma boa compensação dos anos trabalhados no canteiro de obras.

No contexto das demissões dos operários e para alguns de desemprego, a Justiça do Trabalho tornou-se um meio de ressarcimento dos direitos não pagos durante os trabalhos no canteiro de obras. Algumas práticas que se desenharam neste contexto como estratégia da direção da hidrelétrica para evitar uma ação movida pelos trabalhadores da UNICON, no qual ela respondia como agente solidária estabelecia acordos com alguns operários como condição de transferência para outras empresas prestadoras de serviço à Itaipu. Assim, assinavam uma declaração do próprio punho alegando o não interesse de mover qualquer ação contra a empreiteira, como meio de troca e garantia do emprego na próxima prestadora.

Em todos os contatos e nas entrevistas com os trabalhadores foi perguntado se buscaram a Justiça do Trabalho como meio de reivindicar direitos não pagos pela empreiteira durante os trabalhos na barragem e se o motivo da ação era como meio de amenizar possíveis dificuldades financeiras. Por outro lado, busquei visualizar a ação como uma maneira de atuar, no que se refere às relações de trabalho, ou mesmo como elementos possíveis de problematização da memória hegemônica da hidrelétrica, que por sinal omite estas informações.

Dos trabalhadores entrevistados três entraram com ação, após terem saído da UNICON. O trabalhador Tizio soube da possibilidade de entrar com pedido na justiça por um colega, o qual indicou a advogada que estava movendo o processo. Quando indagado se entrou com ação trabalhista contra a empresa, ele narra:

Tizio: Entrei. Eu não ia entrá não, mas depois veio um cara aqui pra mim falo: “rapaiz do céu! Tem um adevogada aí que tá mexendo com isso aí”... I eu já pus na mão da adevogada lá, (...) Aí fui lá levei as carteira conversei com ela tudinho. Ela disse: “não senhor, vocês tem direito sim”. Esse negócio dessa casa que vocês moram, falei pra ela mais a firma deu essa casa pra, nós morá na casa da firma, nós tem condução pra levá pro serviço, nós tem água, luz tem isso tem

aquilo, tem escola das criança. Ela falô: “mais isso aí é o seguinte, isso aí é obrigação dela fazê isso aí, isso é obrigação dela dá isso aí pra vocês”. “E vamo mexe aí, vamo mexe que tem um direito aí que não pagô” (...) Era aquele negócio que ela não pagava pra gente, que a gente trabalhava com máquina, com negócio de óleo. Eu esquici o nome, comé que fala (...)

Odirlei: Insalubridade?

Tizio: Isso aí, né? É isso aí: “ela nunca pagou pra vocês. Então cêis tem tudo aí a favor di vocês”. Aí nós entramo (...)então cê a senhora acha que nós temos direito, então pois pra frente, né?Aí, demoro mais saiu o sal,demoro bem mais de cinco,seis anos ou mais um poco.

Odirlei: O senhor entrou assim que saiu da empresa ou antes?

Tizio: Quando sai. Ai uns pois. Outros não pois. Outros ficaram com medo de pô porque achava que não ia fichá mais em lugar nenhum, né? “Ah, se eu pô isso aí na lei nós não vamo fichá mais em lugar nenhum porque aqui trabalho fulando, trabaio cicrano também e tal”. I assim, a gente pode trabalhá nela, e aí.

Odirlei: E o senhor entrou com a ação?

Tizio: Entrei com ação.

Na fala de Tizio indica algumas situações que os trabalhadores avaliavam antes de decidirem sobre a entrada com o pedido judicial contra a UNICON. Mesmo tendo todas as condições de ganhar ação trabalhista, o medo de manchar a trajetória de trabalhador, uma vez que poderia inviabilizar a contratação em outra construção conduzida pelas empreiteiras que formavam o consórcio ou mesmo a solicitação de referência profissional na iminência de outro emprego. O que se pode notar no processo de argumentação da advogada para convencer este trabalhador a mover a ação esbarra nos elementos positivos tão intensamente divulgados pela propaganda da hidrelétrica na construção de sua história. Essa memória marca consideravelmente as experiências desses trabalhadores, já que se materializava na infra-estrutura ofertada pela empresa alimentação, transporte, casa, escola, hospital para os seus funcionários e aos membros de sua família. Contudo, mesmo que este trabalhador tenha se mostrado surpreso com a possibilidade de ganhar a ação trabalhista, evidencia outros elementos que problematiza a memória compartilhada com a direção da Itaipu sobre a construção da hidrelétrica. Quando indagado se imaginava que a empresa estava deixando de pagar algum direito para os trabalhadores Tizio narra:

Tizio: Não, a gente não imaginava isso aí né? Porque parece que eles pagavam certinho, né? Cê tinha tudo a favor da gente aí, aquilo que eu tava falando é casa, é água, é luz, é escola, é transporte então a gente achava que tava tudo certinho, né? Quando a gente saia eles acertava, chamaram a gente lá, nós fomo lá no adeogado. O adeogado leu lá o que tinha que lê o que a gente tinha direito o que não tinha, né? Cêis tem

isso, tem isso, tem isso, tal, tal, tal então tá certo? Óia cê o senhor tá falando que tá certo, se o senhor é adevogada tá falando que tá certo, tá certo. Então assina aqui, cê assinava pagava a gente ali, esse era o acerto da firma, né? Ai depois que a gente entro em ação com ela. nós já fazia uns quatro, cinco, seis meses que a gente tinha saído da firma, né? Aí ela, ainda a adevogada falou que foi bom, porque se passasse de um ano, dois ano uma coisa assim, caduca, né? Mais aí cabo dano certo.

Percebe-se no final da fala deste trabalhador que o contato inicial com os companheiros e o fato de estar desempregado influenciou na decisão de reivindicar possíveis direitos desconhecidos e não pagos pela empreiteira na Justiça. Isto é, problematiza a memória da usina e a sua própria visão sobre a empreiteira. Neste sentido, a memória da construção passa a ser disputada e reconstruída a partir das diferentes visões, valores e interpretações dos trabalhadores após o final das obras e a demissão dos funcionários do Consórcio UNICON.

Durante o curso da ação trabalhista, Tizio foi chamado para trabalhar na mineradora em São Mateus do Sul, exercendo a mesma função da barragem como operador de máquinas pesadas. Com a necessidade de manter a renda de sua família e atingir o tempo necessário para se aposentar, aceitou a proposta de trabalho, ainda que não fosse possível a família o acompanhar, diferentemente do ocorrido na barragem de Itaipu.

Odirlei: O senhor pensava em levar a família?

Tizio: Não pensei em levá porque lá em São Mateus, não sei se você conhece lá, é uma cidadzinha muito pequeninha, né? Eu tinha, essa minina minha que mora aqui, trabalhava lá no Muffato, tinha outra que trabalhava lá na Têxtil. Então eu falei pra mim trazê eles pra cá, aí vai só eu trabalhá, né? Ela vai tê que sai essa que trabalha na Têxtil tem que sai, essa que trabalha no Muffatão tem que sai, né? E lá a cidadinha é pequena parece que tinha um ou dois mercado só. Então não ia tê campo pra elas, só eu, né? Fica eu aqui vou aqui trabalhando e elas fica lá trabaiano. Então assim fizemo, elas ficaram trabaiano aí e eu trabalhei quatro ano e pouco lá.

Odirlei: E vinha a cada quinze dias, trinta dias?

Tizio: Não, a cada sessenta dias, noventa dia.

Este trabalhador se aposentou em 1996, na época com 59 anos. Desde então, vive com a esposa, duas filhas e uma neta de três anos em sua casa no Conjunto “C”. Após uma trajetória extensa de trabalhos, hoje se atem aos afazeres domésticos ajudando a esposa com os serviços mais básicos da casa, como cuidar do quintal, lavar as calçadas, entre outros. E a partir desse presente, levando em consideração que a UNICON foi a

empresa que mais tempo trabalhou, residindo na casa cedida por ela, vai avaliar como o lugar que possibilitou criar seus filhos e “viver bem”:

Odirlei: Como que o senhor avalia a trajetória que teve trabalhando na UNICON, na construção da usina de Itaipu? Foi bom, foi ruim?

Tizio: A foi muito bom, eu avalio que foi, intão os ano que a gente passou aí, né, bem mesmo. Não precisava a gente tá quebrando a cabeça, né? Nas outra firminha a gente trabaia aí dois, três ano, né? Aqui já termino a pião tem que corrê trecho pra um canto, pra outro, mas ali não, ali foi tantos ano eu mesmo trabaei quinze, quasi dezesseis, puxa vida, né? Sem isquent a cabeça, isquentava cabeça assim, na época do facão talvez a gente isquentava a cabeça, né? Porque a gente tava num serviço desse aí, família tudo junto, i manhã, dispois precisá sai aí, a gente corrê atrás di serviço aí, isquent a cabeça. Mais graças a Deus eu fui até o fim, i si ela tivesse até hoje aí, a gente tava até hoje nela aí.

Odirlei: Então da trajetória que o senhor teve trabalhá na usina foi a melhor?

Tizio: A melhor foi aqui, né? A melhor intão foi aqui, porque nos outro lugar cê trabalhava, pagava aluguel, né? Pagava água, pagava luz, né? Tinha, tinha o transporte, o transporte tinha também não era possível du cê trabaia e pagá o transporte, né? Trabaia na firma e pagá o transporte lá. Mais aqui não, aqui a gente teve tudo a favor da gente, né? O salário não era tão ruim, não me lembro mais na época do salário, mais não era tão ruim, né? A dispois dessa confusão da greve, melhorô mais um pouquinho, né? Intão puxa vida, de todas as obra que a gente trabaio aí, e não é só eu não, todo mundo que se procurá aí, falava e a Itaipu aí? É rapaiz, mais se tivesse outra Itaipu, se nascesse outra Itaipu desse jeito aí, né? Nascesse outra Itaipu, nascesse outra UNICON, né? Mais, tudo que é bom acaba, né? [riso] Tudo que é bom um dia acaba, intão é.

Mesmo estando aposentado, Tizio constrói sua narrativa considerando um passado que foi possível trabalhar nas condições específicas na construção de barragens, a mais de uma década, a qual possibilitou permanecer junto com sua família, e dar o sustento a ela, educando seus filhos e os encaminhado para formação profissional. Ao constituir a trajetória ocupacional desse operário desde o trabalho na roça, migrando para as construções de barragens, neste momento casado, as condições de vida e de trabalho determinam alguns significados na avaliação de Tizio. O período que esteve na edificação da barragem de Itaipu vai narrar como o melhor trabalho, pois foi possível dar o sustento à família e permanecer próximo dela, durante treze anos estabilizado, diferente da usina de São Simão na Bahia, onde permaneceu apenas seis meses. Isso se complementa com outras condições que determinavam no aumento da renda e no padrão de vida desse trabalhador, quando se refere às despesas de aluguel, transporte, escola, médico, água, luz subsidiados pela qualidade de operário da usina. Da mesma forma, demonstra que nem todos os trabalhadores que ao empregar-se na barragem e enquadrados como “barrageiros”, cujo perfil era de permanecer dois, três ou quatro anos

numa empreitada de obras, migrando para outra cidade ao final das atividades, desejavam essa rotina itinerante que determinava as condições de vida do operário. Ao contrário disso, significava ter condições desejáveis para um conjunto de operários de constituir sua família, sem que ficasse distante dela para exercer sua profissão. Portanto, o trabalho e a vida dos trabalhadores determinam a forma de avaliar estas condições durante as obras na hidrelétrica de Itaipu.

Os trabalhadores que não reivindicaram seus direitos através da Justiça do Trabalho, após saírem da UNICON, não foram apenas por medo de sofrerem retaliação na busca de outro trabalho. Houve outros motivos, como a perda do prazo para entrar com o pedido via ação judicial, como narra Julio:

Odirlei: Quando o senhor saiu daqui da Usina chegou a reclamar na Justiça algum direito?

Júlio: Isso aí que eu em parte perdi muito ponto, porque tem colega meu recebendo até hoje e eu foi até bom você tê tocado nesse assunto. Quando eu sai, vou te explicá direitinho. Quando eu sai a lei era quatro ano, você trabalhava(...) cê trabalhou dois, quatro, cinco, seis, dez ano por aí, eu trabalhei, você tinha quatro ano pra recorrê como fala na gíria do barrageiro, por a firma no pau, né? Então vamo pô a Unicon no pau, vamo pô no Sindicato, vamo pô lá na Justiça. Pra recebe justamente por essas horas que era pra tê recebido antes que não pago, inclusive tem gente até hoje recebendo por isso. E falei, eu tenho quatro anos pra recorrer, então durante quatro ano tenho muito tempo ainda pra mim recorrer, né? E isso aí foi passando o tempo e eu trabalhando lá na barrage. E os colegas meu vinha aqui pra Foz do Iguaçu e todo mundo pondo na Justiça. Quando trocô de governo, trocô do Sarney (...) pro Collor, aí o que aconteceu esses quatro anos que você poderia recorrer, caiu de quatro pra dois, e sabe o que aconteceu comigo? Cai do cavalo, que eu já tinha passado dos dois anos, por isso que não pus na Justiça.

Odirlei: Foi em noventa e um, então já estava com três anos.

Júlio: Já tava com três anos, aí caiu de quatro caiu pra dois.

Odirlei: O senhor se informou, foi no advogado?

Júlio: Sim, fui, fui. E a lei passava na televisão, caiu de quatro pra dois, então...

Odirlei: O senhor não entrou com ação?

Júlio: Não entrei com ação.

O que pode ser percebido a partir da entrevista com Júlio que o fato de estar empregado e não tendo a necessidade do dinheiro, preferiu adiar momentaneamente a abertura da ação trabalhista. O fato de não ter entrado com pedido na Justiça do Trabalho contra a empreiteira, faz este trabalhador justificar pela mudança da regulamentação posterior à década de noventa, a qual inviabilizou o processo. Cabe ressaltar que em nenhum momento, na sua trajetória ocupacional buscou a Justiça do Trabalho para pleitear possíveis direitos não pagos nas mais de cinco empresas que foi

funcionário. No entanto, sem ater nas discussões mais específicas da lei que passou a regulamentar o período de reivindicação, e que foi utilizada como motivo ou mesmo arrependimento de uma decisão no passado, este trabalhador utiliza como parâmetro para a sua avaliação a comparação dos trabalhos da construção de Itaipu com a usina de Segredo indicando outros significados da sua trajetória:

Odirlei: Na Itaipu entrou como apontador?

Júlio: Apontador memo, e sai dez ano depois de apontadô também. Já o contrário que aconteceu lá no Segredo. Segredo eu fiquei de apontador, passei a feitor de apontador. Lá eu tive mais chance do que aqui.

Odirlei: Por quê?

Júlio: Justamente, porque sê uma barrage menor, e a barrage menor você tem como você progredi mais, aqui era muito grande, aqui cê não via nem o chefe, aqui era uma correria danada. Cê não via o chefe. E lá não, cê tava junto com engenheiro, com encarregado, ou então o serviço que você fazia aparecia, lá. Aqui não, aqui só que tinha o nome, só fazia o nome era só o encarregado, o engenheiro nunca ia perguntá pra um apontador como que tá o serviço, ia perguntá pro chefe. E lá no Segredo não, já era o contrário, cê tava no campo fazendo o apontamento de um equipamento, o engenheiro passava por você e trocava uma idéia (...) cê tinha mais campo pra você aprendê o serviço

O período que esteve na usina de Segredo foi de quatro anos, menos da metade do tempo que esteve empregado na construção da barragem de Itaipu. No entanto, o reconhecimento do seu trabalho percebido através da proximidade com o engenheiro, assim como a promoção de função, passando a responsável pela equipe de apontadores, conseqüentemente aumentando seu salário, é avaliada por Júlio como a sua melhor trajetória de trabalho. Mas o tempo em que trabalhou na hidrelétrica de Itaipu influenciou na decisão de retornar a Foz do Iguaçu, após o término daquela obra em 1992, comprando sua casa no bairro Conjunto “C”. Mesmo avaliando que o trabalho em Segredo possibilitou melhores oportunidades profissionais, comprou a casa no mesmo lugar que residiu durante o período que era funcionário da UNICON. Isso indica que aquela condição de vida e trabalho durante a construção de Itaipu foi vislumbrada no período de escolha em qual cidade migrar após o término da construção, mesmo sem ter um trabalho assegurado.

Quando terminou a usina de Salto Segredo e veio com a família para Foz do Iguaçu Júlio conseguiu trabalho na mesma função das barragens em uma empresa de construção de armações de edifícios em Curitiba, na qual permaneceu por mais dois anos até ser dispensado:

Odirlei: Quando o senhor voltou de Segredo, o senhor procurou emprego na cidade?

Júlio: Eu procurei mais. Eu procurei e fiquei bastante tempo parado. Não ... quando eu sai de Segredo, eu fui pra Curitiba (...) dois ano e pouco lá. Aquele serviço meu lá era pra mim tá trabalhando até hoje mais justamente com aquela troca de presidente lá que aí parô tudo.

Odirlei: Mas em Curitiba a família foi com o senhor?

Júlio: Não fico aqui, não já tava morando aqui. Eu fiquei morando lá, nós alugamos lá (...) nós tava em cinco colega lá, falamos vamos alugar um apartamentuzinho.

Odirlei: Aí depois dessa empresa não trabalho mais com carteira assinada?

Júlio: Não. Ela é o seguinte (...) existe essa empresa lá, só que não o serviço que nós fazia, ela tá, ela faz um (...) era só pré-modados, né? Construção de Shopin Center essas coisa, só coisa forte memo, mais hoje ela faz construção de casa.

Odirlei: E lá o senhor fazia o quê?

Júlio: Era apontador.

Odirlei: Aí depois dessa empresa o senhor retornou pra Foz?

Júlio: Aí como falei, vim pra cá aí fiquei parado aqui uns tempo. Não conseguia arrumar nada

Odirlei: Mas tava recebendo seguro desemprego?

Júlio: Acabou seguro desemprego (...) aí acabou tudo, pensei tinha o camarada tava tocando um barzinho ali aí eu fui e comprei dele aí. Eu fiquei bastante tempo lá, aí venderam a casa pra outro aí fecho, aí agora o outro já abriu de novo.

Desde 1994, quando retornou para Foz do Iguaçu este trabalhador não conseguiu exercer seu ofício de apontador, o qual desempenhou durante quinze anos, muito menos um trabalho com carteira assinada. Atualmente, Júlio trabalha como autônomo, vendendo bilhetes premiados e “jogo do bicho”. Esta é sua única renda para manter a casa e a esposa, já que não conseguiu sua aposentadoria por faltar o tempo de contribuição à Previdência Social, depois que voltou de Curitiba. A rotina de trabalho que desempenha na ocupação atual é descrita por Júlio:

Odirlei: Faz quanto tempo que o senhor tá trabalhando?

Júlio: Ah, uns três anos, três ano mais ou menos que eu to lá.

Odirlei: Como que é o seu trabalho ali, o que o senhor faz?

Júlio: Ali é só jogo, só as aposta que eu faço do pessoal que vem fazê a fé, né? Como dizem. A rotina ali é a mesma coisa, todo dia é a mesma coisa.

Odirlei: Trabalha de segunda a sábado?

Júlio: Não, de domingo a domingo. Só que tem outro rapaz ali, que no caso, domingo passado eu trabalhei domingo passado, esse domingo eu fico em casa e ele vai trabalha.

Odirlei: Ele é sócio do senhor?

Júlio: É, nós rachamos o que nós fizemos lá, nós racha.

Ao construir sua memória sobre a trajetória ocupacional, Júlio tem como parâmetro às condições de vida e trabalho que pôde desfrutar ao longo de sua trajetória

em diferentes lugares. Esse momento ocorre com o reconhecimento do seu trabalho pelo engenheiro na barragem de Segredo, que possibilitou a promoção na função de apontador e o aumento do salário influenciando na melhora do padrão de vida. Além disso, a partir da situação vivida por este trabalhador no presente, sua avaliação indica as dificuldades enfrentadas após sair do ramo das obras, nas quais desempenhava a função de apontador. O fato de não ter conseguido sua aposentadoria por faltar o tempo mínimo de contribuição implica a este trabalhador desempenhar uma rotina diária e extensiva de 54 horas semanais de trabalho, aumentando mais quatro horas nas alternâncias dos dias trabalhados no domingo, sua renda está em torno de um a dois salários mínimos, tendo que arcar com todas as despesas da casa.

O trabalhador Ademar seguiu por caminhos distintos dos dois trabalhadores já analisados. A saída do Consórcio UNICON, em 1990, ocorreu pelo interesse de utilizar o dinheiro do fundo de garantia na construção da sua casa. Este trabalhador foi um dos que entraram com ação trabalhista e posteriormente foi chamado para trabalhar em uma das prestadoras de serviços para Itaipu, como narra neste trecho da entrevista:

Odirlei: Quando o senhor saiu ali da Unicon entrou com uma ação?

Ademar: Entrei. Entrei.

Odirlei: Que tipo de ação era?

Ademar: Ação Trabalhista. Sempre em todas as empresas elas deixam uma pontinha pra trás, né? E eu entrei.

Odirlei: E o que o senhor solicitou no processo? O senhor lembra?

Ademar: No processo foi solicitado muitas coisas cara. No momento eu não me recordo. Mais foi várias coisas.

Odirlei: O senhor que decidiu entrá com a ação?

Ademar: É.

Odirlei: Sofreu alguma pressão ali de dentro?

Ademar: Não. Não. Só foi entrado com ação porque eu vi que os outros entrava e ganhava, eu falei vou nesse embalo também. Entrei, ganhei. Pouco, mais ganhei. Valeu a pena.

Odirlei: Quando que saiu a sentença?

Ademar: A minha saiu em noventa ... eu entrei em noventa e recebi em noventa e oito.

Odirlei: Entrou com advogado particular?

Ademar: Advogado particular. Advogado de Toledo.

Odirlei: Não teve nenhum problema então, assim de consequência para senhor?

Ademar: Não. Nada não.

Odirlei: Na época falava que se entrasse com ação...

Ademar: Não. Não eu entrei com ação e continuei trabalhando requisitado pela Itaipu. Nada disso. O próprio engenheiro memo que eu viajava com a família dele que eu atendia ele. Ele falava pra mim que era um direito meu. E se a Unicon pagasse é porque ela devia. Se ela não devesse ela não ia me pagá nada. Se ela li pagá é porque ela te deve e não tem nada contra isso aí.

Na fala deste trabalhador o contato que teve com o engenheiro para o qual era motorista influenciou na entrada com ação tendo a certeza de não correr o risco de ser perseguido numa possível contratação. Isso indica que esta circunstância era comum no conjunto daqueles trabalhadores na busca de receber os direitos não pagos pela empresa. O fato de não estar no encerramento do contrato do Consórcio UNICON, Ademar não teve que passar pela situação de negociar a continuidade de funcionário requisitado, no caso abrindo mão da ação contra a empreiteira, já que estava trabalhando no transporte urbano de Foz do Iguaçu, o qual não tinha nenhum vínculo com a usina.

Ao ser indagado para avaliar sua trajetória ocupacional Ademar estrutura sua narrativa a partir das condições do presente, a qual é comparada às demais função em períodos anteriores:

Odirlei: O salário que o senhor ganhava da Unicon com as horas-extras foi melhor do que de caminhoneiro e do que o senhor ganha hoje?

Ademar: Bem melhor. Bem melhor. Sem dúvida nenhuma, se tivesse a Unicon hoje eu voltaria trabalhá nela.

Odirlei: Com as horas-extras?

Ademar: Não. Mesmo sem as horas-extras eu vortava, porque o serviço era bem mais manerado do que esse que eu faço hoje.

Odirlei: Hoje é mais puxado?

Ademar: Hoje é mais puxado. Hoje eu só faço sete horas (...) mais sete horas minha hoje vale por doze daquele tempo.

Odirlei: O senhor faz o que hoje?

Ademar: Hoje? Eu trabalho na urbana, sou motorista de ônibus da urbana.

Odirlei: E qual é a diferença do serviço que o senhor avalia como pior do que da Unicon?

Ademar: Porque naquele tempo na Unicon você trabalhava bastante também é claro. Mais você não tinha aquele horário pra cumprí "X", né? Você tinha um horário teu era cumprido e hoje não. Hoje aquele horário é um horário "X", é um horário curto. Então você pega um trânsito meio pesado na cidade, cê já atrasa dez minuto, quinze minuto. E pra você tirá é difícil. E naquele tempo não. Porque na Vila não tinha aquele negócio de trânsito, então não tinha como atrasá. E hoje tem, você atrasa. E outra, hoje você puxa muito pião aí que enche as paciência. Tem fiscal da Foztrans, que é da Prefeitura. Tem fiscal da empresa. Tem o passageiro que tá te dedando. E hoje é muita encheção de saco. Naquele tempo não tinha.

As condições de trabalho atual fazem este trabalhador construir sua avaliação do trabalho na UNICON como melhor. Ainda que a rotina de trabalho na empreiteira impunha o controle e a fiscalização exercida pelos guardas da Itaipu, os conflitos com os trabalhadores na hora do almoço ou, quando perdiam o horário do transporte atribuindo

a responsabilidade ao motorista. A redução de cinco horas a menos do transporte urbano, não é o suficiente para melhorar a qualidade de vida, isso quando comparado às jornadas de trabalho no canteiro de obras nos turnos diurno e noturno.

O controle no trabalho atual é avaliado como maior e está mais presente na análise de Ademar que enumera vários agentes que interferem no bom desempenho da função. Além disso, este trabalhador apresenta outros determinantes que constitui a avaliação do trabalho que desempenhava na construção da barragem:

Odirlei: Isso é mais pela questão dos conflitos com os passageiros e a própria fiscalização?

Ademar: E assaltos, primeiro não tinha assalto. Hoje já fui assaltado, os cara chega. Vagabundo, te mete o revolver na cabeça e manda você ficá quieto, te chama de vagabundo, te chama de (...) xinga de tudo que é nome. Você tá dirigindo ali, cê não tem defesa, cê não pode fazê nada. Só tem que escutá. Ele que tá te assaltando não é vagabundo. Vagabundo é você que tá trabalhando. Enquanto ele tá com o revolver na sua cabeça outro leva o dinheiro do caixa tudo embora. Aí depois chega lá, você vai te que fazê BO [Boletim de Ocorrência] na polícia. Aí chega na empresa tem encheção de saco da empresa ainda porque foi assaltado. E quem tem culpa? E outra, já teve cara aí de tomá revolvada na cabeça. Já teve cara de toma tiro aí. Então, outro jogaram uma garrafa, uma bomba caseira com querosene e não sei o que mais que era misturado ali, gasolina, não sei o que que foi. Queimou morreu aquele motorista da Viação Itaipu. Isso aí nós não tamo livre, eu já fui assaltado o pessoal que tem deiz ano de firma igual eu tenho aí, não tem um que não foi assaltado.

Outra questão evidenciada na fala deste trabalhador é o contato mais próximo com os passageiros que se diferencia da função exercida quando motorista do “papa fila” que estava separado dos trabalhadores, amenizando os possíveis desgastes, conflitos e contatos mais diretos, administrando melhor aquela situação, como ir logo para o refeitório no horário de almoço mesmo os guardas não autorizando a saída do veículo. O controle dos horários de trabalho e o risco de ser assaltado são considerados como abusivo e humilhante esta posição nas mãos de assaltantes que desqualifica o trabalhador chamando-o de vagabundo. Em seguida, o constrangimento do registro de ocorrência na polícia e por fim, sob olhares de desconfiança ou mesmo de conivência pelo delito, já que não evitou prejuízos à empresa, quando se submete aos superiores explicar o ocorrido.

Todas essas questões pontuadas vão possibilitar compreender o lugar de onde este trabalhador estará produzindo sua avaliação, quando indagado sobre o período trabalhado na barragem de Itaipu:

Ademar: Pra mim foi. Única, primeira e acho última obra que trabalhei. Primeira obra foi a Unicon né? Itaipu. Eu acho que a última, porque eu acho que não vou mais pra nenhuma usina mais. Mais pra mim foi muito bom. Se tivesse outra obra hoje igual Itaipu e mi pegasse eu (...)

Odirlei: Foi bom em que sentido para o senhor?

Ademar: Em tudo. Em tudo. Foi bom em assistência médica, escola pros minino, salário, moradia. Foi. Não tem queixa disso aí. Colégio Anglo Americano, não sei se chegou a estudá nele ou não? Mais é um colégio bom. Hospital, Costa Cavalcante lá. Naquele tempo era o Madeirinha. Tinha o Madeirão aqui e o Madeirinha lá. Então médico, transporte cê vê a mulecada ia pra escola ia tudo de ônibus de graça. Não tem cara. Firma igual Itaipu não existe. Eu acho que não.

Esta condição de vida e trabalho que Itaipu possibilitou para estes trabalhadores também está presente nas análises dos demais operários entrevistados. Os perigos das atividades realizadas no canteiro de obras têm sua importância quando comparado com as conquistas proporcionadas pelo trabalho na barragem, avalia Valdizar:

Odirlei: Foi bom ter trabalhado na construção de usina de Itaipu?

Valdizar: Eu adorei, o que eu adquiri o que tenho hoje foi lá, criei minha família, hoje os filhos tá praticamente formado, quem não se formou é porque não quis mesmo, mais quem quis estuda a minha filha mais velha ta formada na faculdade, o meu filho mais novo termina agora no meio do ano e a terceira que não quis estuda, que quis conhece o mundo que tá na Europa hoje.

Odirlei: Valeu a pena tê trabalhado?

Valdizar: Valeu, foi bom, apesá dos apuro que a gente passou, os perigo de vida e os acidentes que houve, perdi muitos companheiros ali dentro. Perdi um cara macetado ali dentro, mas tirando tudo isso aí, o resto a experiência foi boa.

O trabalho na hidrelétrica tem grande significado na vida de Valdizar uma vez que entrou no período da construção pela UNICON em 1976 saindo apenas ao final do contrato em 1991. No entanto, permaneceu como funcionário requisitado pela Itaipu desde então. Hoje está aposentado, e trabalhando na empresa de transportes Ouro Verde desde 1996. A casa que reside é a mesma da época da construção, onde realizou algumas melhorias para atender as necessidades da família. O que se evidenciou na análise de Valdizar, como na de outros operários, as condições de formação dos filhos conquistadas ao longo desse período determinam também a forma de avaliar o trabalho e a vida na construção de Itaipu.

Todos os trabalhadores entrevistados, quando avaliam as circunstâncias do trabalho na barragem e comparam com o padrão de vida antes e depois dela apresentam suas escolhas quando narram que se dependessem da opção deles permaneceriam

trabalhando na construção de Itaipu, independente daquelas situações já analisadas na rotina de trabalho do canteiro de obras. O trabalhador João refere-se ao trabalho da UNICON:

Odirlei: O senhor gostaria de ter continuado trabalhando na Unicon?

João: Claro, né? Se a gente pudesse ficá lá eternamente eu ficaria, né?

Odirlei: Pensava em ficar morando tanto tempo em Foz?

João: Eu não pensava não. Eu nunca pensei em ficá tanto tempo aqui não. Mais como a gente já adaptou aqui tá no lugar certo com a família. Os filho já tá tudo bem empregado, né? Tudo trabalhando. Então pra que cê mudá daqui.

Odirlei: Não pensou em voltar pra Andradina?

João: Não.

Odirlei: Era bom trabalhar na Unicon?

João: Era, o lugar melhor que teve pra trabalhá

Odirlei: Arrepende-se de alguma coisa, tem alguma frustração?

João: Só me arrependo de não ter posto no pau [ação trabalhista] risos. Só isso. Mais tá bom. Ela me ajudou a fazê a operação das vista aí, foi tudo pago por ela. Eu não tenho nada que reclamá não.

Optar em ficar na UNICON é avaliado por João a partir das condições de vida que foi possível ter trabalhando na construção. Ele vai se referir àquele momento, que mesmo sendo um trabalho intenso, principalmente por ser um serviço braçal, no setor de carpintaria, qualifica como o tempo que “melhor comeu”. Ou seja, seguindo a lógica deste trabalho, as análises dos operários passam pelas condições de vida determinadas pelo trabalho, mesmo ele sendo explorador e extensivo como no canteiro de obras da barragem de Itaipu. Do mesmo modo, a permanência na cidade está intrinsecamente ligada à família, mais do que na terra natal, expressadas nas análises dos operários durante e depois das obras. Portanto, segue um caminho diferente das análises que entendiam que ao término das obras os operários seguiriam o caminho de volta.

Desde o aprendizado aos quatorze anos do ofício de carpinteiro, João seguiu atuando na profissão. Depois da saída do Consórcio UNICON passou por quatro empresas, e na última está a quase nove anos. Com 62 anos e morando na mesma residência há vinte anos, agora escriturada em seu nome no bairro Conjunto “C”, conseguiu sua aposentadoria em 2001 e continua trabalhando. Quando solicitado a avaliar o trabalho realizado na Itaipu com o atual na confecção de móveis, João narra:

João: É a memo coisa, memo sistema. Eu tenho que levantá cedo, seis hora tenho que tá levantado aqui. Sete horas eu pego o ônibus ali. Oito hora entro no serviço, saio seis hora, né? Chego aqui casa, a única incomodação é pra gente vim embora

à tarde, porque o ônibus que eu saio seis hora o ônibus sai da rodoviária sete hora. Eu fico uma hora lá esperando o ônibus pra vim pra casa (...) o que me incomoda muito é isso aí. Eu saio seis hora o ônibus passa na rodoviária as sete hora, aí eu fico uma hora ali no ponto de ônibus. Chego em casa, oito hora, oito e pouco. Sai do serviço seis horas, duas hora dali a aqui gasta duas horas pra chegá em casa. esse aí me incomoda. Por isso que eu comprei esse carro aí.

Odirlei: E o serviço é o mesmo?

João: O serviço é o mesmo. Mesmo tipo de serviço. As mesmas máquinas, as mesmas rotinas.

Contudo, durante a avaliação deste trabalhador sobre os trabalhos na Itaipu, narra seu arrependimento de não ter colocado a empresa na Justiça, devido à perda do prazo. Segundo João, ele foi prorrogando a entrada e quando se interessou o prazo já havia prescrito. Mas, ao final, avaliando como compensatório àquela possível sentença favorável, o pagamento do tratamento de saúde que obteve pela empresa. Isto é, as medidas compensatórias divulgadas pela memória projetada pela direção da Itaipu, que a infra-estrutura ofertada aos trabalhadores, se contrapõe à condição de trabalho intenso, as jornadas de doze horas, a competição dos turnos, na busca dos prazos e metas diárias ou mesmo o não pagamento de insalubridade apresentada por Tizio no seu processo, ou a hora-direta de acordo com o depoimento de Osvaldo, as quais caracterizam parte das reivindicações que compunham tais ações trabalhistas contra a empreiteira:

Odirlei: Depois que terminou a construção o senhor chegou a entrar com alguma ação contra a empresa?

Osvaldo: Sim, isso aí sim. Não por meu, por intermédio de outro, incentivo de outro que eu tive muito. No caso do refeitório a área que eu mais fui prejudicado sobre horas, eles nunca pagava a mencionada hora direta que você ganharia como eu tava lá no transporte pesado eu fazia a hora direta já era remunerada. Quando eu passei pra área do refeitório eu fazia o mesmo trajeto. Porque que eles vai dá pra você não vai te pagá hora-direta, porque eles vão cortar a hora do almoço se você vai atende uma área de refeitório que é exatamente na hora do almoço que tem que trabalha? E eu não recebi, eles cortava do meio dia a uma e meia. Durante todo tempo que eu trabalhei eles corto. E eu trabalhava direto, e quando eu chegava no transporte pra reclamá, falava: “não mais isso é assim mesmo tá meio difícil o serviço aí, fica aí é assim mesmo não vai pagá não, mas vão vê aí mais acho que vocês não vão recebe não”. Mas eu trabalhei e foi mais por caso disso que eu entrei. Tanto que é eu recebi, ganhem, direito tudo.

Embora de ênfase que sua entrada realizou-se por intermédio de outras pessoas, narra que reconhecia na prática a maneira como a empreiteira não pagava as horas trabalhadas durante o período de descanso e que havia reclamado aos superiores ainda quando era seu funcionário. Portanto, demonstra que as maneiras de atuar dos

trabalhadores na Justiça do Trabalho vão seguir diferentes caminhos e percepções das suas reivindicação.

Oswaldo, depois que saiu da UNICON, narra sua trajetória permeada por dificuldades financeiras e falta de emprego. Em 1991, ano que saiu da barragem foi trabalhar numa empresa de engenharia em Foz do Iguaçu, desvinculado da hidrelétrica. No ano seguinte, depois de ser dispensado trabalhou em uma empresa de construção em Curitiba, sua admissão foi facilitada pelo pessoal do setor de contratação, pois o conheciam do período que eram funcionários da UNICON. Neste serviço ficou trabalhando durante um ano em Curitiba e a família em Foz do Iguaçu, até que no ano seguinte foi transferido para cidade pela mesma empresa para ingressar na edificação de colégios, permanecendo por mais um ano. Ao término das obras foi dispensado e iniciou numa loja de materiais de construção no bairro, na função de entregador e motorista, ficando até 1997. Após este emprego, não conseguiu mais ser registrado de acordo com seu depoimento:

Odirlei: De 97 pra cá o senhor não conseguiu ter a carteira assinada?

Oswaldo: É a idade né?

Odirlei: E faz o que hoje?

Oswaldo: Limpo quintal, corto grama, trabalho com o caminhão do colega meu aí, faço umas viagens aí pra ele. Ontem mesmo eu cheguei de Cascavel, levo material para exposição (...) é um biquinho, né? Um biquinho aqui, um biquinho ali dá pra leva.

Odirlei: O senhor também limpa quintal?

Oswaldo: Eu limpo o quintal, corto grama, faço o que tem que fazê não posso injeitá serviço.

Odirlei: E outro serviço na cidade registrado, não conseguiu?

Oswaldo: Não

Odirlei: Fez ficha, pra motorista?

Oswaldo: Eu tenho currículo pra tudo que é lugar. Só que o currículo é o seguinte, eles vai ali vê a idade lá, já um dos probleminhas.

A trajetória deste trabalhador após o término da usina se apresenta diferentemente do trabalhador Ademar, que narra este contexto sem problemas com relação a ter um emprego registrado. Para Oswaldo, além de não conseguir sua aposentaria, pois falta a comprovação do período trabalhado na lavoura, como mostraremos a seguir, desde então trabalha com o corte de gramas, na confecção de casas para cachorro e alguns fretes como meio de sobrevivência. Contudo, o trabalho realizado no corte de grama, desempenhado há mais tempo por ele e que constitui sua

maior renda, tem características específicas, pois está condicionado ao estado climático, como relata Osvaldo:

Odirlei: É sempre que tem esse serviço para o senhor?

Osvaldo: É no verão sim, agora chegou o inverno: Eu tenho ali em baixo, eu pago aluguel pra uma senhora, então eu mexo com madeira, eu faço casinha de cachorro...

Odirlei: Quando não está cortando grama.

Osvaldo: Eu tô lá. E agora vai chegar o inverno, né? O inverno é difícil, mais eu tô lá.

Odirlei: Pra cortar grama?

Osvaldo: É, no inverno a grama pára, não cresce. Ixi! A grama leva três mês. Esfriou cabou, porque a grama é condicionada pelo calor e chuva, o calor envolve.

Odirlei: E no inverno o senhor faz o quê?

Osvaldo: As casinhas, ai eu pratico mais, né?

Odirlei: E é só o senhor que trabalha na casa?

Osvaldo: As filhas dá uma mão também.

Odirlei: As duas?

Osvaldo: É. Ah só eu ai não vai, né? [risos]

A rotina deste trabalho é desempenhada no próprio bairro. Segundo Osvaldo é possível fazer dois cortes por dia, tendo uma clientela fixa de doze mensalmente, tendo que arrumar os outros. Na melhor das hipóteses, o salário no final do mês chega a perto de dois salários mínimos. Isso sem contarmos, manutenção do equipamento ou mesmo a compra dele e considerando esta clientela semanal. Como este serviço é determinado pelas condições climáticas tanto do inverno ou a falta de chuvas que influencia no crescimento da grama, e as condições do solicitante pelo serviço, a renda deste trabalhador passa a ser complementada por outras atividades, conforme indicou no seu depoimento. Esta se tornou a rotina de trabalho de Osvaldo, a qual necessita da ajuda das filhas para manter as despesas da casa.

Quando indagado sobre a permanência na cidade, mesmo passando por estas dificuldades, Osvaldo narra:

Odirlei: Por que o senhor permaneceu em Foz do Iguaçu?

Osvaldo: Uma pela casa. Porque a gente tem a casa aqui. Outra, ruim por ruim se eu não trabalha, entendeu? Se eu não trabalha, não vai ter lugar bom pra mim. Vamos que eu mude lá pro norte do Paraná, meus parentes moram tudo pra lá, se eu não trabalha, quem vai dá as coisas pra mim. Então já que eu to aqui eu trabalho e fico aqui né? Não tem como ficá correndo pra lá e pra cá.

Odirlei: O senhor não conseguiu a aposentadoria?

Osvaldo: Não a aposentadoria tá difícil porque tem que corrê atrás, né? Tinha que pegá documento da lavoura pra entrega e eu não posso ir até lá. Eu não tenho meios financeiros pra ir lá em Apucarana arrumá testemunha que eu preciso de três ou quatro. Depois as testemunhas vem aqui testemunhá que eu trabalhei lá,

vai ficá aqui dois, três dias comendo aqui e eu não tenho condições tenho que ficá levando o cara para lá, trazendo pra cá, pagando passagem. Se vem três pessoas de Apucarana aqui, são cem reais. A passagem está noventa reais daqui a Apucarana, agora põe três vezes noventa(...)

Odirlei: Ai falta quanto tempo para o senhor se aposenta?

Osvaldo: Só por idade, falta quatro anos.

Odirlei: O senhor está pagando INSS?

Osvaldo: Não, por idade não precisa pagar mais, venceu os sessenta e cinco já tou praticamente aposentado, só que aposento só com um salário, se eu pagasse por mais três salário quando eu fosse aposentá por idade esse salário ia contá. Ia aumentá em vez de ganhá um salário, eu ganharia três, mais como [risos]

A avaliação deste trabalhador pela permanência na cidade, norteia a idéia em que me embasei para supor que o trabalho determina as condições de como os trabalhadores constróem suas interpretações tanto da barragem como do presente. A partir de uma situação difícil, de instabilidade financeira e a falta de emprego, a casa é utilizada como parâmetro para expressar o motivo de continuar em Foz do Iguaçu. Portanto, não é o enraizamento pelo tempo prolongado da construção mais utilizado e aceito como explicação que determina a permanência destes trabalhadores. Tratamo-lo como uma consequência, pois o que vai determinar esta continuidade são outros elementos, conforme vêm indicando os trabalhadores entrevistados como o trabalho, a casa e a família.

A instabilidade do trabalho atual, dependendo de outros fatores que fogem do controle deste trabalhador vai dar os contornos da sua avaliação do período que esteve trabalhando como motorista na barragem de Itaipu:

Odirlei: Como o senhor compara o trabalho de hoje com o trabalho da barragem?

Osvaldo: Vixi Maria! Que tranqüilidade era, né? Em sabe que cê ia lá trabalhá bastante, mas chegava no fim do mês tinha tudo ali, né? É bem diferente, não tem comparação daquela época pra agora.

Odirlei: Se fosse pra escolher?

Osvaldo: Eu voltaria. Com certeza puxá concreto. [risos]

Odirlei: Mesmo com aquela correria?

Osvaldo: Porque na época pra você tê uma idéia, eu pegava salário meu, quando eu ia pegá o salário ainda eu tinha dinheiro do mês passado e agora? (...) Isso sem devê nada, porque se você tem dinheiro no bolso não vai tá devendo com o bolso cheio de dinheiro(...) Agora não mudou um pouco.

Odirlei: Gostaria de ter ficado na Unicon?

Osvaldo: Com certeza, se existisse mais a Unicon.

Odirlei: O que mudou depois da dispensa, em termos financeiros, qualidade de vida?

Osvaldo: Qualidade de vida mudou. O financeiro muda bem, né? O financeiro faz se sentir mais seria mais eu, né? Dinheiro no bolso, então muda bastante.

Os parâmetros utilizados para comparar os trabalhos ocorrem pelo salário, que significava pagar as despesas da casa, e ainda sobrava dinheiro do mês anterior na hora de receber o próximo pagamento. Isso tem como significado para este trabalhador com o período de “vacas gordas”, também indicadas por outros operários, como o “tempo que melhor comeram”. A mudança financeira vai influenciar a qualidade de vida, como também a valorização e auto-estima do trabalhador que se reconhece como tal, quando suas atribuições são correspondidas, como sustentar a família sem precisar da ajuda das filhas, retratando a situação vivida no presente em comparação ao tempo da barragem que fazia isso com tranqüilidade.

Esses elementos – salário, seguridade e permanência – para os trabalhadores da usina são importantes na constituição da avaliação das suas trajetórias. As disputas analisadas neste capítulo engendram outros significados que compõe as memórias da hidrelétrica. Com essa edificação e a chegada desses trabalhadores migrantes de vários lugares tinham grandes expectativas com a barragem. Esta perspectiva era com as condições possibilitadas pelo trabalho na hidrelétrica: emprego, casa, transporte, convênio médico, estabilidade, etc. Contudo, a seleção de alguns marcos e acontecimentos que caracterizam a história projetada pela direção da Itaipu em detrimento das trajetórias desses trabalhadores, para nós historiadores, configura as disputas pelas histórias e memórias da construção. Neste sentido, entendo que os operários permanecem confeccionando o enredo de suas vidas e fazendo suas histórias, determinando assim, que a direção da usina permaneça constantemente produzindo memórias de acordo com sua visão de proprietária pretendendo ser hegemônica.

Considerações Finais

Esta dissertação analisou as trajetórias dos operários que vieram em meados da década 1970 para trabalhar na construção da hidrelétrica de Itaipu, na cidade de Foz do Iguaçu-PR e as relações de trabalho vividas por eles durante as atividades no canteiro de obras.

Dialogando com as narrativas orais dos operários, os jornais “Canal de Aproximação” e “Informativo Unicon”, os Relatórios Anuais e o livro “Itaipu, a luz” – foi possível perceber a organização no canteiro de obras permitindo identificar algumas práticas dos trabalhadores entendidas como disputas pelo tempo de trabalho: solidariedade, companheirismo, acordos com feitores e encarregados que controlavam a produção, estratégias organizadas para resistir ao trabalho paralisando ou diminuindo parcialmente a produção.

Buscou-se compreender quais eram os elementos selecionados para compor a memória sobre a construção e divulgados a todos que visitam a hidrelétrica ou lêem os materiais produzidos pela sua direção. Assim, o desenvolvimento da dissertação seguiu da análise desses materiais, identificando os marcos da construção, ou parte deles, guiados pelas fases, os desafios, as conquistas, o desempenho da equipe administrativa compondo a trajetória vencedora sobre a usina.

Perceber como esses elementos foram selecionados pela empresa associando a construção como um projeto entre brasileiros e paraguaios, contemplando o projeto de dominar as águas do rio Paraná e aproveitá-las na produção de energia elétrica, ajudando no crescimento econômico dos países, teve outros significados quando comparados as experiências e as trajetórias dos trabalhadores. A chegada dessas pessoas na cidade de Foz do Iguaçu constituiu-se pelas dificuldades em conseguirem emprego, moradia e adaptação ao serviço e as expectativas iniciais fomentadas pelo salário pago na barragem.

Assim, esta dissertação partiu dos diálogos com os operários sobre uma questão inicial, o motivo da sua chegada. O recorte temporal tentou expressar o período da construção, da mobilização da mão-de-obra, as rotinas de trabalho e a dispensa dos trabalhadores com o final das obras. Este período percorre principalmente as décadas de

70 e 80. Porém, a memória divulgada pela direção da Itaipu permanece em constante construção, mesmo depois da finalização das obras.

Neste sentido, buscou-se identificar os operários como sujeitos neste processo da construção. As avaliações sobre a disposição para fazer hora-extra ou hora-direta, estabeleceu-se para além do interesse de aumentar o salário. O consentimento da extensa jornada de trabalho, determinados pela escala do feitor caracterizava a maneira de atender o perfil de trabalhador desejado pelo Consórcio. Assim, evitar a demissão antes do término da construção da barragem, consentia aos critérios aceitáveis pela UNICON, em que seus funcionários deveriam seguir o perfil do trabalhador produtivo, pontual, comprometido e responsável diante da constante rotatividade na empresa.

Os operários protagonizaram grandes lutas neste período de construção da hidrelétrica de Itaipu. Talvez, a que teve maior repercussão foram às greves organizadas pelos sindicatos em meados da década de oitenta, paralisando milhares de trabalhadores fora do canteiro de obras, justamente no período em que o país passava por uma crise energética.

Neste mesmo contexto, o que se estabeleceu como pauta nos materiais ligados à direção da usina, a divulgação das construções das geradoras que minimizava a possibilidade de racionamento de energia, principalmente na região Sudeste. E a necessidade de organizar a racionalização das despesas da barragem marcando a passagem da etapa de edificação à produtora de energia. Além disso, silenciando outros elementos que estavam em disputa naquele momento, como o processo da demissão dos operários ignorando as condições de vida e trabalho que estariam submetidos com a perda do emprego naquele momento.

O fato de não noticiar as greves, mas reafirmar a importância da barragem para solucionar o problema do país, entendida nesta pesquisa, como estratégia de combater e controlar as disputas com os trabalhadores, ao mesmo tempo construindo a idéia da edificação sem conflito, harmônica e comprometida com eles. Esta construção é problematiza quando se discutiu as reivindicações dos operários na Justiça do Trabalho, solicitando o ressarcimento dos direitos não pagos durante os trabalhos no canteiro de obras.

As trajetórias desses operários possibilitaram compreender que o trabalho e vida são elementos indissociáveis. O emprego para eles determinava a condição de vida e o que ele iria ofertar era o que dava o maior sentido ao lugar, a vida, a família expectativas ao lazer desses homens na busca pela sobrevivência. Isso contribuiu para o entendimento das avaliações dos trabalhadores sobre o período que trabalharam na barragem, principalmente avaliando sua situação no presente.

O processo de escolha dos elementos para compor a memória oficial da usina implicou no silenciamento dos debates e negociações que Itaipu enfrentava no início das obras, em desvincular a imagem da hidrelétrica projetada e iniciada durante os governos militares, que ao seu final estava associado a um período de recessão e crise, associando sua imagem em proporcionar o desenvolvimento econômico do país com o fornecimento energético estabelecido num governo democrático.

Hoje, o que está presente nos materiais confeccionados por seus representantes, além dos analisados neste trabalho, são as questões que envolvem programas de “Responsabilidade Social”, voltados à comunidade local e região buscando promover um suposto “bem-estar de quem vive em sua área de influência”. Esta mudança implica na reelaboração da sua memória, se estabelecendo num processo permanente de construção e reconstrução, para se efetivar como memória hegemônica. Assim, apresentam-se como outros temas de investigação entender os motivos pelos quais fizeram com que fosse projetada pela direção da hidrelétrica esta necessidade de ser mais solidária com os problemas enfrentados por esta população.

Por fim, discutir as trajetórias dos operários e as relações de trabalho no canteiro de obras, e a forma como as empreiteiras ou a assessoria da hidrelétrica de Itaipu selecionaram o que deveria ser lembrado e perpetuado sobre a construção não começa, muito menos termina neste trabalho.

Relação de Fontes

1 – Fontes Orais.

Depoimentos.

Odélio Batista tem sessenta e sete anos, atualmente está aposentado e vive com a esposa, duas filhas e uma neta de três anos em sua casa no Bairro Vila “C”. Nascido em Pirajuí-SP chegou a Foz do Iguaçu na década de setenta. Trabalhou na hidrelétrica de Itaipu aproximadamente quatorze anos. Entrevista realizada na sua residência no dia 10 de novembro de 2006.

Júlio César de Queiroz é baiano e chegou a Foz do Iguaçu em 1979, onde trabalhou como apontador na barragem de Itaipu. Foi demitido em 1988 e mudou com a família para o município de Mangueirinha para trabalhar na construção da barragem de Salto Segredo até 1992, voltando para Foz do Iguaçu. Depois de 1994 não trabalhou mais com a carteira assinada e por isso não está aposentado. Mora no bairro Vila “C” onde trabalha como vendedor de jogos. Entrevista realizada na sua residência no dia 12 de janeiro de 2007.

Valdizar Luiz da Silva, nascido em Rancharia-SP, chegou a Foz do Iguaçu em 1977. Trabalhou durante quinze anos na construção. Atualmente é motorista da empresa Ouro Verde Transportes que presta serviços para hidrelétrica. Mora no bairro Vila “C” na mesma casa quando era empregado da UNICON. Tem três filhos e está aposentado. Entrevista realizada na sua residência no dia 26 de janeiro de 2007.

João Honório Neto é baiano da cidade de Taitité, com quatro anos foi para Andradina-SP onde aprendeu o ofício de marceneiro a partir dos quatorze anos. Veio para Foz do Iguaçu em 1981 e trabalhou na barragem de Itaipu durante dez anos. É morador do bairro Vila “C” e atualmente trabalha na madeireira Santo Antônio na

função de carpinteiro. Tem três filhos e está aposentado desde 2001. Entrevista realizada na sua residência no dia 26 de março de 2007.

Oswaldo Cardoso Ribeiro, nascido em Tamarana-PR. Foi para Foz do Iguaçu em 1979. Antes de entrar na construção da barragem trabalhou na pequena empresa que seus cunhados tinham, transportando marmiteix para os operários no canteiro de obras até ser contratado pela UNICON. Permaneceu na empreiteira aproximadamente onze anos. Mora no bairro Vila “C” com a esposa e duas filhas. Não conseguiu sua aposentadoria por falta de contribuição e trabalha como cortador de grama. Entrevista realizada em sua residência no dia 25 de março de 2007.

Ademar Casado Calicchio, nascido em Piquerubi-SP. Iniciou os trabalhos no canteiro de obras da Itaipu em 1977, como motorista da empresa Expresso Nordeste no recrutamento de trabalhadores. Ficou nesta empresa até 1979, quando entrou na UNICON, permanecendo como funcionário durante onze anos. Mora no bairro Vila “C” com a esposa e uma neta. Tem três filhos e está aposentado desde 1998. Atualmente trabalha de motorista no transporte urbano da cidade. Entrevista realizada na sua residência no dia 31 de janeiro de 2007.

2 – Outras Fontes

- **Informativo UNICON** – este jornal se apresentava como meio de divulgar a notícias das obras a partir da ótica do Consórcio. Era impresso em períodos quinzenais com uma tiragem de 15.000 exemplares disponibilizados para os trabalhadores no canteiro de obras nas línguas portuguesa e espanhola. Editado pelo Consórcio UNICON, foram analisados os exemplares entre os anos de 02/1978 a 12/1988. Localizado na biblioteca da Itaipu Binacional, em encadernação organizados por mês e ano. .

- **Jornal Canal de Aproximação** – iniciou sua publicação em 01/1987, uma publicação bimestral da Itaipu Binacional, tendo sua tiragem de 3.000 exemplares. Foram analisados até o ano de 1994, e este jornal se caracteriza como um veículo de comunicação entre Itaipu e seus funcionários, apresentando assuntos que tratam da construção da usina, mas sem demonstrar qualquer tipo de conflito; também são destaque as notícias referentes a esportes praticados pelos funcionários, principalmente as Olimpíadas organizadas pela Entidade anualmente. Responsável pela edição Itaipu Binacional, localizado na Biblioteca da usina, em encadernação organizado por mês e ano.
- **Relatório Anual do período de 1974 a 1991** – documento oficial da construção, tendo como função descrever em síntese e sem aprofundamento as principais atividades executadas ao longo do ano, contemplando os assuntos da infra-estrutura da barragem aos empréstimos e gastos na compra de materiais. Editado pela Itaipu Binacional, disponibilizado para leitura na Biblioteca da usina.
- **Livro: “Itaipu, a luz”** – produzido por Nilson MONTEIRO, vinculado ao departamento de Assessoria de Comunicação Social da hidrelétrica de Itaipu. Este livro foi produzido para comemorar os vinte e cinco anos do início da construção da barragem. Publicado em 1999, nas línguas – português, espanhol e inglês. Localizado na Biblioteca da Itaipu Binacional.
- **Contrato de Prestação de Serviços do Consórcio UNICON – União de construtoras nº 290/77** – tinha por objetivo normatizar os serviços e os prazos de cada etapa da construção, a regulamentação da mão-de-obra na sua contratação, condições ideais de trabalho, exames de admissão, periódicos e demissão, cursos e treinamentos para exercer atividades específicas de cada categoria de trabalho, entre outros. Localizado no Arquivo da Itaipu Binacional para leitura.

- **Contrato IECO-ELC nº 039/74** – estabelece a empresa como responsável na prestação de serviços profissionais do projeto executivo de engenharia para aproveitamento hidrelétrico da Itaipu. Este consórcio foi anteriormente escolhido entre vários consultores internacionais que apresentaram propostas para preparar o estudo e levantamento da viabilidade econômica do projeto Itaipu, ficou sendo a responsável na coordenação dos serviços do Projeto Executivo de engenharia a serem contratos com firmas de engenharia nacionais do Brasil e Paraguai. Localizado no Arquivo da Itaipu Binacional para leitura.
- **Revista Construção Pesada** – vinculada à área técnica de construções e engenharia. Foram consultadas duas edições que abordavam a edificação da barragem de Itaipu. A primeira publicada em novembro de 1977 e a outra em março de 1979. Localizada na Biblioteca da Itaipu Binacional.
- **Jornal “Nosso Tempo”** – artigo utilizado **“A Batalha de Foz do Iguaçu. Exército reprime e fere trabalhadores.”** Publicado no dia 2 de outubro de 1987. p.3 . Localizado na Biblioteca Pública Municipal de Foz do Iguaçu.
- **Livro: Atos oficiais e legislação complementar.** Rio de Janeiro, Itaipu Binacional - Biblioteca, Diretório Geral, 1977. O livro em seu conjunto trata das questões diplomáticas da assinatura do contrato de exploração dos recursos hídricos do rio Paraná entre Brasil e Paraguai. Localizado na Biblioteca da Itaipu Binacional.

Bibliografia

- BOSI, Antônio de P.; DIAS, Edmundo Fernandes. **Estado, capital, trabalho e organização sindical: a (re)construção das classes trabalhadoras no Brasil**. Outubro, São Paulo, v. 11. 2005.
- CATTA, Luis Eduardo. **O cotidiano de uma fronteira**. Cascavel, Edunioeste, 2003.
 _____ . **A face da desordem: pobreza e estratégia de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu/1964-1992)**. UFF. 2005.
- CRUZ, Heloísa Faria. **Cultura, Trabalhadores e Viver Urbano**. Projeto História. São Paulo, PUC/SP, nº 18. 1999.
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). **Muitas memórias, Outras histórias**. Olho D'água. São Paulo. 2004.
- HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**. São Paulo. Paz e Terra. 1988.
 _____ . **Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado**. 2ª ed. Paz e Terra. SP. 2000.
- LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu e sua História**. Foz do Iguaçu, Imprensa Serzegraf. 2001.
- LOPES, José Sérgio Leite. **O vapor do diabo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e capital & salário, preço e lucro**. São Paulo. Expressão Popular. 2006.
 _____ . **O Capital**, livro 1, 3ª ed. São Paulo. Nova Cultural. 1988.
- MAZZAROLLO, Juvêncio. **A Taipa da Injustiça**. 2ª Ed. São Paulo: Ed.Loyola. 2003.

- MEDEIROS, Mônica Xavier de. **“Bom mesmo é ser metalúrgico”**: vivências de trabalhadores metalúrgicos na cidade de São José dos Campos - SP. Universidade Federal de Uberlândia – UFU/MG. 2006.
 - MENESES, Ulpiano B. **A história cativa da memória?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, nº 34. 1992.
 - PEREIRA, Osny Duarte. **Itaipu – prós e contras**. Editora Paz e Terra. 1974.
 - POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento e silêncio”**. In Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 02, n.3. 1989.
 - PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. In: Revista Tempo. UFF-RJ. Vol. 1.nº 2. Dez. 1996.
- _____ . **Forma e significado na História Oral**. In: Revista Projeto História/Cultura e Representação, nº 14. 1997.
- RIBEIRO, Maria de Fátima B. **Memória do Concreto**. Cascavel, Edunioeste. 2003.
 - SADER, Eder. **Quando os novos personagens entram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo – 1970-1980**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.
 - SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação**. São Paulo: Edusp. 1997.
 - SCHILLING, Paulo R. CANESES, Ricardo. **Itaipu geopolítica e corrupção**. São Paulo: CEDI. 1991.
 - SCHIMMELFENG, Otília. **Retrospectos Iguazuenses**. Foz do Iguaçu, Editora Tezza. 1991.
 - SOUZA, E. Belo Clemente. **Estado: Produção da Região do Lago de Itaipu – Turismo e Crise Energética**. Presidente Prudente. 2002.
 - THOMPSON, E.P. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. 2 Volumes.
- _____ . **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1981.
- _____ . **Costumes em Comum**. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.
- THOMPSON, Alistair. **Recompondo a Memória**. Revista Projeto História. São Paulo, nº 15. 1997.

- VARUSSA, Rinaldo José. **Experiência de trabalhadores na Justiça do Trabalho**. Revista História: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia, EDUFU. 2005.
- WEBBER, Darcilo. **FOZ em números**. S.W Pesquisa S/C Ltda. FI. 2003.
- WILLIANS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.